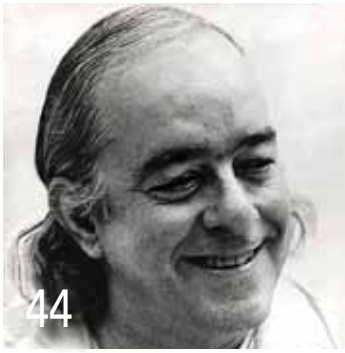
Este número é dedicado ao leitor de si mesmo.

iátrico

nº 29

COMO E POR QUE LER

ÍNDICE



3 IÁTRICA AOS LEITORES
O que querem?

4 COMO E POR QUE LER
Aprender a pensar.

24 SOBRE MÚSICA
Beatles e o rock clássico.

37 CARTA ABERTA
Sonhar e não ceder.

38 IGNORÂNCIA E DESCASO
Reino dos coliformes.

44 SOBRE POESIA
O olhar de Vinicius.

52 CINEMA
Visão e audição.

63 CADERNO AUSTRALIANO
Pensamento selvagem.

74 DO HIERÓGLIFO AO GRAFITE
Palavra, arte e rebeldia.

A CAPA

A arte busca comunhão. Busca a capacidade do observador encarnar sentido, estranheza, prazer, enfim, uma epifania do espírito na direção da alegria e da elevação. Para que seja sublimado pelo fogo dos sentidos.

As capas do **IÁTRICO** não vão tão longe, buscam apenas um olhar, significante. Mas, para a desta edição, não basta um momento. Exige concentração, devotamento, perspicácia na busca da evolução da vida. Do reino vegetal ao animal, é mais do que evolução biológica, é também signo. As formas gerando ideias. E esse amálgama só é possível quando o artista é ímpar, quando beira a genialidade. A artista portuguesa Gracinda Marques, a nosso pedido, para a chamada de capa *Como e por que ler*, conseguiu essa síntese que só um gênio maior pode produzir. E, nós, contemplativos, agradecemos.

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICO-CULTURAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ - EDIÇÃO Nº 29 CRM-PR – Rua Victorio Viezzer, 84 | Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340 | Fone: 41 3240-4026 | Email: iatrico@crmpr.org.br | Comissão de Comunicação: João Manuel Cardoso Martins, Carlos Roberto Goytacaz Rocha (presidente do CRM-PR), Miguel Ibraim Abboud Hanna Sobrinho, Gerson Zafalon Martins, Luiz Sallim Emed, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, Hélcio Bertolozzi Soares, Ehrenfried O. Wittig e Hernani Vieira | Editor-coordenador: João Manuel Cardoso Martins (Membro da Academia Paranaense de Medicina e Professor da PUC-PR) | Coeditor: Hernani Vieira (CTRS 993/06/98v - SINDIJOR 816) | Projeto Gráfico e Diagramação: Vert Comunicação (41 3024-0674) | Impressão: Finaliza Acabamentos Gráficos | Tiragem: 22.000 exemplares | Fotografias e Imagens: Pg. 24 Shutterstock (Charles Taylor); Pg 27: Shutterstock (Rybkina2009); Pg. 41 (inferior): Shutterstock (PixAchi); Cad. Australiano: Shutterstock - Edição Dezembro 2011.

Fonte: www.pedroalmodovar.es

Iátrica aos leitores: **o que querem?**

Conta-se que Freud, com frequência, tomava-se de perplexidade diante das mulheres. Chegou a compará-las ao imenso continente africano, exótico, difícil, impenetrável. Conta-se, também, que em certo momento de incompreensão teria dito: o que quer uma mulher?

No filme de Pedro Almódovar, *Fale Com Ela*, o cineasta propõe a solução, que está no próprio título. O personagem Benigno, e o nome não é em vão, é enfermeiro e cuida de sua mãezinha com provável Alzheimer. Pela janela de seu apartamento costuma ver uma jovem se exercitando numa escola de balé. Se apaixona platonicamente. O destino faz com que seja atropelada e fique comatosa. Para onde vai? Para o hospital onde o Benigno trabalha, e aos seus cuidados. Quatro anos em coma, e o enfermeiro com desvelo máximo cuida daquele corpo imóvel sem permitir qualquer escara e que permaneça lindo. E fala com ela como se consciente estivesse.

"O IÁTRICO É UM DESERTO DE OPINIÕES. OS LEITORES NÃO SE COMUNICAM, SIMPLESMENTE NÃO SABEMOS O QUE QUEREM, E SEGUIMOS UM EXERCÍCIO DE ADIVINHAÇÕES. "

No filme há uma fala em que Almódovar expressa o que é a necessidade de uma mulher: "A mulher precisa ser tocada, mimada, acariciada, você precisa falar com ela, ouvir seus segredos... fale com ela..." E Benigno segue a fórmula. Mas todo desvelo tem um preço. E o diretor, ao colocar aquela mulher, imóvel, à mercê do homem, boa coisa não pode ocorrer. A jovem engravida e vocês já sabem de quem. E aí se coloca o grave problema médico da interdição. Quando não há consensualidade não pode haver intercurso. É o que dá um homem inteiramente seu, plenamente dedicado, com um corpo à sua mercê.

Mas contei a história do filme para o leitor sentir a necessidade da fala. E por quê? Porque o **IÁTRICO** é um deserto de opiniões. Os leitores não se comunicam, simplesmente não sabemos o que querem, e seguimos um exercício de adivinhações. A imagem do deserto não é à toa. Nesta edição não temos *iátricas*, sinal de incomunicabilidade. Apenas dois leitores exerceram sua fala, o que é muito pouco para quem quer uma revista vibrante e que atenda às exigências culturais dos médicos. Fale conosco.

Fonte: www.wikipedia.org

Biblioteca barroca da Abadia Beneditina de Melk (Áustria).

Como e **por que ler**

O amigo leitor talvez tenha conhecimento do título em epígrafe do livro de Harold Bloom. Se não tem, deve lê-lo, é extremamente instrutivo, apesar das idiossincrasias do autor. Se não quiser se dar a esse trabalho, vou resumi-lo em poucas linhas.

Devemos ler primeiro para ter memória. São nossas leituras que criam as melhores e mais duradouras memórias. Devemos ler para aprender a pensar. Nisso não há salvação. Só com a leitura e posterior reflexão aprendemos a articular melhor nossas memórias, a lhes dar organização e consistência, e a poder, com isso, dialogar criativamente com os outros e consigo mesmo. Finalmente devemos ler para adquirir sabedoria. Com isso, fecho o livro e volto à sabedoria. Não que não a tenha no inculto, mas a chamada experiência de vida é necessariamente limitada, o que vivemos e com quem vivemos é um círculo restrito e que só pode ser expandido com o que chamamos sabedoria da vida. Ou seja, a experiência da vida, ao lado da ciência, da filosofia, da arte e do mito, constitui, segundo Ortega Y Gasset, uma das formas de o homem saber a que se ater no mundo.

Ora, nosso mundinho pessoal, vivencial, é exíguo, daí a necessidade de açambarcarmos outros mundos, o mundo de muitos outros, que nos deixaram uma herança valiosa que não podemos desprezar. Esse mundo só nos vem por meio da leitura crítica e da discussão produtiva. De outra forma, a experiência da vida não é a experiência da minha vida, e sim a produzida pela "decantação da presença de outras vidas na minha", assim nos diz Julián Marias. Só dessa maneira posso legitimar o entendimento em mim e para mim, e ser convincente num diálogo, ter a capacidade de bem julgar e, portanto, distinguir o falso do verdadeiro, o valioso do perfunctório. E para isso não necessito do eruditismo. Um homem pode

possuir muito saber e nenhuma sabedoria; ao contrário, pode revelar insuspeita sabedoria com escasso saber.

Mas, por que a leitura pode alargar tanto nossos horizontes? A biologia nos diz que é muito simples. O ser humano é visual e verbal, ao invés de um cão, essencialmente auditivo e olfativo. Característico de espécie. Tanto que um cão cego nos reconhece pelo cheiro e pela voz depois de muitos anos. Tivesse eu esse olfato, certamente seria um bom *sommelier*, como alguns da nossa espécie que o têm. Ou como ouvi de um produtor de vinhos para um colega de profissão: um belo escanção. O exemplo dado foi apenas para reforçar que não podemos abrir mão do nosso melhor, o visual e o verbal, e, portanto, da propriedade da palavra escrita. Se alguém nos diz "*nosce teipsum*", ou seja, "conhece-te a ti mesmo", frase inscrita na entrada do templo de Delfos, na Grécia, tendo como conotação a base da perfeição, é provável que essa memória auditiva pouco perdure. Se, no entanto, estivéssemos em Delfos, e a lêssemos, a possibilidade de perdurar seria grande, graças à nossa capacidade visual e à associação que fazemos com as outras memórias agregadas ao momento da exposição.

"NOSSO MUNDINHO PESSOAL, VIVENCIAL, É EXÍGUO, DAÍ A NECESSIDADE DE AÇAMBARCARMOS OUTROS MUNDOS."

A diferença da palavra oral para a escrita pode ser comparada com clareza utilizando a matemática oral, paupérrima dizem os neurocientistas, e, na escrita, provavelmente infinita. É esse fundamento de sermos visuais e verbais que gerou o culto à palavra escrita. De uma aula pouco lembramos depois de um único dia, desde que não tenhamos conhecimento prévio algum do conteúdo. De um bom e interessante texto muito retemos, principalmente se for refletido pós-leitura. Além do que um texto pode ser revisitado ene vezes, decorado, discutido, interpretado, compreendido, gerando memórias, às vezes, perenes. Tanto que tendemos a guardar conceitos, fatos, e não datas. Os fatos são complexos, associativos, podem ser emanações ricas. As datas são nuas, parcas em nudez imutável. O que é definitivo é que vivemos para aprender, e que só somos longevos intelectualmente com o aprendizado. E que aprendemos com leitura, e principalmente releitura. A releitura é sempre mais rica e preciosa, e crítica. Forja o leitor a separar o joio do trigo, sendo a maioria dos livros meras nulidades.

Se é tão importante a leitura, o que ler? A minha experiência pessoal começou na chamada cultura paralela, os quadrinhos, à parte a necessidade dos livros didáticos. Depois veio Tarzan. Ah, o Tarzan, esse arquétipo perfeito que todos conhecemos. Criança de pais aristocráticos ingleses é perdida numa floresta africana e criada por macacos. Quem não se interessa pelo que possa vir a ser, da sobrevivência à adultícia? Daí ter virado esse herói multifário de quadrinhos a filmes. Pois foi num episódio de Tarzan que o tradutor lascou a palavra acepipes. Pelo texto, primário que era em leitura, não consegui conotá-la. Dicionário não havia em casa, aliás não havia livros, à exceção dos didáticos. Também no colégio não havia. Pobres tempos. Hoje há tudo, bastando teclar o Google... Meus pais, parcos em letras, nem tentei. Mas a professora talvez soubesse. Ao argui-la, apesar do meu primarismo em duplo sentido, senti que me enrolou. E acepipes deslizaram na minha mente por bom tempo. Se apenas tivesse ouvido a palavra, provavelmente não teria causado o menor efeito. Mas, escrita e não sabida, virou obsessão. Até chegar a um dicionário. Significado: iguaria. Fiquei na mesma. Mas palavra puxa palavra. Fui à iguaria: comida apetitosa, gostosa. Ah, que valor têm os dicionários. Já passei horas deliciosas, como os acepipes, folheando esses livros. Estão entre os livros que mais amo. Tanto que sou fissurado, e tenho vários. O melhor atual? O Houaiss.

Mas dei esse exemplo ao leitor, de como comecei, só para deixar claro que o importante no início é adquirir o gosto pela leitura. Tornar a leitura gostosa, apetitosa feito uma iguaria. Essa inclinação tem muito de genética, mas tem também o polimento educacional. Para essa ourivesaria fina do intelecto não podemos ficar na lagoa rasa da leitura comum. Jornais, revistas e a quase totalidade dos livros são leitura comum. Pouco acrescentam

a quem se quer um intelecto forte. Se quisermos avançar, evoluir, temos que singrar mar alto. Temos que ir aos clássicos, os imortais. Somente a leitura meditada e discutida dos clássicos nos dá uma base educacional ampla e liberta, nos dá a possibilidade de sair da camisa-de força do cotidiano baseado em clichês e num repertório exíguo. É essa formação reflexiva que permite um autoexame isento e crítico a cada circunstância e nos liberta das ideologias e das pseudociências. Em suma, nos convence e nos torna convincentes e, portanto, nos torna seres autônomos.

Convido, agora, o leitor amigo que ainda não participou desse banquete a ler dois livros. O primeiro, *Dom Quixote*, de Cervantes. A relação de Quixote com Sancho Pança é um diálogo psicanalítico. Quando Quixote delira é o simples Sancho que o põe na terra. No entanto, o simplório Sancho consegue admirar as sacadas do "cavaleiro de triste figura". Há veemência, mas há também respeito mútuo. A consequência é que ambos se modificam. Esse é o efeito terapêutico de um diálogo profícuo e produtivo. O segundo é *Hamlet*. Os solilóquios em *Hamlet* são uma ode à autoescuta. Shakespeare inventou um monólogo interior, por isso se diz que "inventou" o ser humano, e *Hamlet* mostra esse duplo eu. Interessante notar que os dois, *Dom Quixote* e *Hamlet*, foram criados mais ou menos à mesma época.

Diálogo e monólogo, essências do humano. Uma boa maneira de navegar em busca de novas descobertas. Para isso, ler é preciso.

"SOMENTE A LEITURA MEDITADA E DISCUTIDA DOS CLÁSSICOS NOS DÁ UMA BASE EDUCACIONAL AMPLA E LIBERTA, NOS DÁ A POSSIBILIDADE DE SAIR DA CAMISA DE FORÇA DO COTIDIANO BASEADO EM CLICHÊS E NUM REPERTÓRIO EXÍGUO."

Biblioteca Ursino de livros raros - Catania - Sicília (Itália)

Fonte: www.shutterstock.com

Como e por que ler **um artigo científico**

Desde que o conhecimento médico se desdobrou em especialidades e subespecialidades, seu crescimento tem sido vertiginoso. Se por um lado apareceram grandes dificuldades na visualização e apreensão do saber como um todo, pelo outro, o crescimento particular de cada uma das áreas gerou um número muito grande de pesquisas individualizadas e cada um desses compartimentos colaborou de maneira exponencial para o crescimento do saber. É impossível, hoje em dia, atualizar-se em todas as áreas da Medicina e, até mesmo, dentro de uma única especialidade.

Aliando-se a essa verdadeira avalanche de novos conhecimentos, o médico atualmente encontra-se assoberbado pelas obrigações, com múltiplos empregos e com preenchimento de papéis exigidos pela burocracia associada ao atendimento do paciente. Ele raramente dispõe do tempo que desejaria para poder ler e assumir o controle sobre as novidades que aparecem. Torna-se, portanto, fundamental não só que ele leia, mas que, também, saiba escolher o que ler, com o intuito de tirar o melhor proveito possível de seus recursos disponíveis.

"O MÉDICO RARAMENTE DISPÕE DO TEMPO QUE DESEJARIA PARA PODER LER E ASSUMIR O CONTROLE SOBRE AS NOVIDADES QUE APARECEM."

Livros-textos são importantes. Contudo, começam a perder a sua importância uma vez adquirida a formação científica de base porque não acompanham a velocidade de aparecimento dos novos conhecimentos. Muitos se tornam obsoletos assim que se termina sua redação e/ou tradução. Assim, o médico se vê obrigado a buscar o conhecimento na fonte, ou seja, na leitura dos artigos científicos.

Quando a ciência cresce, crescem todos os tipos de pesquisa: as boas, as más, as interessantes, as de ciência básica aparentemente ou realmente muito complicadas, aquelas com bastante aplicabilidade prática, aquelas que não parecem ter finalidade alguma, e até mesmo aquelas que podem deixar dúvida quanto aos resultados obtidos. Dentro deste verdadeiro mar de informações, como escolher o que ler? É crucial uma seleção adequada. Entre os vários processos de seleção para leitura de um artigo científico, encontra-se o proposto por Mac Auley, conhecido como método READer – um acrônimo usado para listar os fatores mais relevantes a serem levados em consideração do que ler e de como fazê-lo. Assim, um primeiro passo é proceder à leitura do resumo de forma a ver se o texto em questão se encaixa dentro dos itens do quadro abaixo.

O QUE LER?
R= Relevância
E= Educação
A= Aplicabilidade

COMO LER?
D= Discriminação

Relevância diz respeito a assuntos comuns na prática geral. É mais importante saber tratar adequadamente um ombro doloroso do que se preocupar com o fato de que a transformação de um anticorpo anti-dsDNA de IgM para IgG prenuncia o aparecimento de determinados achados clínicos num paciente com lúpus eritematoso sistêmico. Artigos de ciência básica são muito importantes para a progressão do conhecimento científico, para o pesquisador que, apoiando-se nesses achados, consegue fazer uma ponte entre os mesmos e a prática do dia a dia, mas complicados e pouco úteis para o clínico que está na linha de frente, no atendimento direto com o paciente.

Educação concerne à capacidade da informação em questão alterar o comportamento do leitor. Assim, se no

texto em questão existem evidências de que o repouso é prejudicial no tratamento da lombalgia por diminuir o trofismo muscular e criar no paciente a sensação de incapacidade, este tipo de artigo irá mudar as recomendações que médico fará ao tratar um paciente com esta entidade, trazendo-lhe benefícios.

Aplicabilidade à realidade individual é algo a ser levado em questão em nosso meio, no qual os recursos econômicos destinados à saúde devem ser cuidadosamente partilhados. PET scan pode ser uma maneira maravilhosa de identificar pontos de inflamação em pacientes com vasculites de grandes vasos, mas tem um custo proibitivo na maioria das situações.

O último item, discriminação, diz respeito à qualidade do artigo, ou seja, à sua credibilidade. Aqui devem ser avaliados: metodologia empregada, ou seja, o desenho do estudo, tamanho e seleção da amostra, métodos utilizados para aferição de resultados e análise estatística, validade interna e validade externa do mesmo. Muitos investigadores chamam a atenção para a falta de rigor científico de muitos artigos, mesmo os publicados em revistas bem consideradas, sendo necessário que o leitor aplique um filtro individual à leitura do mesmo. Por último, ainda no item discriminação, é fundamental que o leitor decida se um resultado considerado estatisticamente significante é, também, um resultado clinicamente significativo. Por exemplo: de que adianta um estudo mostrar que os anti-inflamatórios não hormonais são melhores do que o paracetamol no tratamento da osteoartrite de joelho porque, após seu uso, um paciente consegue caminhar 500 metros de maneira mais rápida se a diferença de tempo verificada entre os dois medicamentos é de menos de 1 minuto?

A aplicação dos itens acima descritos é um guia prático para orientar o médico a utilizar com bons resultados o parco tempo que dispõe para leitura. Fazendo uma leitura criteriosa ele poderá adquirir conhecimentos realmente válidos e melhorar a sua prática diária ao transpô-los das provas existentes na investigação para o atendimento individualizado ao paciente.

Dra. Thelma L. Skare (PR).

"É FUNDAMENTAL QUE O LEITOR DECIDA SE UM RESULTADO CONSIDERADO ESTATISTICAMENTE SIGNIFICANTE É, TAMBÉM, UM RESULTADO CLINICAMENTE SIGNIFICATIVO."

Biblioteca Barroca - Praga (Rep. Checa)

Fonte: www.shutterstock.com

Basílica de São João Latrão (Vaticano).

COMO LER UMA IGREJA

Como bom presbiteriano, fui criado para desprezar imagens religiosas. Afinal, um dos grandes pontos da reforma de Lutero foi o retorno às origens da Igreja, quando as reuniões eram feitas nas casas dos fiéis, sem adereços ou adornos. Mas, talvez pela curiosidade do que é tabu, sempre prestei muita atenção nas ilustrações que via em enciclopédias e livros de arte, que representavam imagens cristãs e religiosas. Mesmo nas Igrejas Católicas, em que eu ia a casamentos de vez em quando, sempre tentava achar toda a sequência das paradas da via crucis, habitualmente numeradas com algarismos romanos.

Quando o destino me deu a oportunidade de viajar mais, comecei a visitar as grandes catedrais de outros países, especialmente na Europa, meus olhos se encheram: chãos decorados, túmulos ornamentados, capelas com quadros de pintores famosos, padrões que se repetiam em estátuas, pinturas e vitrais. Comecei então a estudar mais o que via, e então descobri do que meus olhos se enchiam: símbolos. Cada figura, imagem ou ornamento tentava, na verdade, transmitir uma ideia maior. Esse conhecimento permitiu aproveitar muito mais da visita do que só achar uma igreja "bonita" ou "imponente". Tornou-se um hábito ficar um tempinho a mais descobrindo os signos que uma geração tentou passar para outra.

O conceito de "ler uma igreja" vem do fato de que muitos acreditam que as igrejas antigas, medievais, deviam ser como um livro de histórias ricamente ilustrado. As pessoas eram analfabetas, na sua grande maioria, e esta seria uma maneira de passar a tradição cristã para as gerações. Mas, seria muito difícil que os fiéis entendessem toda a história através das imagens sem que não soubessem de antemão o significado de cada uma. Acho que é muito similar às ocasiões em que vamos ao cinema para ver um filme baseado em livro conhecido e o diretor acerta em cheio, nos dando aquela sensação de familiaridade – puxa, foi assim mesmo que eu imaginei essa cena. Assim era quando, dos reis aos camponeses, os atendentes das igrejas observa-

"O CONCEITO DE 'LER UMA IGREJA' VEM DO FATO DE QUE MUITOS ACREDITAM QUE AS IGREJAS ANTIGAS, MEDIEVAIS, DEVIAM SER COMO UM LIVRO DE HISTÓRIAS RICAMENTE ILUSTRADO. AS PESSOAS ERAM ANALFABETAS, NA SUA GRANDE MAIORIA, E ESTA SERIA UMA MANEIRA DE PASSAR A TRADIÇÃO CRISTÃ PARA AS GERAÇÕES."

vam aquelas imagens. Elas eram como imaginavam que aquela história tinha sido.

Todo templo é carregado de significado, a começar pela arquitetura. No Templo de Salomão, em Jerusalém, o chegar até o Divino era uma jornada que começava em um pátio em que todos podiam entrar (o pátio dos gentios), depois um pátio em que só judeus podiam entrar, seguido de um pátio em que só os sacerdotes podiam entrar. O templo em si era um vestíbulo inicial e a nave (corredor), onde aconteciam os sacrifícios. No final da nave, separado por uma cortina, estava o Santo dos Santos, um espaço onde Jeová habitava e só o sumo sacerdote podia entrar, uma vez por ano.

Nas igrejas e catedrais a intenção é a mesma. Na idade das trevas, o pátio ao redor da igreja era considerado santificado, e pessoas que não queriam ser presas em flagrante pediam "santuário" nestes lugares. A entrada das pessoas se dá habitualmente pela face oeste da igreja, pois o altar está sempre na face leste. Aparentemente esta tradição vem antes da era cristã – a adoração ao nascer do sol. Seguindo pela nave, antes de se chegar ao altar, habitualmente existem duas alas que dão ao prédio um formato de cruz – o transepto. Antes do altar ou mesa, um ou mais degraus discretos levam a uma área do altar isolada e mais alta, muitas vezes separada dos fiéis por uma grade – e depois do altar em si, na parede, existe uma réplica dos Santo dos Santos. Mas, agora ele contém um cálice, que convida toda a comunidade para uma ceia comum – segundo o evangelho de Mateus, quando Jesus morreu a cortina que separava Deus da humanidade rasgou-se de alto a baixo.

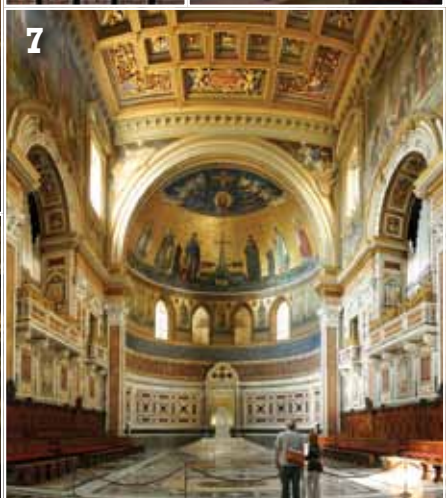
"TODAS AS IMAGENS DE SANTOS NAS QUAIS CARREGAM UMA PALMA, OU UMA É ENTREGUE A ELES POR ANJOS, SIGNIFICAM QUE AQUELE SANTO FOI MARTIRIZADO, MORTO POR SUA FÉ."

O que mais podemos "ler" numa igreja? O que se segue não é um guia completo, mas um relance para que se possa aproveitar mais os detalhes.

CRUZES – Obviamente, cruzes e crucifixos adornam

SUGESTÕES DE "LEITURA"

1. Basílica de S. Pedro (Vaticano); 2. Ig. de Sto. Inácio (Roma/ITA); 3. Cap. Paulina (Vaticano); 4. Basílica de Sta. Maria Maior (Vaticano); 5. Catedral de St. Salvador (Bruges/Bélgica); 6. Catedral de Ely (Cambridge-



quase todos os espaços de uma igreja. Um exercício de imaginação seria colocar um legionário romano como observador – para ele, não haveria uma morte mais humilhante e abjeta, só reservada para a ralé. Os ricos eram decapitados. É irônico que tenha se tornado um símbolo religioso reconhecido em todo mundo. Um crucifixo é uma imagem com Jesus na cruz – em uma igreja protestante, habitualmente, só há uma cruz vazia, indicando que Jesus morreu, mas ressuscitou.

Existem cruzes de várias formas: célticas, papais, patriarcais. Um exemplo interessante é o tau (T), letra grega adotada por São Francisco de Assis e adotada como símbolo de seu movimento.

AS ESTAÇÕES DA CRUZ – Verdadeira "história em quadrinhos" presente em toda Igreja Católica, é composta de 14 figuras representando desde a condenação até o sepultamento de Jesus. *A Paixão de Cristo*, de Mel Gibson, é basicamente uma filmagem das estações. Embora seja uma coletânea de informações dos quatro evangelhos (nenhum deles tem a história da Paixão como um todo), duas estações são tradições católicas e não estão na Bíblia – o encontro com a Virgem Maria e o encontro com Verônica, mulher que limpa o rosto de Jesus com um lenço e este fica impresso com sua face.

FLORES E PLANTAS – Usadas em ornamentos de bancos, molduras de quadros e cortinas, todas as flores e frutos em igrejas são carregados de significado. As uvas e videiras são relacionadas ao vinho usado na última ceia, e muitas vezes são representadas com ramos de trigo, simbolizando o pão.

O ramo da oliveira é um símbolo universal da paz, mas sua origem é bíblica – a pomba liberada por Noé volta com um desses ramos no bico, indicando que as águas abaixaram. A oliveira sempre representa a abundância.

A Virgem Maria é representada na sua condição feminina através de várias flores, como a rosa, as íris, as violetas e principalmente os lírios brancos.

shire, Inglaterra); 7. Basílica de S. João Latrão (Vaticano); 8. Catedral de S. João (NY/EUA); 9. Basílica de S. Marcos (Veneza/ITA); 10. Ig. de Sto. Inacio (Praga/CHE); 11. Ig. de S. Miguel (Munique/ALE); 12. Basílica de S. Paulo Fora dos Muros (Vaticano); 13. Ig. de S. Francisco (Salvador/BRA); 14 Catedral de Notre Dame (Paris/FRA)

A folha de palmeira, ou palma, tem significado muito especial: representa a vitória sobre a morte. Todas as imagens de santos nas quais estes carregam uma palma, ou uma é entregue a eles por anjos, significam que aquele santo foi martirizado, morto por sua fé.

ANIMAIS – Todos os animais representados perto de santos ou sozinhos apresentam significados. Perto de pessoas virtuosas se encontram cães, símbolos da fidelidade; o burro ou jumento, associados à cena da natividade, representa a humildade; e o cervo, a ânsia de conhecimento espiritual.

Três animais representam evangelistas: o leão de Marcos, o boi de Lucas e a águia de João. O quarto, Mateus, é representado por um homem ou um anjo. O leão também é um atributo de Jerônimo.

Vários animais representam Jesus, mas principalmente o cordeiro (Agnus Dei, o Cordeiro de Deus), a ovelha e o peixe (também símbolo do cristianismo em geral). Em alguns lugares uma figura incomum aparece: o unicórnio. Este ser mitológico teria a fama de ser indomável, mas se tornaria dócil na presença de uma virgem, em cujo colo ele poria a cabeça e descansaria – então a associação com o poderoso Deus habitando o ventre de uma virgem. O chifre do unicórnio (certamente difícil de encontrar) era um antídoto famoso para venenos na Idade Média, assim como Jesus seria o antídoto para os pecados do mundo.

Perto de cenas de crucificação podemos achar pelicanos. A lenda antiga dizia que este pássaro bicava o próprio corpo para alimentar os seus filhotes, uma analogia direta ao sacrifício de Jesus. Outro pássaro comum nas igrejas é a pomba, símbolo do Espírito Santo.

O mal é representado por monstros, dragões e escorpiões. A serpente habitualmente é associada ao mal, desde o "tempo" de Adão e Eva. A imagem de uma serpente sendo pisada e esmagada significa o triunfo sobre o mal, e uma serpente nos pés da cruz, a vitória de Jesus sobre a morte. Em contraste, quando uma serpente está enrolada sobre um cajado ou vara, ela é um símbolo de ressureição. Isto vem da Bíblia hebraica, quando os hebreus no deserto foram atacados por uma multidão de cobras e só eram curados quando tocavam uma serpente de bronze que Moisés tinha erguido em um poste.

SANTOS – Os santos são facilmente identificados graças a seus atributos – características físicas, objetos ou situações que são relacionados à sua vida ou a maneira como morreu. Por exemplo: São Pedro, na maioria das vezes, é apresentado segurando chaves, pois, no evangelho de Mateus, Jesus revela que lhe entregará "a chave dos céus". Além disso, ele sempre apresenta um semblante sereno, porém firme, com uma barba branca paternal. Paulo, em contraste, é sempre calvo, circunspecto, com a testa enrugada, como que preocupado – talvez com todas as igrejas que ele fundou nos primórdios do cristianismo – e segurando outro atributo seu, a espada, com a qual teria sido decapitado a mando de Nero. João Batista é uma figura muito popular, que independentemente de ser representado como uma criança ou como adulto, sempre carrega um cajado em forma de cruz e uma parte da vestimenta composta de pele de animais. Uma faixa com os dizeres: "Este é o cordeiro de Deus – Ecce Agnus Dei" está em sua mão ou amarrada no cajado.

Há mais de 10.000 santos e beatos na Igreja Católica, e alguns com atributos populares e curiosos:

São Lourenço – Seu atributo é a grelha, sobre a qual foi assado vivo. A lenda áurea conta que, com um misto de bravura e ironia, disse aos seus carrascos: "Podem me virar, já estou pronto desse lado!"

São Sebastião – Habitualmente é representado como um jovem com o corpo varado de flechas. Cabe dizer que, embora que condenado a morrer desta maneira, não morreu nesta ocasião. Teve que ser espancado até a morte em um momento posterior.

São Pedro Mártir – Frade dominicano, facilmente identificado pelo hábito preto e branco e por um cutelo (pequeno machado) enterrado no crânio – não por coincidência, o santo invocado para ajudar nas cefaleias.

São Bartolomeu – Uma figura sempre dramática, que tem como atributos a faca com a qual foi esfolado vivo

Caravaggio - A Morte da Virgem.

Pintura de São Miguel lutando contra Satanás (Guido Reni), na Igreja de Santa Maria da Conceição - Roma). Um mosaico da mesma pintura decora o altar de S. Miguel na Basílica de São Pedro.

"O CONHECIMENTO DESTA SIMBOLOGIA E ICONOGRAFIA NOS AJUDA A APRECIAR MELHOR O ESFORÇO E A DEDICAÇÃO DE ARTISTAS, ARTESÃOS, ARQUITETOS E PEDREIROS QUE AJUDARAM A LEVANTAR AO LONGO DE SÉCULOS ESTAS CÁPSULAS DE TEMPO-ESPAÇO QUE NOS ISOLAM NO MUNDO EXTERIOR."

e a sua pele pendurada em seu braço. No *Julgamento Final,* da Capela Sistina, Miguel Ângelo representou a si mesmo na pele pendente do braço do santo.

São João Evangelista – No livro *O Código da Vinci*, o autor Dan Brown sugere que a pessoa de traços jovens encostado no ombro de Jesus na *Última Ceia,* de Da Vinci, seja não João, mas Maria Madalena. Mas, basta uma busca em outras fontes iconográficas, como a extraordinária tela de Caravaggio *A Morte da Virgem*, para notar que o "discípulo favorito" é sempre demonstrado como um jovem imberbe, de cabelos longos e traços femininos. Outros atributos de João são a águia e o copo com uma cobra no seu interior, simbolizando o veneno que ele tomou em resposta ao desafio da sacerdotisa da deusa Diana, em Éfeso.

Muitas outras representações de Deus, Jesus, da Virgem, letras, números e acontecimentos do Velho Testamento podem ser encontrados em igrejas. O conhecimento desta simbologia e iconografia nos ajuda a apreciar melhor o esforço e a dedicação de artistas, artesãos, arquitetos e pedreiros que ajudaram a levantar ao longo de séculos estas cápsulas de tempo-espaço que nos isolam no mundo exterior, ajudando-nos a experimentar o transcendente. Sou grato à minha formação protestante, que enfocou sempre o conhecimento do texto e me fez conhecer as histórias que agora posso ver tão ricamente ilustradas.

Dr. Eduardo S. Paiva (PR).

"LENDO" A **CAPELA SISTINA**

No **TETO**, Michelangelo representou a Criação do Universo até a Embriaguez de Noé, incluindo mais 7 episódios do Gênesis, 7 profetas, 5 sibilas que teriam anunciado a vinda de Cristo e 4 cenas representando façanhas de heróis de Israel: Davi e Golias, Judite matando Holofernes, Ester denunciando perseguições de Amã aos judeus e o episódio em que aqueles que tivessem fé poderiam se curar olhando para uma serpente de bronze, colocada no alto de um poste por Moisés.

TENTAÇÃO DE CRISTO (Botticelli - localizada na parte direita a partir do altar.). As três tentações integram-se na Cena do Sacrifício Judeu. À esq. a tentação do pão; no meio, a tentação no pináculo do templo, tentação do triunfo e da glória; à dir., tentação das riquezas e do domínio sobre os reinos da Terra (nesta enquanto Cristo mantém os atributos luminosos, o demônio revela sua verdadeira natureza. Deixa cair o bastão e perde o hábito monacal, mostrando então o corpo animalesco recoberto de pelos.

Na ÚLTIMA CEIA (Rosselli - localizada na parte direita a partir do altar.) os apóstolos são facilmente identificados pelos seus atributos. João é retratado com traços jovens e femininos. Também figura um gato (que parece brigar com um cão ou texugo) e a mesa tem a forma mais de ferradura. Note-se que a pintura possui mais 4 personagens e a representação de duas cenas do Monte das Oliveiras (o adormecimento dos Apóstolos e a prisão de Jesus) e a Crucificação. Tudo isso ocorreu depois da última ceia.

A ENTREGA DAS CHAVES A SÃO PEDRO (Perugino - localizada na parte direita a partir do altar.) é a representação do tema que tem especial importância para o sistema ideológico que fundamenta a Igreja Instituição, e não apenas a Católica Apostólica Romana, mas todas as Igrejas Cristãs. Pedro recebe das mãos de Jesus duas chaves: a de prata simboliza o poder de desligar a Terra ao Céu e a de ouro simboliza o poder de ligar a Terra ao Céu.

SÃO LOURENÇO com a grelha.

SÃO JOÃO BATISTA na pele de camelo.

SÃO BARTOLOMEU, segurando sua própria pele na qual o artista pintou seu autorretrato.

SANTA CATARINA DE ALEXANDRIA com a roda dentada.

O **ARCANJO SÃO MIGUEL** com o Livro dos Eleitos.

SÃO SEBASTIÃO de joelhos com as flechas na mão.

SÃO BASÍLIO com o pente para tratar lã.

SÃO PEDRO com as duas chaves.

O JUÍZO FINAL (Michelangelo) expressa vigorosamente o conceito de Justiça Divina, implacável em relação aos condenados. Na parte central, o Cristo é o Juiz dos eleitos que sobem ao Céu. Na parte inferior, no centro, os anjos do Apocalipse despertam os mortos ao som das longas trombetas; à esquerda, os ressuscitados que sobem para o céu recompõem seus corpos (Ressurreição da carne); à direita, anjos e demônios competem para precipitar aos condenados no inferno. Por último, abaixo, Caronte a golpes de remo, junto com os demônios, faz os condenados descerem de barco para conduzi-los diante do juiz infernal Minos, com o corpo envolto pelos anéis da serpente. Nesta parte é evidente a referência ao Inferno da Divina Comédia de Dante Alighieri.

Como ler **a cidade?**

Caminhar pelas ruas pode ser uma boa maneira de despertar o interesse pela cidade. Num primeiro momento, este andar despreocupado pode trazer indagações provocativas que desenvolvem o modo de olhar, de estabelecer ligações com o lugar onde se vive.

Muitas vezes nos acostumamos com a paisagem por onde passamos diariamente e deixamos de perceber como o espaço urbano se organiza, quais as razões que levaram certas ruas e praças a se transformarem em marcos culturais.

Pela observação cuidadosa a cidade pode ser "lida" de diversas maneiras, quer seja por sua paisagem ou pelo contraste entre o que está mais à mostra e aquilo que se oculta.

Mas, como se lê isso? O que se pode tirar de um olhar?

É através de uma observação atenta às fachadas, telhados, portas, janelas, cartazes pregados nas paredes, letreiros comerciais, luminosos ou não, buracos nas calçadas e vias, latas de lixo, bueiros, pisos, passarinhos bebendo água nas poças, veículos e, principalmente, pessoas.

A rua pode se transformar em moradia, onde as paredes são representadas pelas fachadas dos prédios. O escritório pode ser um muro onde se apoia um bloco de apontamentos, a biblioteca se encontra na banca de jornais e as sacadas podem ser representadas pelos terraços dos cafés, onde, após o trabalho, pode-se observar o ambiente.

Grafites, placas e propagandas fazem parte de uma escrita coletiva que não tem apenas um autor. São textos colaborativos feitos e refeitos diariamente como se fizessem parte de um grande livro sem numeração nas páginas.

Cinemas, teatros, centros comerciais e templos são pontos de observação comportamental e vias de acesso e estacionamentos refletem o quanto a cidade interage.

Para ver a cidade precisamos de veracidade.

Qual é a melhor cidade para se viver?

Deisi Casarin (SC).

"GRAFITES, PLACAS E PROPAGANDAS FAZEM PARTE DE UMA ESCRITA COLETIVA QUE NÃO TEM APENAS UM AUTOR. SÃO TEXTOS COLABORATIVOS FEITOS E REFEITOS DIARIAMENTE COMO SE FIZESSEM PARTE DE UM GRANDE LIVRO SEM NUMERAÇÃO NAS PÁGINAS."

Atlético Clube de Portugal (na Tapadinha).

Linguagem **dos gestos**

Estava ao final do primeiro ano escolar em Lisboa, já lia e entendia o que lia, naquela fase em que queremos ler tudo, sobretudo letreiros. Fui com minha mãe a um açougue. Do lado de fora do balcão, uma pequena mesa com um jornal aberto em página de esportes. Depois de genérica olhada, vi a classificação do que supus ser o campeonato brasileiro, afinal lá só havia um campeonato e se chamava nacional. No primeiro lugar, Flamengo, em segundo, Vasco da Gama, em último um tal Canto do Rio. É, já existiu esse time, saco de pancada dos grandes, hoje apenas um clube social de Niterói. Já perceberam meu equívoco, tratava-se do campeonato carioca. Foi amor à primeira leitura, Vasco, que nem era o primeiro. E, claro, não tinha a menor ideia nem do navegador nem de quaisquer coisas correlatas. Quis o destino que em menos de um ano emigrasse para o Brasil, a bordo da terceira classe do *Highland Monarch,* nome soberbo para um navio de médio porte de bandeira inglesa. Foram 15 dias de travessia atlântica, fato marcante para o resto de minha vida. Não só pela solidão oceânica, como por não entender patavina do linguajar predominante, o inglês. E uma coisa horrorosa: não havia café com leite nas refeições intermediárias, mas, sim, chá com leite. Minhas leituras eram fragmentadas, tinha que entender mais a linguagem gestual, com apenas sete anos de idade. Bem, como notaram, pela via da linguagem comum, o meu time no Brasil tornou-se o Vasco. E o que a infância ama, não se desvanece. Mas, acreditem, o meu time verdadeiro do coração não é o Vasco, porque o precede.

Lá pelos cinco anos de idade, meu pai, chofer de táxi

em Lisboa, bairro Alcântara, zona portuária, era adepto do Atlético Clube de Portugal, time do bairro e da primeira divisão, e me levava em domingos de jogos, na Tapadinha, seu estádio, se é que pode ter esse nome de tão acanhado. De mãos dadas, subia a alameda que levava a um recinto verdadeiramente religioso, a tal Tapadinha. Como ainda não era alfabetizado, tudo que compreendia vinha da gestualidade paterna. O Atlético, hoje na 3ª divisão, mas na época time intermediário que, às vezes, aprontava para os grandes, Benfica, Sporting, Porto e Belenenses. Meu pai era um apaixonado pelo time, tipo visceral, e devoto me tornei. Lembro-me como se hoje fosse, o Atlético jogando contra o Lusitano de Évora, outro que despencou, e o nosso time ia bater um escanteio – lá, pontapé de canto ou esquinado – e perguntei-lhe se nosso time já marcara algum golo – lá é assim – dali. Sorriu e disse: já vi! Se verdadeiro ou não, nunca soube, mas nunca esqueci essa alegria. Sem saber o que era gol olímpico, soube da suposta façanha, e o menino em mim se regozijou. Lembro-me também que todos os goleiros – lá, guardarredes – usavam boné. Perguntei-lhe o porquê, essa obsessiva curiosidade que nunca me abandonou. Deu-me alguma resposta solar que aquiesci. Na verdade, nunca tive tanta felicidade num campo de futebol quanto nessa época em que nada entendia e apenas observava as atitudes paternas, e imitava. Quando o time ganhava era a glória, passava no bar do Maravilha, seu amigo, e tomava uma taça de vinho. Estava terminado o culto à vitória dos nossos.

"ATÉ HOJE ME EMOCIONO QUANDO PENSO NUMA FIGURA QUE SOUBE LER COM EMOÇÃO UM FRAGMENTO DE MINHA INFÂNCIA E PREMIÁ-LA, ABSORVENDO TODO O ÔNUS."

Mesmo não alfabetizado, sabia o nome de todos os jogadores, a começar pelo Ernesto, o guardarredes. As cores? Não, não era rubro-negro. Listras verticais amarelas e azuis, auriceleste.

Quis o tempo que visitasse esse templo lúdico outras vezes, para decepção do agora adulto que passou a achá-lo apequenado e decadente, vivendo situação pré-falimentar e habitando divisões inferiores. Mas o paciente leitor pode notar duas leituras fundamentais que em mim se exerceram: a linguística, que me levou ao Vasco; e a gestualidade paterna ao Atlético. E é do valor dessas leituras diferentes que quero prestar conta, as mais importantes para qualquer ser. Mas há ainda um valor mais nobre e essencialmente humano.

Na última visita que fiz à Tapadinha – não vale imaginar qualquer relação erótica –, encontrei uma senhora zeladora do pedaço. Lavava uniformes, cuidava dos armários dos jogadores, coisas afins. Indaguei como poderia adquirir um fardamento – lá tem esse nome – do Atlético. Informou-me que seria difícil, talvez na maior loja de material esportivo de Lisboa, na Rua Almirante Reis. Não lhe sabia o nome. Mas, lá fui e a encontrei. À porta, um senhor que via o movimento, quis saber o que desejava. Seu nome, Ernesto. Contei-lhe que era do Brasil, torcedor do Atlético, repeti-lhe toda a escalação do time da década de 50 e, embora, sportinguista, ficou deveras impressionado. Por acaso do destino, não tinha apenas o mesmo nome do guardarredes, era também o dono da loja e produzia todo fardamento para os grandes clubes de Lisboa, e me falou ser impossível encontrar fardamento do Atlético. Só o produzia sob encomenda do clube, o que era raro. E que ninguém ia atrás de camisolas da terceira divisão. De repente, parou, pensou, e falou: vou produzir um fardamento original do Atlético para sua senhoria. Constrangido, ponderei que estava voltando na noite seguinte para o Brasil. Disse-me: mas então, torna-se impossível! Novamente parou, pensou, e peremptório: esteja amanhã aqui às 16h que estará pronto. Sabem o que aconteceu? O senhor Ernesto simplesmente parou a produção dos uniformes usuais para fazer um único e exclusivo para mim. E mais, sem ônus. Podem ter noção de seu prejuízo? Mas essa linguagem não se aprende, é inata; da pessoa que ama o que faz, se comove com o interesse raro do outro, e que ainda tem a generosidade de agradar um forasteiro. Grande Ernesto! Até hoje me emociono quando penso numa figura que soube ler com emoção um fragmento de minha infância e premiá-la, absorvendo todo o ônus. Restou-me apenas minha gratidão na forma de um abraço e de um tímido beijo. Em sua honra mantenho o fardamento intocado.

Se você **quiser**

Não sou afeito a caminhadas, mas, se desejar, flanarei com você por Paris. Tipo andar errático, buscando o que o dia nos oferecer.

Amo museus, é certo que por visitações não muito prolongadas. Por você abro mão, prolongo-as, ou se quiser, desprezo-as. Até para nos sentarmos em simples bancos de jardim apenas para observar e conversar. Observação do acaso e conversa romântica.

É, não me via romântico, mas com você descobri um lado obscuro que clareou sentimentos. Aquela coisa que mexe e enternece. Isso! Você me deu uma visão solar, mais romântico impossível.

Não sei se é a idade, quando já apagamos muitas velas existenciais e tudo se torna mais urgente, mais necessário. Julgo que não. Em outras vertentes me tornei menos apressado, mais dono de mim, e com mais tempo para reflexão. E mais certezas. E embora muito tenha lutado contra emoções invasivas, tá bom, me rendo, ao seu olhar, ao seu sorriso, ao seu bem-querer. E Paris é o palco perfeito para nossa representação amorosa. Com plateia dispersa e não atenta. Assim é melhor, porque não precisamos seguir roteiro imposto, só as emanações do momento.

Você gosta de andar na chuva. Se quiser, faço o mesmo, contrariando meus padrões de correção cotidiana que planeja e desenvolve uma vida regular e segura.

E existe segurança? Eu me julgava imune a sentimentos epifânicos, desnorteadores do ego. Pois, faliu a cidadela do controle, foi invadida por memes que bloqueiam a autonomia e dirigem a liberdade para um único foco: você.

Se você quiser, viro Paris para descobrir um bistrô só nosso, de comidinha insuspeita e benfazeja, regada a vinho do vale do Loire. Mais não posso pagar. Ih, esqueci, no momento, nem isso. Mesmo que o hotel seja de segunda. Mas há uma esperança: jogarei na loteria. Quem sabe não tenha uma segunda sorte? Claro, não a mesma que tenho com você, mulher imprescindível.

Há algo que não preciso pagar, que está ao meu alcance, se você quiser. Cantar-lhe-ei uma Aleluia, a do Leonard Cohen, e encontrarei o paraíso do amor. Naturalmente se você quiser e apreciar o canto de um pássaro livre e enamorado, e que não tem a voz nem o arranjo do Michael Bolton para essa Hallelujah. Mas nem tudo é possível meu amor.

Dr. Fernando Faro (PR).

Foto: Shutterstock.Autor: natasha58.

A arte de **escrever**

Segundo Schopenhauer

"SCHOPENHAUER, PSICÓLOGO DA VONTADE, É O PAI DE TODA PSICOLOGIA MODERNA; DELE SE VAI, PELO RADICALISMO PSICOLÓGICO DE NIETZCHE, EM LINHA RETA ATÉ FREUD."
THOMAS MANN.

Os três estilos segundo Schopenhauer:

1. Um em sentenças curtas, ambíguas e paradoxais, que parecem significar muito mais do que dizem;

2. Outro que recorre a uma torrente de palavras, com a mais insuportável prolixidade;

3. E, por fim, o estilo científico e profundo, no qual o leitor é martirizado pelo efeito narcótico de períodos longos e enviesados.

...deve-se evitar toda prolixidade e todo entrelaçamento de observações que não valem o esforço da leitura. É preciso ser econômico com o tempo, a dedicação e a paciência do leitor, de modo a receber dele o crédito de considerar o que foi escrito digno de uma leitura atenta e capaz de recompensar o esforço empregado nela.

...quanto às traduções dos escritores da antiguidade, elas são um sucedâneo de suas obras assim como o café de chicória é um sucedâneo do verdadeiro café.

Assim como as atividades de ler e aprender, quando em excesso, são prejudiciais ao pensamento próprio, as de escrever e ensinar em demasia também desacostumam os homens da clareza e profundidade do saber e da compreensão, uma vez que não lhes sobra tempo para obtê-los.

A peruca é o símbolo mais apropriado para o erudito puro. Trata-se de homens que adornam a cabeça com uma rica massa de cabelo alheio porque carecem de cabelos próprios.

Um erudito é análogo ao operário que, ao longo de sua vida, não faz nada além de mover determinada alavanca, ou gancho, ou manivela, em determinado instrumento ou máquina, de modo a conquistar um inacreditável virtuosismo nessa atividade. Também é possível comparar o especialista com um homem que mora em sua casa própria, mas nunca sai dela. Na casa, ele conhece tudo com exatidão, cada degrau, cada canto e cada viga, como, por exemplo, o quasímodo de Victor Hugo conhece a catedral de Notre-Dame, mas fora desse lugar tudo lhe é estranho e desconhecido.

O sinal característico dos espíritos de primeiro nível é a espontaneidade de seus juízos.

Como diz Sêneca: qualquer um prefere crer do que julgar por si mesmo.

Pode-se dizer que há três tipos de autores:

1. Os que escrevem sem pensar. Escrevem a partir da memória, de reminiscências, ou diretamente a partir de livros alheios. Essa classe é a mais numerosa.

2. Os que pensam enquanto escrevem. Eles pensam justamente para escrever. São bastante numerosos.

3. E há os que pensaram antes de se pôr a escrever. Escrevem apenas porque pensaram. São raros.

Em geral vale a regra: O novo raramente é bom, porque o que é bom só é novo pouco tempo.

Citando Friedrich W. Riemer, filósofo alemão que foi secretário de Goethe e preceptor de seu filho: "Um adversário que mostra sua cara abertamente é uma pessoa honrada, moderada, com a qual é possível se entender, chegar a um acordo, a uma reconciliação; em compensação, um adversário escondido é um patife covarde e infame, que não tem a coragem de assumir seus julgamentos. Portanto, alguém que não defende sua opinião, mas se interessa apenas pelo prazer secreto que sente em descarregar sua ira sem ser reconhecido nem sofrer retaliações.

Como diz Voltaire: o adjetivo é o inimigo do substantivo.

Ou como diz Goethe: Viver segundo seus caprichos é vulgar; o nobre se esforça pela ordem e pela lei.

A ignorância degrada os homens somente quando se encontra associada à riqueza.

Quando lemos, somos dispensados em grande parte do trabalho de pensar. Só pensando nos apropriamos do que foi lido, assim como as refeições não nos alimentam quando comemos, e sim quando digerimos.

Ligue-se na arte de não ler. Livros ruins são veneno intelectual, capaz de fazer definhar o espírito. Não leia o que é ruim, pois a vida é curta, o tempo e a energia são limitados. Então: "Leiam com afinco os antigos, os verdadeiros e autênticos antigos. O que os modernos dizem sobre eles não significa muito". A leitura dos clássicos antigos é o maior conforto do espírito.

Seria bom comprar livros se fosse possível comprar, junto com eles, o tempo para lê-los, mas é comum confundir a compra dos livros com a assimilação do seu conteúdo.

A repetição é a mãe do estudo.

Excertos de *A Arte de Escrever*, **Schopenhauer, Editora LPM.**

Transmimento **de pensação**

Acostumado a escrever no IÁTRICO sempre de mim mesmo, neurologia e filosofia light, rock, viagens e mulheres, confesso que inicialmente fiquei pasmo com esta tarefa. Comentar a obra de um quase colega, mais bem-sucedido... Achei que teria que encarnar uma dessas mulheres que vai estudar aos 40+ anos. A coisa piorou quando comecei o livro. Em inglês o título é quase idêntico ao nome de um programa clássico da CNN, *Beyond Borders*, cuja missão de ir além das pessoas, das situações, das fachadas, nos lugares mais remotos, lembra muito a ideia central do livro.

Não há como comentar só o livro. Miguel começa com sua formação na Universidade de São Paulo, um dos maiores males do Brasil, pelo menos para nós, paranaenses. Nem filho que passa por lá nos respeita depois. Em seguida mescla neurociência na USP da era militar com o suspeitíssimo marido de Cosima Wagner, oscilando entre a benigna Parsifal e a cerebral Tannhauser. Fica nas entrelinhas a relação entre o eu de Nicolelis do título em português e o delírio do Überman de Nietzche. No sábado em que comecei esta tarefa, comprei uma *IstoÉ* e uma *Alfa* com reportagens sobre como Miguel parece ser um homem um pouco – dizem assim – cheio de energia.

Nascido em 1961, filho do juiz de Direito Angelo e da escritora infantil Gisela, Miguel refere sua veia operática à avó materna, que também lhe tocava Chopin no piano até desenvolver o que deve ter sido doença de Alzheimer, embora ele, ou os médicos dela, tenham interpretado como demência vascular. Então o excesso de energia não deve ser de bipolar tipo I, e sim de um filho único de mãe e avó! Realmente, exceto pela dedicatória do livro, o pai é apagado da história e das biografias de Miguel de uma maneira que surpreende (já era domingo, dia dos pais).

Enfim, como dizem as mulheres de 40+ anos, passei da introdução um pouco delirante, e comecei a ser seduzido. Miguel também acha que tudo vem do cérebro. Suas "assembleias" de neurônios, que ele compara com orquestras sinfônicas, fazem e podem tudo. Ele descreve sua surpresa ao descobrir a insuspeitada potencialidade de processamento das assembleias, e o número quase infinitamente maior de combinações de processamento do que imaginamos, se conceituamos que a unidade neurológica é uma assembleia, e não um neurônio isolado, ou mesmo um sistema simples como os arcos reflexos.

Logo virei fã do Miguel. Neurologistas têm um maxiproblema com os não especialistas que atendem nossa área de trabalho; todo mundo entende do cérebro, inclusive os próprios portadores de seus distúrbios. Aliás, es-

tes últimos, têm certeza que entendem tudo; são graduados em bulas, revistas, internet e nos filmes do *House*. As pessoas escolhem com cuidado quem faz suas unhas, cabelos e dentes, mas o cérebro não merece um especialista. Agora vem o Miguel e demonstra que pode transmitir pensamento entre uma macaca no nordeste americano e um robô em Kyoto! Parece que estamos no mesmo time, o neurocientista e o neurologista.

A seguir (no livro) vem uma bem contada história da neurociência, desde os primórdios no século XIX, e lentamente através do XX. Sem mencionar Willis, Charcot, Jackson, Freud, Jung ou Alzheimer, Miguel vai direto aos laboratórios de neurofisiologia animal, à eletroencefalografia e eletrocorticografia, sempre percebendo tudo como a música do cérebro. As "emanações cerebrais" de João Manuel Cardoso Martins são o resultado do funcionamento de orquestras, as "assembleias", grupos maiores, mais difusos e distribuídos que os sistemas neuronais de Sherrington. São estas a unidade de funcionamento cerebral, cognitivo, de inteligência, e não grupos localizados de neurônios, menos ainda neurônios isolados.

"NEUROLOGISTAS TÊM UM MAXI-PROBLEMA COM OS NÃO ESPECIALISTAS QUE ATENDEM NOSSA ÁREA DE TRABALHO; TODO MUNDO ENTENDE DO CÉREBRO, INCLUSIVE OS PRÓPRIOS PORTADORES DE SEUS DISTÚRBIOS. "

Uma analogia que traduz o pensamento de Miguel é que se neurônios forem instrumentos musicais e o eletroencefalograma a música, pense que os violinos produzem o ritmo alfa, as vozes o beta, os violoncelos o teta, os sopros o delta, e assim por diante. "Assembleias", seja no sentido político ou no sentido de linhas de montagem como de automóveis (*assembly-lines*), explica melhor seu conceito de como funciona o sistema nervoso central. Cada vez mais assemelha ao de Sherrington, e critica asperamente os localizacionistas anatômicos, como Broca, e fisiológicos, como Adrian. As contribuições de Don Santiago Ramón y Cajal e de Lorente de Nó são bem colocadas. Fica uma impressão de que católicos vão bem com Miguel Angelo Laporta Nicolelis, apesar de se professar ateu e membro do PT.

O salto conceitual ocorre quando John Cunningham Lilly, graduado na UCLA e Dartmouth, médico psicanalista proficiente na linguagem dos golfinhos, trabalhando em Bethesda no laboratório de Integração Cortical nos anos 50 e 60, ajudado pelo LSD, colega de viagens de Tim Leary e Allen Ginsberg, inventa os "multielectrode arrays". Esta complexa grade de múltiplos eletrodos extracelulares intracorticais grava os disparos de cada neurônio simultaneamente em animais acordados, andando livremente pelo laboratório. E aí cai Miguel de paraquedas. Durante seu doutorado, 20+ anos depois de Lilly, acabou intuindo uma ideia semelhante àquela do psicanalista lisérgico que falava com golfinhos. Seu supervisor, Cesar Timo-Iaria, o mesmo que tocava Wagner de madrugada em auditórios vazios da USP, ajudou-o a ir ao encontro do grupo americano, e Miguel embarcou em sua viagem anglo-saxã.

No próximo capítulo, com histogramas de gravações de multieletrododos intracorticais e desenhos experimentais, explica como juntou suas próprias ideias às de Lilly, mais as do seu supervisor de pós-doutorado, Chapin, trabalhando durante três anos com verba do NIH em neurofisiologia de vibrissas de rato. Isto mesmo, pelos de focinho de rato. Acontece que os ratos têm nos pelos do focinho os mecanorreceptores que as mulheres (humanas, claro!) têm na ponta dos dedos. Assim como as mulheres exploram com a ponta dos dedos, ratinhos o fazem com as vibrissas. Centenas de eletrodos no sistema sensorial, gravados simultaneamente durante estimulação predeterminada destas vibrissas, levaram Miguel e Chapin a entender que haviam descoberto provas irrefutáveis de que os localizacionistas estavam errados, e os distribucionistas certos. Gravando o barulho elétrico da sinfonia dos neurônios eles tiveram a ideia de que a transmissão para outro cérebro ou para um robô seria a demonstração irrefutável de sua existência.

Amplamente distribuídos pelo córtex, inclusive em regiões inesperadas, segundo as regiões ortodoxas, estas assembleias disparam de maneira que Miguel e seus colaboradores rapidamente descobriram e descreveram. Como esses neurônios disparam de uma maneira que é distribuída no espaço e no tempo, então alguns disparam antes, outros

no meio e outros depois do que seria esperado pelo tempo de viagem do estímulo, assim como uns disparam no córtex especializado e outros em localizações inesperadas. Aparecem neurônios ocipitais disparando para estímulos táteis quando ratos usam os pelos de seu focinho para achar caminho no escuro, o que deveria ser uma tarefa visual.

Porém, embora até então sua pesquisa tenha sido em sistemas sensoriais, Miguel, agora acompanhado de Chapin em seu novo laboratório de Duke, faz um salto para sistemas neuronais motores; menciona rapidamente quem havia descrito os programas pré-motores na década anterior, e, já com apoio da cúpula científica americana, aplica seus arranjos de múltiplos eletrodos extracelulares intracorticais a macacos *rhesus* escolhidos por suas habilidades e inteligência visuomotora, mais especificamente duas macacas especialistas em videogames.

A escolha do experimento motor é rotineira em neurofisiologia: nada melhor para provar algo que um movimento. A natureza multicêntrica, multinacional e multidisciplinar do experimento é típica de equipes de alto rendimento. Um russo, um sueco, as duas macacas, o brasileiro novo chefe, o americano ex-chefe, e rapidamente a equipe consegue: detectam atividade neuronal amplamente distribuída no córtex tempo suficiente antes do movimento para dar tempo de ser transmitida dos eletrodos ao braço robótico antes de chegarem ao sistema motor periférico da própria macaca. Finalmente, a macaca é induzida a jogar videogame e ganhar sua recompensa de suco só pensando no movimento correto e vendo o braço robótico se mexer, jogando videogame por ela.

Claramente este não é um livro de lazer, ou mesmo de leitura para os não iniciados em ciência, ou para quem não estiver altamente motivado para entender. A contribuição principal do sueco, por exemplo, foi oferecer uma solução de matemática estatística, chamada regressão multilinear logística, para traduzir a sinfonia dos neurônios de maneira que o chip do robô entendesse. Foi uma sacada genial, que permitiu uma série importantíssima de saltos conceituais na transmissão do programa pré-motor do córtex da macaca para o braço robótico. Porém, para realmente entender o que se passou, é necessário um pouco de conhecimento de cálculo integral, primeira e segunda derivações. Afinal, o grupo final de Miguel era todo de pós-doutores. Neste tipo de profissional, o pensamento em integrais e derivações é intuitivo.

Já saindo das asas de Chapin e ganhando seu próprio laboratório na Duke (uma Ferrari, ele compara), Miguel parece tocar adiante suas ideias sem nenhum esforço. Quem já passou perto deste ambiente sabe um pedaço das dificuldades que ele deve ter encontrado nos 10 anos que demorou nos experimentos sensoriais. As rasteiras, facadas pelas costas e puxadas de tapete talvez tenham sido temperadas por seu diploma de médico da USP, já que MDs de boa procedência raramente se dedicam totalmente à pesquisa animal. O mundo neurocientífico com certeza pensou duas vezes antes de resolver como encarar este médico obviamente superdotado e hiperfocado. É impossível que ele fosse um briguento, difícil como está sendo pintado no Brasil. É o Brasil que está errado cientificamente. O erro talvez seja tentar estabelecer aqui uma realidade científica internacional. No caminho de um Nobel de Fisiologia e Medicina uma boa ação com o Brasil não se qualifica nem como Nobel da Paz. E sua associação com o Vaticano compromete. Os suecos evitam católicos, tradicionalmente.

"CLARAMENTE ESTE NÃO É UM LIVRO DE LAZER, OU MESMO DE LEITURA PARA OS NÃO INICIADOS EM CIÊNCIA, OU PARA QUEM NÃO ESTIVER ALTAMENTE MOTIVADO PARA ENTENDER."

Parece que é na metade do livro que Miguel decola um pouco da superfície do planeta Terra. Começa a chamar os programas neuronais pré-motores de "pensamento". Conclui que o som dos neurônios disparando é a sinfonia do pensamento com a qual ele e Timo-laria sempre sonharam. Começa a achar que suas pesquisas mudarão rapidamente a realidade de inúmeros, centenas, milhares de pessoas com incapacidades neurológicas graves. E assim vêm séries de experimentos em primatas, utilizando sistemas neurofisiológicos acoplados à informática sofisticada, com resultados em graficos bi e tridimensionais. É um pouco assustador o que fazem com os animais, e um pouco mais ainda Miguel achar que pessoas vão en-

tender a enovelada articulação de hipóteses segundo o método científico de pesquisa, comprovadas de maneiras um pouco particulares. Miguel inclui física quântica em seu raciocínio neurocientífico. Enumera princípios de sua maneira distribucionista de enxergar o cérebro, que não são simples ou claros como princípios deveriam ser.

Porém, a crítica ao livro de Miguel Nicolelis é o que falta. Em primeiro lugar falta a visão clínica. Ele comete erros ao abordar demências, esclerose lateral amiotrófica e doença de Parkinson, que podem custar milhões em pesquisa mal direcionada. Falta bioquímica de sistemas de receptores para correlacionar as assembleias de neurônios com sistemas GABA, dopamina, serotonina, canabinoides, endorfinas. Falta neuroimagem funcional; psiquiatria e neurologia comportamental, "theory of mind" e "default mode network" e "mirror neurons". A impressão é que Miguel foi aos limites da neurofisiologia animal com os arranjos de múltiplos eletrodos, acoplados ao aparato de eletrônica e informática, com um apoio multidisciplinar e multinacional raro. Daí saltou para um campo quase religioso, deixando de lado a Neurologia, a Psiquiatria e a Neuroimagem Funcional.

Em resumo, Miguel Nicolelis conseguiu gravar descargas neuronais que precedem movimentos, e que podem ser transmitidas a outros cérebros ou a robôs e próteses, em menos tempo do que demora para o próprio cérebro efetuar o movimento. Pensem no filho do pediatra do interior, Cesar Cielo, que ouve o sinal e começa a se mexer para uma prova de 50m livre. Chama-se *reaction time,* tempo de reação, que em primatas é 200 milésimos de segundo. Miguel consegue perceber sinais relativamente bem definidos de um movimento 1 segundo antes dele ocorrer. Neste segundo, ele tem 200ms para transmitir este sinal. É claro que quanto antes ele detecta, menos bem formada é a informação sobre o movimento. Quanto mais próxima do movimento, mais completo está o pacote.

Será isto importante para a reabilitação e construção de próteses? Com certeza os vários componentes do trabalho associado com estas pesquisas já são muito importantes na construção de próteses e robôs. Os vários transdutores que fazem as regressões múltiplas lineares e entendem o que as assembleias de neurônios pretendem fazer, assim como os mecanismos de transmissão, já estavam em uso, por isso mesmo permitiram seu experimento.

Outros detalhes editoriais do livro em inglês sugerem que esta seja uma publicação de divulgação, usando os recursos disponíveis que precisam ser gastos. Também indicam que Miguel fez o livro como ele queria, e não seguiu as regras da língua ou da editoração nos EUA. Como neurologista brasileiro, espero que continue sendo bem-sucedido, e que sua família e amigos o ajudem a manter o foco em ações que se traduzam em benefício para os outros. Desejo sucesso em logo ultrapassar a fase dos conflitos e recuperação dos traumas, que anglo-saxões costumam chamar de dores de crescimento, e que seus projetos deslanchem em alguma direção.

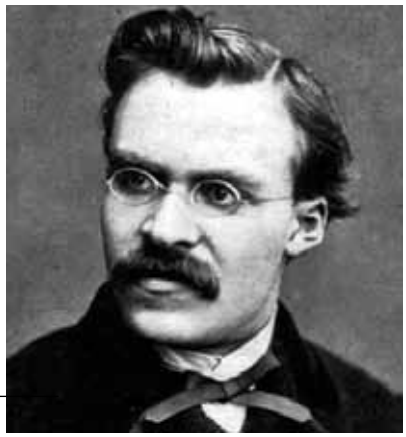
Dr. Paulo Rogério Mudrovitsch de Bittencourt (PR).

Miguel Nicolelis. "Muito além do nosso eu. A nova ciência que une cérebro e máquinas e como ela pode mudar nossas vidas". Companhia das Letras, 2011.
Miguel Nicolelis. Beyond boundaries: The new neuroscience of connecting brains with machines – and how it will change our lives. Times Books, Henry Holt and Company, New York, 2011.

PALAVRAS DE MESTRES

"Cito outros somente para me expressar melhor."
Montaigne

"Quando o poder se torna gracioso, então a beleza acontece."
Nietzche



Música

"Algumas coisas são para serem fruídas, outras para serem usadas, e outras ainda há que são para serem fruídas e usadas. As coisas que são para serem fruídas nos tornam felizes. As coisas que são objeto de uso nos ajudam em nossos esforços na direção da felicidade, de forma a podermos obter as coisas que nos tornam felizes e, assim, nelas descansar."

Palavras de um hedonista? Não, de um santo. Agostinho. O IÁTRICO usa duas irmãs gêmeas, a música e a poesia, a fim de deixar o leitor feliz. Acesse nosso site para ouvir as trilhas sonoras deste número. Do encantamento da música clássica, passando por clássicos dos Beatles com vocalistas de escol, ao rock que se tornou perene, tudo foi planejado para seu prazer e alegria, também gêmeos de um pedaço do Paraíso.

Rock **Clássico**

O editor me fez uma solicitação impossível: uma trilha sonora dos 20 rocks mais importantes da minha vida. Existe uma desproporção: o rock é muito mais extenso. Quase respondi com uma vingança: uma trilha só de versões e covers de *Heroes,* de David Bowie. Ou de *Like a Roling Stone*, música de 1965 que redirecionou Bob Dylan, e nunca se saberá o quanto homenageia os Stones, ou uma mulher perdida.

Menos, pensei, então. Calma. Vamos ao rock, para os possíveis frequentadores do **IÁTRICO**. Porém, sem brincadeiras. O que segue é um grupo de superclássicos de músicos que definiram o gênero na transição dos anos 1960 para os 70. No rock impera uma meritocracia, com muito mais respeito pelo outro do que se pode imaginar. Um clube restrito, mestres performing mestres. Neste rock que chamo de clássico, definido pelo ritmo negro de quatro tempos com a estética de music hall inglês da época vitoriana.

Assim como todos lembramos melhor daquelas passagens registradas em álbuns de fotos, minha memória guarda com mais carinho as performances que mais me impressionaram ao vivo, e as que posso ouvir sempre. Conforme uma crítica recente, os downloads criaram o problema já mencionado acima; existem tantos covers e versões que sempre há uma melhor. Optei pela coleção doméstica de CDs.

A playlist começa em ritmo dopaminérgico com quem Eric Clapton e Keith Richards consideram o fundador do gênero: Robert Johnson, o mestre do blues do delta do Mississipi. Visto em sua época, fim dos anos 1930, como uma encarnação do diabo, nada melhor que ser interpretado pela reencarnação, os Stones, a melhor banda ao vivo da história, no álbum que muitos acham é o seu melhor, *Exile on Main Street*, pouco conhecido entre nós. A guitarra, o ritmo e o ambiente dão o tom. Para manter, The Who, pegando fogo com *Pinball Wizard*, de Tommy, a ópera rock original de todas. Para surpreender, um rock rápido de Dylan, *Hurricane*, homenageando um boxeador, já mudando a ênfase da guitarra para o vocal. Dylan entrega o bastão a Paul McCartney, inspirado em *Fats Domino*, homenageando uma mãe solteira em *Lady Madonna*, com muito vocal e teclado. A informação é que John contribuiu com algumas poucas palavras desta música.

A esta altura os colegas audiófilos estarão prestando atenção a uma sonoridade grave, como se viesse daquelas caixas de som de madeira, grandes, de pubs de Amsterdam, ou de bares de *colleges* americanos. Rock tem som de barril de vinho. Vocal com teclado, o resto da banda só no apoio, parece boa combinação para música de mulher, que segue com uma lição de sexo musical com os Stones em outra balada pouco conhecida, também de *Exile on Main Street*, *Loving Cup*. Consta que a letra e a música são de Keith Richards. As palavras ao mesmo tempo surpreendentes e acertadas com o som. Para ficar sexual de vez, Jim Morrison e o primeiro sucesso do Doors, *Light My Fire*, em uma versão de estúdio, bem-comportada.

Melhor elevar o nível um pouco, subimos para o umbigo, com *Wonderful Tonight*, a balada romântica tardia de God Eric Clapton, quando a mulher de George foi temporariamente sua, no ponto mais meloso desta trilha. Mas a guerra dos sexos continua, com a androginia de David Bowie, entra a batalha da nova relação entre homens e mulheres: *Janine*, tão importante que já mereceu um livro (meu) com uma negra na capa. Balada simples do Bowie jovem no violão acústico, leve guitarra de Mick Ronson, muito pouco conhecida. Segue *Layla*, a obra mestra de Eric Clapton, seja do ponto de vista de composição, pois são duas músicas ao mesmo tempo, de execução, com Duane Allman, outro dos maiores guitarristas, morto precocemente. Seu solo de *slide guitar*, além de aterrorizante, é amplamente citado como um dos grandes. As guitarras foram gravadas em seis canais diferentes, para dar uma ideia do quanto importam, embora sejam como um anexo pendente em toda a longa segunda parte, um ritmo fixo no piano. Eric aqui se inspirava em seu então amor impossível, Patti, mulher de George Harrison. Que vem em seguida nesta trilha, com um momento muito especial: *Royal Albert Hall*, *London*, todos já no palco, perto do fim de *Concert for George*; Ringo introduz Sir Paul, começa o ukulele, primeiros acordes e estrofes de

SUPERCLÁSSICOS DO ROCK

1. STOP BREAKING DOWN
(Robert Johnson, 1937)
The Rolling Stones, 1972

2. PINBALL WIZARD
(Pete Townsend)
The Who, 1969

3. HURRICANE
(Dylan and Jacques Levy)
Bob Dylan, 1975

4. LADY MADONNA
(Paul McCartney)
The Beatles, 1968

5. LOVING CUP
(Jagger and Richards)
Rolling Stones, 1972

6. LIGHT MY FIRE
(The Doors)
The Doors, 1967

7. WONDERFUL TONIGHT
(Eric Clapton)
Eric Clapton, 1978

8. JANINE
(David Bowie)
David Bowie, 1969

9. LAYLA
(Eric Clapton and Jim Gordon)
Derek and the Dominoes, 1970

10. SOMETHING
(George Harrison, 1969)
E. Clapton, P. McCartney and friends, 2003

11. STARMAN
(David Bowie)
David Bowie, 1972

12. COMFORTABLY NUMB
(David Gilmour)
Pink Floyd, 1981

13. LIKE A ROLLING STONE
(Bob Dylan, 1965)
Jimi Hendrix Experience, 1967

14. MIDNIGHT RAMBLER
(Jagger and Richards)
Rolling Stones, 1969

15. OH, DARLING!
(Paul Mc Cartney)
The Beatles, 1969

16. PERFECT DAY
(Lou Reed, 1972)
Duran Duran, 1995

17. VIRGINIA PLAIN
(Bryan Ferry)
Roxy Music, 1972

18. A HARD RAIN´S A GONNA FALL
(Bob Dylan, 1962)
Bryan Ferry, 1973

19. NOT FADE AWAY ROLLING
(Buddy Holly, 1957)
The Rolling Stones, 1995

20. HEROES
(D. Bowie and Brian Eno, 1977)
D. Bowie at Bridge School, 1996

Something, depois entra a legião de amigos de George, uma orquestra de guitarras solo, solidários no respeito, e o dueto angelical de Clapton e McCartney, Ringo batendo os tambores ao fundo. De arrepiar.

Para marcar o retorno à música mais pesada, sem sobrar tempo para tristeza, arrependimento e reflexão, melhor uma sucessão de choques: Bowie fantasiado de *Ziggy Stardust* em pleno *Glam Rock*, com *Starman*, Mick Ronson majestoso na guitarra. Em *Comfortably Numb,* David Gilmour e o Pink Floyd em *The Wall*, em outra peça que tive o prazer de ver ao vivo em sua segunda apresentação em *Earl´s Court,* executa outro dos que são sempre listados como um dos maiores solos de guitarra da história de qualquer gênero musical. Para continuar, *Like a Rolling Stone*, música de Bob Dylan votada pelos americanos como a mais influente do pós-guerra, performance histórica de Jimi Hendrix em Monterrey. Depois, os próprios Stones no *Madison Square Garden* em 1967, com a longa *Midnight Rambler*. A guitarra de Keith morde, e Mick não assopra. No contrapeso, Paul McCartney, o bom moço da época, mostrando por um lado, que também tinha alma de blues man, e por outro, que ainda conseguia colocar um pouco de fogo naquela que não era sua banda, em *Oh! Darling*.

No âmago dos sonhos e pesadelos do fim dos anos 60, a delirante *Perfect Day*, em uma rendition de Duran Duran mais tardia. Composta em 1972, após Lou Reed sair do Velvet Undeground, ajudado por Brian Eno, Bowie e Mick Ronson, colocou as bases do Punk, e já era o Glam em plena atividade. Desta taça bebeu o finíssimo Roxy Music com *Virginia Plain*, de Bryan Ferry e mais um cover de Dylan, *A hard rain´s gonna fall*. Para fechar com coisa séria, outro clássico formativo, de 1957, *Not fade away*, de Buddy Holly e Norman Petty, pelos Stones, *performed* como faria Bo Diddley, seguindo a tradição da África Ocidental. E Bowie já maduro, com uma versão tardia, acústica, de *Heroes*.

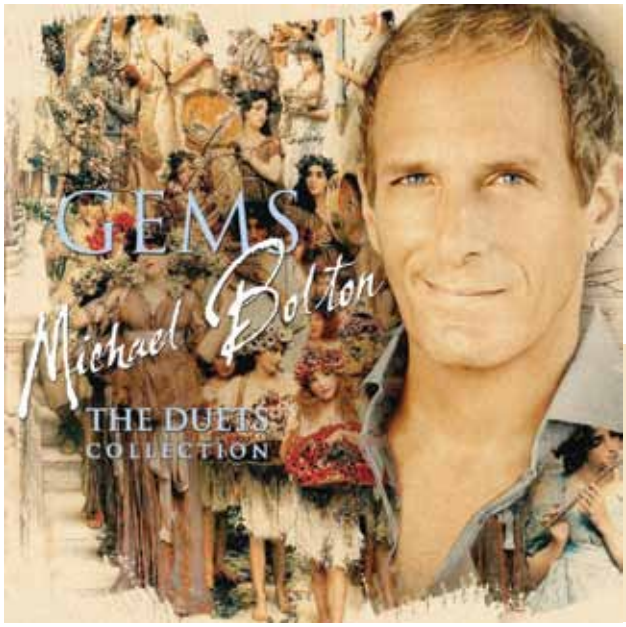
Ficamos então com quatro performances dos Stones; três de David Bowie, o rei do *music hall* vitoriano; três dos Beatles, mas na verdade duas de Paul e uma de homenagem a George na voz de Paul e muitos amigos organizados por Eric Clapton; dois Eric Clapton; um de Who, Dylan, Pink Floyd, Doors, Hendrix, Duran Duran, Roxy Music, Bryan Ferry. Predominam as homenagens cruzadas aos africanos e negros americanos do delta do Mississipi, assim como aos que os traduziram no pós-guerra para a geração que chegou a mim; entre os performers, grande parte ingleses, andróginos ou criminosos, as homenagens a Bob Dylan. E este, claro, definiu que a nova direção do rock era uma *rolling stone.* Esta imagem sim merece reflexão, assim como o fato de que a maior homenageada é Pattie Boyd, musa de três das músicas: *Something, Layla e Wonderful Tonight*. Ainda bem que ninguém apresentou Pattie a Bob!

Dr. Paulo Rogério Mudrovitsch de Bittencourt (PR).

Foto: Shutterstock. Autor: Rybkina2009.

Os BeaTles do Iátrico

1. **IN MY LIFE** – Sean Connery.
2. **IN MY LIFE** – Charice.
3. **YESTERDAY** – Matt Monro.
4. **HERE, THERE AND EVERYWHERE** – Celine Dion.
5. **SOMETHING** – Tony Bennett.
6. **LET IT BE** – Aretha Franklin.
7. **BLACKBIRD** – Neal Diamond.
8. **THE LONG AND WINDING ROAD** – Sara Vaughan.
9. **ALL MY LOVING** – Matt Monro.
10. **A HARD DAY'S NIGHT** – Goldie Hawn.
11. **ELEANOR RIGBY** – The Beatles.
12. **HELP** – Linda Eder.
13. **AND I LOVE HER** – Harry Connick Jr.
14. **GOLDEN SLUMBERS** – K.D.Lang.
15. **CAN'T BY ME LOVE** – Michael Bublé.
16. **THE FOOL ON THE HILL** – Shirley Bassey.
17. **WITH A LITTLE HELP FROM MY FRIENDS** – Joe Cocker.
18. **TICKET TO RIDE** – Carpenters.
19. **A DAY IN THE LIFE** – Jeff Becker.
20. **WHILE MY GUITAR GENTLY WEEPS** – The Jeff Healey Band.



ENCANTAMENTO

DISCO 1

1. CONCERTO PARA PIANO N°2
(Rachmaninov); Karajan.
2. MÁ VLAST – VLATAVA
(Smetana); Karajan.
3. CONCERTO PARA CLARINETE-ADAGIO
(Mozart); Karajan.
4. SLEEPING BEAUTY
(Tchaikovsky); Karajan.
5. AN DER SCHÖNEN BLAUEN DONAU
(Strauss); Karajan.
6. SINFONIA N°5; ALEGRO COM BRIO
(Beethoven); Bernstein.
7. WEST SIDE STORY; PROLOGUE
(Bernstein); Bernstein.
8. CANDIDE – OVERTURE
(Bernstein); Bernstein.
9. PEER GYNT SUITE N°1 – MORNING
(Grieg); Seichi Mitsuichi.

DISCO 2

1. RHAPSODY IN BLUE
(Gershwin); M. Tilson Thomas.
2. LIEBESTRAUM N°3
(F. Liszt); Liszt.
3. TOCCATA AND FUGUE
(Bach); London Symphony Orchestra.
4. BACHIANAS BRASILEIRAS N°5
(Villa-Lobos); D. Baremboim.
5. SONATA N°14 – MOONLIGHT
(Beethoven); Mikhail Plenev.
6. NOTURNO N°2
(Chopin); Dang Thai Son.
7. SINFONIA N°7 – ALLEGRETTO
(Beethoven); Bernstein.
8. IN A PERSIAN MARKET
(Ketelbev); Takashi Asahina.
9. CARAVAN
(Duke Ellington); D. Barenboim.
10. O BARBEIRO DE SEVILHA
(Rossini); Alfred Scholz.

No *site* do **IÁTRICO** (www.crmpr.org.br/iatrico), você encontra as trilhas sonoras já publicadas na revista. Ouça e aprecie a qualquer momento do dia, acessando o *player*-disponibilizado. E após ouvir a sua favorita, envie suas sugestões, opiniões e críticas.

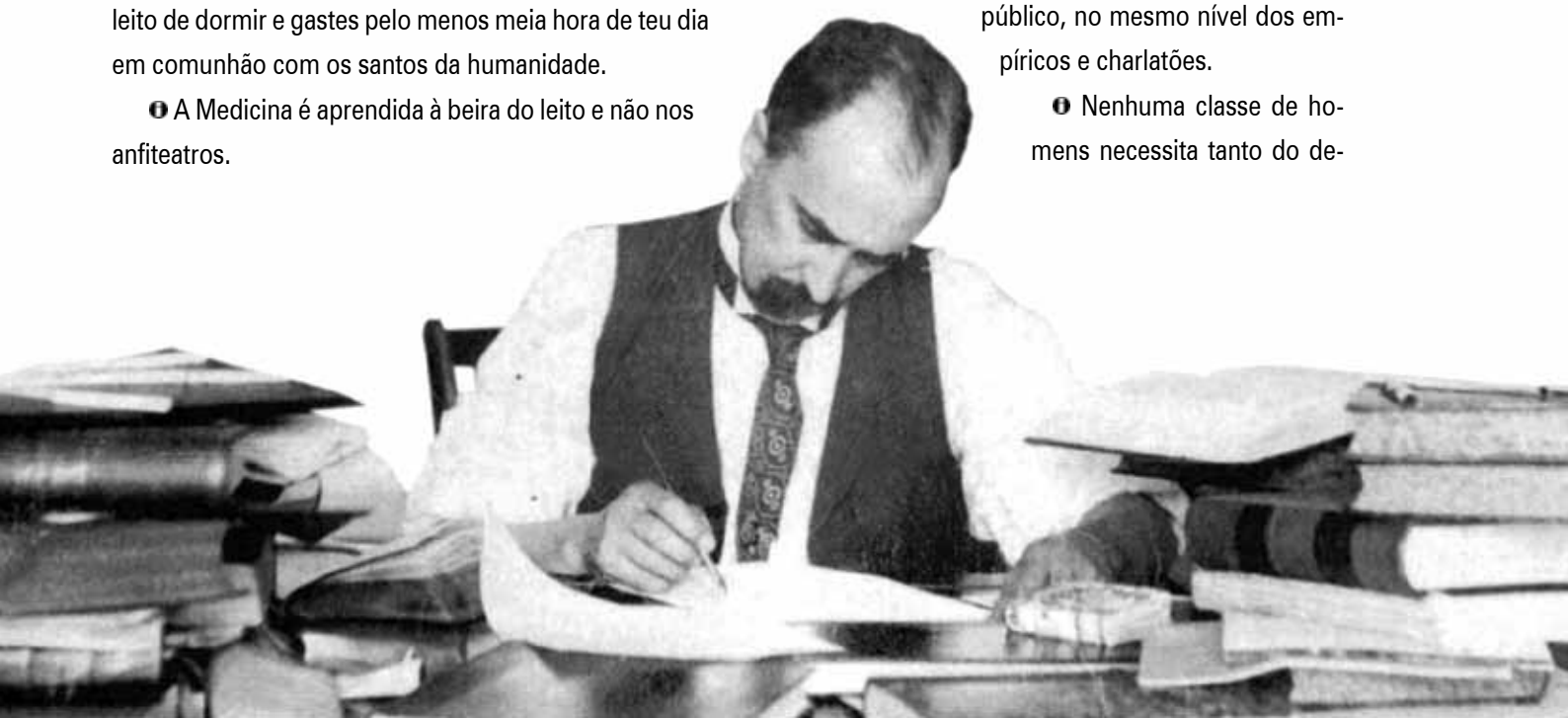
O IÁTRICO RECOMENDA

Gems, The Duets Collection, com Michael Bolton. É também uma homenagem à expressiva voz de Eva Cassidy, na faixa dois com *Fields of Gold* do Sting, e que nos deixou com apenas 33 anos de idade.

"Baby **Professor"**

O título acima vem do fato de William Osler (1849-1919) já ter prestígio como professor aos 23 anos. Poderia ter sido um professor a mais, seu gênio não deixou, por ser curioso, inquieto e multifário. Observava, experimentava e autopsiava. Portanto, viajava da expressão facial à intimidade do corpo. Vivia no hospital e ensinava e escrevia. Foi um educador prático. Mas não se pense que tenha sido a prática que o elevou, era culto e desejava que os médicos o fossem, por isso, aconselhava que todos deveriam, à parte a ciência, ler Cervantes, Shakespeare, a Bíblia, Montaigne, Emerson, entre outros. Sua maior contribuição certamente foi ter concebido a Medicina numa tríade: ciência, arte e humanismo. E sabe, caro leitor, o que ele descobriu em 1874? As plaquetas. Como vedes, um médico completo que, como educador, ajudou a formatar a residência médica nos melhores moldes praticados hoje. Para fazer um voo de pássaro sobre esse paradigma da Medicina, escolhemos alguns de seus aforismos.

- A grande universidade tem duas funções, ensinar e pensar.
- Comeces por criar uma biblioteca ao lado de teu leito de dormir e gastes pelo menos meia hora de teu dia em comunhão com os santos da humanidade.
- A Medicina é aprendida à beira do leito e não nos anfiteatros.
- Vós sereis membros de uma educada e também liberal profissão e, quanto mais olhares para vida fora do estreito círculo do vosso trabalho, melhor estareis equipados para a luta.
- O primeiro degrau para o sucesso em qualquer trabalho é o interesse por ele.
- O ato importante é retirar de cada caso uma lição para sua educação. O valor da experiência não está em ver muito, mas em enxergar com sabedoria.
- Há três requisitos para a salvação temporal: comida, sono e uma disposição agradável. Adicione aos mesmos exercício adequado e terás os meios pelos quais uma boa saúde pode ser mantida.
- Nada vai te sustentar mais do que o poder de reconhecer na tua monótona rotina, como se pode talvez julgá-la, a verdadeira poesia da vida – a poesia do lugar comum, do homem do povo, da cansada mulher trabalhadora, de seus amores, alegrias, dores e tristezas.
- A falta de treino pessoal sistemático nos métodos do reconhecimento da doença leva à má aplicação de medicamentos, a longos tratamentos quando o tratamento é inútil e, assim, diretamente à desconfiança em nossos métodos que pode nos colocar, aos olhos do público, no mesmo nível dos empíricos e charlatões.
- Nenhuma classe de homens necessita tanto do de-



bate quanto os médicos; nenhuma classe tem menos.

Frequentemente a melhor parte do teu trabalho nada terá a ver com a prescrição, mas com o exercício de uma influência do forte sobre o fraco, do justo sobre o mau, do sábio sobre o tolo.

Leve em consideração apenas as palavras do doente; nunca sugira. Interrogue apenas o essencial.

No que pode ser denominado método natural de ensino, o aluno inicia-se com o paciente, continua com o paciente e finaliza seus estudos com o paciente, utilizando-se de livros e leituras apenas como ferramentas, como meios para uma finalidade.

Uma intervenção curta soprada por um professor categorizado pode brilhar por muito tempo em mente apropriada.

"SUA MAIOR CONTRIBUIÇÃO CERTAMENTE FOI TER CONCEBIDO A MEDICINA NUMA TRÍADE: CIÊNCIA, ARTE E HUMANISMO."

Para quem tem poder de observação, quinze minutos à beira do leito equivalem a três em escrivaninha.

Não utilize ousadamente qualquer medicamento envolto em canto de sereia... Considere sua própria pessoa e a de seu paciente como se estivessem colocadas em tubo de ensaio.

A prática da medicina é a arte baseada na ciência. Ciência de incertezas e arte de probabilidades.

O médico que se automedica tem um louco como paciente.

Frequentemente a ignorância pode ser atormentadora; é, porém, mais aceitável que a segurança que permanece sobre uma delgada camada de conhecimento. Ou seja, a vaidade não lhe deixa ver (grifo do editor).

Quer saber qual o epitáfio que escolheu para si próprio? "I taught medical students in the wards".

***OBS**. Todos os aforismos têm origem em seu livro **Aequanimitas**, The Blakiston Company, Philadelphia, segunda edição, 1906; ou em **Sir William Osler – Aphorisms from his bedside teachings and writings**, 1950, de Robert Bennett Bean, que foi seu aluno.* **Aequanimitas** *deveria ser livro de cabeceira de qualquer médico.*

OSLER E OS LIVROS

During his lifetime William Osler had amassed a library of about 8000 rare medical and scientific texts. This library was left to his alma mater, McGill University, at his death, and this was the beginning of the Osler Library of the History of Medicine.

William Osler at his desk in Oxford. This photo was taken in 1907, two years after Osler accepted the position of Regius Professor of Medicine at Oxford University.

The Osler's library in Oxford from 1907 to their deaths. The Oslers entertained so often here, and housed visitors so frequently, that the house became known among friends as "The Open Arms".

A view of the Oxford University Press. William Osler was a Delegate of the Press; delegates were chosen from the academic staff of Oxford University and supervised the activities of the Press.

Fonte (imagens e informações): Site McGill University Library (http://digital.library.mcgill.ca/osler/index.php)

Breviário **clínico**

ESTILO DE VIDA E FATORES METABÓLICOS EM ASSOCIAÇÃO COM DOR NO OMBRO E TENDINITE DO MANGUITO RODADOR: UM ESTUDO POPULACIONAL.

Este é um artigo intrigante e com muita aplicação prática, realizado por um grupo finlandês procurando associar dor no ombro com síndrome metabólica, estilo de vida e espessamento da íntima da carótida.

Dor no ombro é muito comum, chegando a afetar de 18 a 31 % da população. Acarreta em perda de qualidade de vida, incapacidade para trabalho e custos para o sistema de saúde. Sua associação com fatores mecânicos (acidentes e microtraumas) é bem conhecida. Todavia, a associação com fatores metabólicos é menos valorizada, embora existam alguns estudos que sugiram associação com obesidade, diabetes mellitus e tabagismo.

Neste estudo foi feita uma análise transversal de 6.237 indivíduos com mais de 30 anos, que foram submetidos a um questionário estruturado e exame físico. No questionário eram coletados dados acerca de tabagismo, consumo de álcool e fatores ocupacionais relacionados ao uso da articulação do ombro. O exame físico incluía o exame dos ombros (sendo o diagnóstico de tendinites do manguito rodador feito clinicamente), peso, altura para cálculo de IMC, medida da circunferência abdominal e do quadril e análise de glicemia de jejum, perfil lipídico e proteína C reativa. Em um subgrupo de pacientes (1.526 deles) foi analisada a espessura da camada íntima da carótida pelo ecodopler. Essa medida é considerada um excelente preditor de dano cardiovascular por ateroclerose e indivíduos com aumento nessa espessura sofrem mais de infartos do miocárdio e acidentes vasculares cerebrais.

Dor no ombro estava presente em 16% dos entrevistados e o diagnóstico de síndrome crônica do manguito rodador estava presente em 2,8% dos mesmos. O tabagismo e a relação entre diâmetro de cintura/quadril estavam associados com dor no ombro nos dois sexos. Síndrome metabólica, diabetes tipo 2 e aumento da espessura da camada íntima da carótida estava aumentada em homens com dor no ombro e a proteína C reativa estava aumentada em mulheres com esse sintoma. Aumento do diâmetro da cintura e diabetes tipo I foram mais comuns em homens com síndrome crônica do manguito rodador.

Embora não tenha sido o objetivo do trabalho entender o porquê dessa associação, as hipóteses levantadas foram as de que obesidade e fumo aumentam a produção de citocinas pró-inflamatórias, como interleucina 1, 6 e TNF-alfa. Além disso, a obesidade tem sido associada com aumento na síntese de adipocinas que operam numa variedade muito grande de atividades metabólicas e imunológicas, regulando a ingestão de alimentos, resistência a insulina e inflamação.

A associação entre dor no ombro e fatores metabólicos oferece uma excelente oportunidade para que o clínico que atende ao paciente com este tipo de dor possa atuar de maneira preventiva, não só fazendo busca ativa para diabetes e dislipidemia mas, também ,educando o seu paciente quanto a estilos de vida que aumentam o risco para aterosclerose.

Dra. Telma L. Skare (PR).

Para ler mais acesse www.biomedcentral.com/1471-2474/11/165

PROVOCAÇÃO

"Aquilo que não pode ser dito deve ser calado", assim disse Wittgenstein e assimilado imediatamente pela ciência como regra absoluta. Mas você quer só ciência?, Ou quer também poesia, alegria, prazer...

Memes

Aortite sifilítica ocorre principalmente na aorta ascendente; a presença de calcificação linear fina "em casca de ovo" nessa região é altamente sugestiva de sífilis.

A questão mais importante a ser perguntada a um paciente com taquicardia com complexos largos, para distinguir taquicardia ventricular de taquicardia supraventricular com condução aberrante, é se o mesmo teve infarto do miocárdio recente. Se a resposta for positiva a chance de ser TV é de 95%.

A Síndrome de Dressler ou Síndrome da injúria pós-cardíaca se manifesta por febre, leucocitose, efusões pleuropericárdicas, atrito pericárdico e eventuais infiltrados pulmonares. Estas características podem ocorrer de uma semana a meses depois do infarto. Acrescente-se que não é uma Síndrome só limitada ao infarto, pode ocorrer também depois de cirurgia cardíaca ou tromboembolismo pulmonar.

As drogas que podem aumentar a sobrevida de pacientes com infarto miocárdico com elevação aguda do segmento ST são: aspirina; agentes fibrinolíticos; betabloqueadores e inibidores da enzima de conversão.

Bradarritmias são comuns logo depois de um infarto do miocárdio; podem se correlacionar com bloqueio cardíaco e são precursoras de fibrilação ventricular.

Ortodeoxia é um achado de insaturação arterial em ortostatismo (em pé). É vista numa variedade de doenças incluindo *shunt* intracardíaco direito-esquerdo; malformação arteriovenosas pulmonares com ou sem Síndrome de Osler-Rendu-Weber, cirrose e embolia pulmonar recorrente.

Pacientes com hipertrofia prostática benigna e arritmias cardíacas sintomáticas devem evitar os antiarritmicos da classe I devido às propriedades anticolinérgicas que agravam a retenção urinária.

O sopro diastólico em decrescendo ouvido na insuficiência aórtica valvar ao longo do bordo esternal esquerdo é ao contrário do ouvido no bordo esternal direito na dissecção aórtica aguda ou no aneurisma.

A baixa voltagem no ECG tem as seguintes condições no seu diagnóstico diferencial: pneumotórax; DPOC; derrame pericárdico; tamponamento cardíaco; hipotireoidismo; doença arterial coronariana e doenças infiltrativas do miocárdio: amiloidose; sarcoidose e hemocromatose.

Considere a Síndrome de Sneddon em paciente com livedo reticularis com história de múltiplos acidentes vasculares cerebrais. A causa é desconhecida.

O eritema edematoso violáceo supraorbitário com fraqueza muscular proximal é altamente sugestivo de dermatomiosite. Cognome: heliótropo. É virtualmente patognomônico.

A chave crucial e única para o diagnóstico de Fascite necrosante é quando a dor grave em uma extremidade está em desproporção com o eritema cutâneo. É acompanhada de leucocitose com desvio à esquerda e febre, embora estes dados possam sugerir apenas celulite. O principal agente é um estreptococo do grupo A. Uma vez desenvolvidas bolhas violáceas, a infecção está avançada.

Alcalose hipocalêmica é a principal manifestação de produção ectópica de corticotropina. As características clássicas da Síndrome de Cushing estão ausentes.

Um paciente que vai ser submetido à remoção de um feocromocitoma deve ter seu preparo pré-operatório feito com ambos alfa e beta-bloqueadores. Administração única de beta-bloqueador é perigosa pelo possível desenvolvimento de hipertensão intraoperatória. O não bloqueio alfa pode levar à perigosa vasoconstrição, hipertensão grave, isquemia cardíaca e edema pulmonar.

Um incidentaloma adrenal deveria ser removido cirurgicamente se o tumor fosse funcional ou maligno. A maioria dos especialistas considera que um tumor de adrenal entre 4 e 6 cm deve ser removido devido ao risco aumentado de neoplasia. E sempre extirpado acima de 6 cm. Qualquer tumor de adrenal associado à Síndrome de Cushing ou Feocromocitoma, ou ainda hiperparatireoidismo, deve ser removido cirurgicamente.

O diagnóstico diferencial de emagrecimento não intencional com preservação de apetite é estreito: diabetes mellitus; hipertireoidismo e Síndromes de Má-absorção. Pacientes que perdem peso devido a neoplasias; doenças inflamatórias e/ ou infecciosas; e depressão, tendem a ter redução de apetite.

A microbiologia difere entre uma peritonite bacteriana espontânea (PBE) e peritonite bacteriana secundária (PBS). A presença de um simples organismo aeróbico sugere PBE, enquanto que uma flora mista (gram-negativos e anaeróbicos) é tipicamente vista na PBS.

A pileblefite supurativa ou inflamação da veia porta secundária a causas infecciosas deve ser considerada no diagnóstico diferencial de microabscessos hepáticos múltiplos. A causa pode ser a ruptura de apendicite, diverticulite ou, em mulheres, de infecção pélvica. A febre costuma estar sempre presente, e os outros sintomas costumam ser os vistos nos abscessos hepáticos. O exame diagnóstico é a Tomografia Computadorizada com contraste.

A tromboangeíte obliterante (Doença de Buerger) deve ser suspeitada em paciente com menos de 45 anos de idade que apresentam claudicação em antebraços, panturrilhas ou pés. Os homens são mais afetados e, embora a causa seja desconhecida, o tabagismo é o principal fator de risco. A cessação do tabaco é primordial no tratamento. Ao exame físico os pulsos arteriais estão reduzidos ou ausentes ao contrário da síndrome embólica do colesterol ou da Síndrome antifosfolípidica onde tipicamente estão presentes.

O diagnóstico de púrpura trombocitopênica idiopática (PTI) em paciente que se apresenta com trombocitopenia isolada requer teste para HIV; FAN; e, em paciente acima de 60 anos, biópsia de medula óssea para descartar causas secundárias de PTI, as quais incluem: HIV, Lúpus e Síndrome Mielodisplásica.

O aumento bilateral das adrenais em paciente com febre de origem indeterminada é a chave para duas possibilidades: tuberculose ou histoplasmose.

Foto: Shutterstock. Autor: Bzzuspajk.

Sinusite frontal, cefaleia, febre e aumento da fronte (testa), sugere a possibilidade de osteomielite do osso frontal (tumor de Potts).

A doença de Parkinson é caracterizada por tremor, bradicinesia, rigidez, e distúrbio de marcha. O tremor do Parkinson usualmente se inicia unilateralmente; tremor bilateral inicial ou tremor grosseiro é contra o Parkinson idiopático. Pacientes com Parkinson idiopático usualmente melhoram pelo menos temporariamente da tríade à L-dopa. A não resposta a este tratamento deve sugerir causa secundária, sendo as mais comuns causas de confusão: parkinsonismo induzido por drogas e paralisia supranuclear progressiva.

Insuficiência cardíaca congestiva, infecções pulmonares, neoplasias e tromboembolismo pulmonar são causa de 90% dos derrames pleurais. Quando a efusão é exudativa, infecções pulmonares e neoplasias são as causas mais comuns.

Na insuficiência renal aguda o nível típico de elevação da creatinina não excede 1,5 mg/dl por dia. Qualquer paciente que saia desse padrão tendo uma ascensão rápida da creatinina deve ser pensado em rabdomiólise.

A causa mais comum de doença renal em pacientes com hepatite por vírus C é a glomerulonefrite membranoproliferativa.

No Lupus Eritematoso Sistêmico, Anti-DNA nativo e níveis baixos de complemento, especialmente C3, estão associados à nefrite.

A afecção reumática mais associada ao Sjögren secundário é a Artrite Reumatoide.

Historicamente a artropatia de Jaccoud ocorre depois de Febre Reumática, levando a deformidades que lembram Artrite Reumatoide. Mas também pode ser uma manifestação de outras doenças reumáticas, como Lupus ou a Sarcoidose. Esta artrite é deformante mas não erosiva, como a A. Reumatoide. As deformidades da artropatia de Jaccoud e do LES são redutíveis ao contrário da Reumatoide.

É rara a associação de A. Reumatoide com vasculite. Quando ocorre o faz em pacientes com longa história de artrite erosiva, nódulos reumatoides e altos títulos de fator reumatoide.

Distinguir CREST, acrônimo de calcinose, Raynaud, dismotilidade esofagiana, esclerodactilia e telangietasias, pode ser difícil em relação à esclerose difusa. Uma distinção útil é que no CREST o espessamento da pele é limitado às mãos e à face, enquanto na forma difusa o espessamento progride dos dígitos ao tronco.

As duas drogas que mais causam lúpus induzido são procainamida e hidralazina. Menos comum: diltiazem, penicilamina, isoniazida, metildopa e clorpromazina. Características clínicas: febre, mialgias, artralgias, erupção cutânea e serosites. Ao contrário do LES primário, não envolve o induzido, nefrite, alterações do SNC e citopenias.

National Széchényi Library's, Budapeste (Hungria).

Considere infecção gonocócica disseminada quando tiver a tríade: tenossinovites, artralgias e lesões cutâneas vesiculopustulosas.

As três complicações mais sérias da Arterite Temporal (Vasculite de Células Gigantes) são perda visual permanente, acidentes vasculares encefálicos e aneurismas de artéria torácica que podem se dissecar ou romper.

Quatro condições reumáticas se associam a Insuf. Aórtica: espondilite reumatoide; policondrite recidivante; Síndrome de Reiter e Artrite Reumatoide. Duas vasculites podem causar aortite: Arterite de Takayasu e Arterite Temporal. A Febre Reumática tende a ser mitroaórtica.

Paciente que apresenta monoartrite séptica com cultura de líquido sinovial crescendo estafilococos, estreptococos do grupo C ou G, ou enterococos, sem óbvia origem, devem ser investigados para endocardite infecciosa, especialmente se adictos de drogas endovenosas.

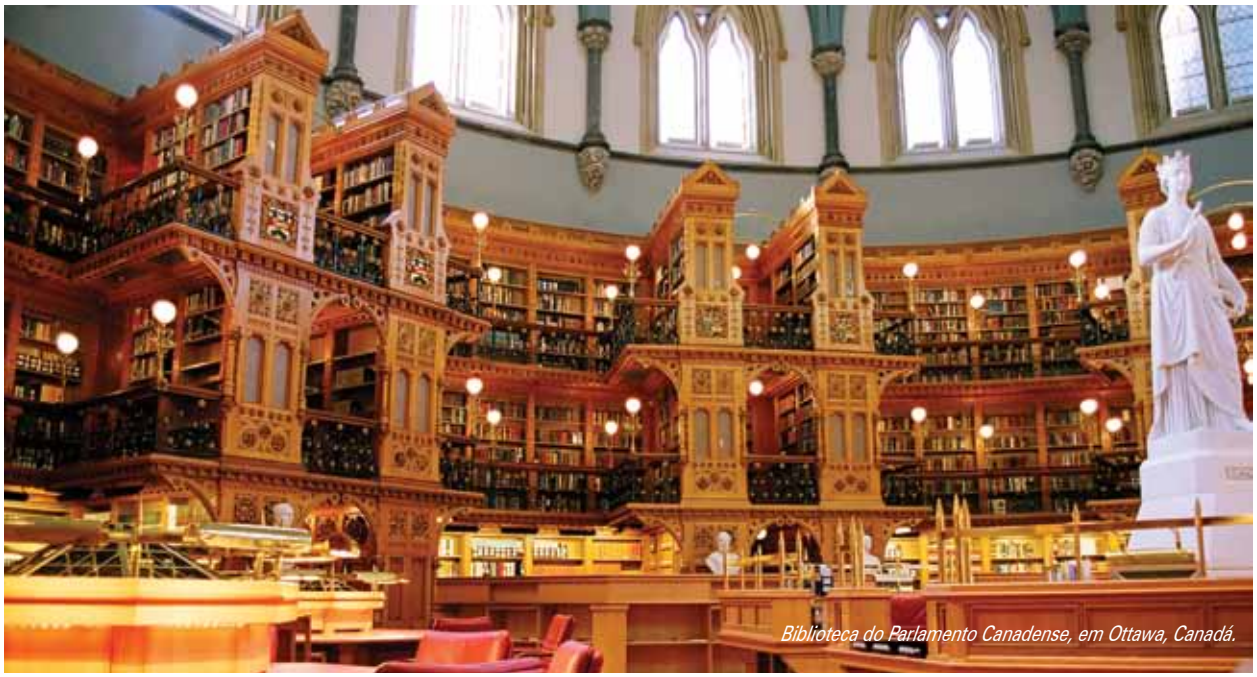
No geral, mononeuropatia múltipla, na ausência de diabetes e neuropatias compressivas, indica que o paciente tem vasculite. Poliarterite Nodosa (PAN) e Granulomatose de Wegener são as que mais comumente se associam a mononeurite múltipla.

Paciente que tenha há longo tempo Artrite Reumatoide e que se apresenta com recorrência de infecções considere a possibilidade de Síndrome de Felty. Esta síndrome consiste na tríade de A. Reumatoide, esplenomegalia e neutropenia. Caracteristicamente têm altos títulos de fator reumatoide, nódulos subcutâneos e artrite erosiva, deformante.

Pacientes que têm Dermatopolimiosite ou apenas Polimiosite e que estão em uso de corticoides, quando há aumento da fraqueza muscular pode ser um grande desafio discernir se é pela doença de base ou por miopatia esteroide. A CPK pode ajudar entre as duas, pois não aumenta quando é pelo corticoide.

Arterite de Takayasu é uma vasculite de pacientes com menos de 40 anos. Deve ser suspeitada em adulto jovem, mais mulheres, que apresentam sintomas de claudicação, especialmente se tiverem diminuição de pulsos braquiais ou sopros (subclávia, aorta abdominal). É comum que haja pródromos de febre baixa de origem desconhecida, perda ponderal ou simples mal estar indefinido. Hipertensão de início recente pode ser uma pista diagnóstica porque a artéria renal é afetada em cerca de 50% dos pacientes.

Foto: Alejandro Erickson no Flickr.



Biblioteca do Parlamento Canadense, em Ottawa, Canadá.

O Diabo **veste Prada**

O diabo veste Prada. Os anjos flanam displicentemente nus.

O primeiro esconde suas verdadeiras intenções sob uma roupagem que confunde, como a beleza das plantas carnívoras. Quanto aos anjos, sua serenidade é síntese de elegância atemporal. Não calçam sapatos de saltos altíssimos, muito embora vivam lá, no alto, com a cabeça nas nuvens.

No cinema, Nicolas Cage já representou o papel de um anjo enquanto Al Pacino acelerou corações como um diabo sexy. Neste caso, as mulheres desejam um diabo que as carregue.

João Paulo II, Madre Tereza de Calcutá e irmã Dulce – todos santos – travavam batalhas ferozes contra seus demônios interiores.

Osama Bin Laden, Saddam Hussein, Idi Amin... Apenas com um olhar davam a sensação de que a temperatura do ambiente havia caído vertiginosamente.

"... Quero que você me aqueça neste inverno e que tudo mais vá para o inferno..."

São Francisco de Assis foi minimalista no vestir muito antes de ser Armani.

Imelda Marcos ficou conhecida pelo número de pares de sapatos que possuía. Ela exagerava. Apenas Imelda?

E que tal aquela barba milimetricamente por fazer, a gravata levemente desfeita? Um meticuloso cuidado com uma aparência "natural", *cool* à beira do *boring* na aldeia global. *Sorry* Michael Bublé, *sorry* David Foster, *sorry* David Beckham.

Haute couture veste mulheres maravilhosamente conscientes de seu poder econômico, enquanto grandes cadeias *prêt-à-porter* contratam renomados estilistas para "adaptar" a moda, diabolicamente, a preços competitivos. Isto agora é "chic".

Ao diabo com a moda!

Espere um momento. A boa alfaiataria é responsável por um *hand made* celestial.

Coco Chanel atraía olhares invejosos de mulheres que viviam um inferno pessoal. Naquela época, seria imperdoável criticar um estilo que havia quebrado paradigmas e trazido um novo glamour.

Maria Callas possuía uma voz de anjo, mas castigava-se com dietas permanentes. Viveu um amor infernal com Onassis, que por sua vez sucumbiu ao poder e elegância de Jacqueline Kennedy.

John Galliano foi expulso da sociedade "conservadora" por não ser politicamente correto. Suas declarações antissemitas causaram desconforto internacional. Acabou sendo demitido da Maison Dior, mas aguarda perdão. Afinal, já exclamou: "*I'm sorry*!" (não muito convincente, é verdade).

Alexandre McQueen desistiu...

Algumas vezes, na cidade dos anjos, o céu pode esperar. Afinal, anjos e demônios discordam do Código Da Vinci.

O senhor dos anéis disputa estilo com Jack Sparrow e mesmo Tom Hanks já naufragou.

É preciso cruzar as pontes de Madison para descobrir o segredo da arca perdida. Mas, a passagem pelo parque dos dinossauros é obrigatória. Parece coisa de ET.

Talvez, porque Hannibal Lecter provoque noviças rebeldes fugindo da gaiola das loucas, o discurso do rei esclareça o nome da rosa, aquela, preterida pelo cisne negro.

"QUANTO AOS ANJOS, SUA SERENIDADE É SÍNTESE DE ELEGÂNCIA ATEMPORAL. NÃO CALÇAM SAPATOS DE SALTOS ALTÍSSIMOS, MUITO EMBORA VIVAM LÁ, NO ALTO, COM A CABEÇA NAS NUVENS."

Mas, o amarelo é manga, indiscutível como o Pi. E assim caminha a humanidade até Paris, repleta de mentes brilhantes.

Foi lá, onde nunca te vi, sempre te amei sob o sol da Toscana, imaginando ser o último samurai que o vento levou...

Corra Lola, corra. É hora de momento de decisão: *diamonds are girl's best friend, even in a breakfast at Tiffany's.*

Na estação, o expresso oriente parte para o Sião. Anna e o rei aguardam seu avatar *singing in the rain*.

Os girassóis da Rússia florescem no verão de 42, quando o paciente inglês descobre a insustentável leveza do ser, numa sociedade de poetas mortos.

É meia-noite em Paris: a primeira noite de um homem. E Deus criou a mulher. Ela percebeu que estava nua, mas o diabo a vestiu de Prada.

Deisi Casarin (SC).

HIPNÓTICO

Certa vez perguntaram à Marylin Monroe como ela dormia. A resposta foi pronta e clara: com três gotas de Chanel nº 5.

Presidente: **sonhar e não ceder**

PRESIDENTE, A SENHORA ADOTOU ALGUMAS MEDIDAS CORRETIVAS DIANTE DA CORRUPÇÃO, TRAGÉDIA QUE NOS ASSOLA, MAS ISSO FOI SÓ UM COMEÇO, TALVEZ POUCO.

Prezada presidente Dilma Rousseff, peço desculpas por encaminhar uma carta por este meio, mas, como ouvi que em Brasília proliferam os malfeitores, temi que uma missiva endereçada talvez não chegasse ao seu destino.

Como médico, tenho enfrentado embates aflitivos contra os tumores urinários, incluindo o câncer da próstata, que, como a senhora sabe, coloca em risco a existência de um sem-número de patrícios. Hoje, mais incomodado, escrevo para falar de outra doença, que ameaça não só 140 mil homens, mas toda a sociedade brasileira.

Refiro-me ao tumor que tomou o nosso organismo social: autoridades sem o mínimo comprometimento com a decência, locupletando-se sem constrangimento, aplicando golpes contundentes contra o Estado e contra o resto da sociedade.

Ao contrário do câncer de próstata, de causa não bem conhecida, a doença que nos assola teve origem clara, que deve ser lembrada e contra a qual a senhora corajosamente se postou – o período de exceção, em que se construiu uma sociedade sem voz, sem líderes e modelos.

Por isso, foi produzida uma geração permissiva, incapaz de reconhecer seus direitos e de expressar reação. Foi um período sem luzes e sem vigília, que nos legou outro fardo, a ascensão de um sem-número de oportunistas, que se espraiaram e passaram a consumir o Estado. Como nos tumores mais malignos.

Por que um médico dirigindo-lhe um apelo? Certamente por ser também cidadão e justamente por ser médico. Apesar da luta estoica de alguns brasileiros decentes, a saúde foi transformada em balcão de negócios escusos, exaurindo-se os recursos disponíveis.

Pior ainda, tem sido vítima da insensibilidade de outros, que, com o poder de decisão final, têm privilegiado a vida de instituições tomadas pela imoralidade em vez da vida dos cidadãos. Frustram-se os médicos, que, imobilizados, não conseguem cumprir sua missão.

Como combater essa situação iníqua? Talvez da mesma forma como enfrentamos com sucesso o câncer de próstata. Realizando intervenções radicais e, ao mesmo tempo, fortalecendo o organismo agredido. Na presente tragédia, expurgando da vida nacional e punindo exemplarmente o grupo de predadores assentado no poder.

Ademais, com toda a legitimidade que lhe foi conferida pela sociedade brasileira, exigir que as leis e a Justiça representem, de fato, instrumentos de defesa do direito, e não objetos de proteção dos ímprobos e poderosos.

Difícil conseguir isso? Talvez não, se em cada ação indecorosa a senhora punir, sem vacilação, o apequenamento. Também se passar a exigir daqueles que a cercam postura modelar e atitudes proativas, que façam aflorar nos brasileiros a consciência crítica e a cidadania.

Ocorre-me neste momento a versão de Chico Buarque, Sonho Impossível. Cantava ele: "*Sonhar, mais um sonho impossível/ Lutar, quando é fácil ceder/ Vencer, o inimigo invencível/ Negar, quando a regra é vender.../ E assim, seja lá como for/ Vai ter fim a infinita aflição/ E o mundo vai ver uma flor/ Brotar do impossível chão*".

Recentemente, a senhora adotou algumas medidas corretivas diante da tragédia que nos assola. Começou a lutar, quando seria fácil ceder. Mas foi só um começo, talvez pouco. Pouco para alguém que, em períodos recentes menos gloriosos da nossa história, conviveu com a truculência e com autoridades que não eram coisa boa.

Agora que a senhora é autoridade, imagine se a sua complacência for mal interpretada, confundida com aquiescência. E lembre-se a senhora, que tem história para ser o exemplo, que a posição de presidente só foi obtida por deferência da nação brasileira, que colocou, com esperança e fé, seus destinos em vossas mãos. Para terminar, a infinita aflição. E para ver uma flor, brotar do impossível chão.

Dr. Miguel Srougi (SP).

No Reino **dos Coliformes**

NO RITMO ATUAL DAS OBRAS, LEVAREMOS MAIS DE 100 ANOS PARA COMPLETAR A REDE DE ESGOTOS EM TODO O PAÍS.

Fui visitar uma escola rural cuja reconstrução estava na etapa final. Ela tinha tudo, quadra esportiva, computadores e belos espaços. Como atrás do prédio havia um riacho simpático, indaguei se a escola tinha fossa séptica. Ponderei, diante da resposta negativa: como ensinariam boas práticas de meio ambiente se jogavam cocô no rio? Em uma reunião com o prefeito, a diretora referiu-se ao meu comentário inconveniente. Surpresa! Ninguém notou a ausência de tratamento de esgotos. Diante do mal-estar, o prefeito mandou o secretário de Obras instalar fossas em todas as escolas rurais. Ou seja, dinheiro havia. Nesse microcosmo, estavam presentes todas as razões da vitória dos coliformes no Brasil: 1 – Impera a ignorância generalizada sobre esse assunto e suas consequências; 2 – A legislação é leniente; 3 – Revela-se imediatismo do povo e do governo; 4 – O problema não é de recursos, mas de conveniência política.

Vamos por partes. De 100 anos para cá, os indicadores de qualidade de vida no Brasil subiram vertiginosamente. Todos, com apenas uma exceção: o esgoto tratado. De fato, 57% da população não possui coleta de esgoto. Acontece que esgoto tratado traz mais benefícios para a saúde do que rede hospitalar, médicos e tudo o mais exigido para curar as doenças causadas pelos coliformes e outros bichos nada graciosos. Setecentas mil pessoas são internadas anualmente por causas ligadas à inexistência de esgotamento sanitário adequado. O número de internações por doenças gastrointestinais, onde não há esgoto, é o dobro daquele onde há boa cobertura. Por enquanto, obras de engenharia beneficiam mais a saúde do que cuidados médicos. Por que são postergadas?

Como no caso mencionado, trata-se de uma mistura de ignorância e miopia. Segundo a ONG Trata Brasil (fonte de outros dados aqui citados), "31% da população desconhecem o que é saneamento, somente 3% o relacionam com a saúde e 41% não pagariam para ter seu domicílio ligado à rede de esgotos". É curioso verificar que os próprios dados do IBGE são apresentados de forma a induzir enganos. As estatísticas põem, de um lado, despejo in natura e fossa séptica. De outro, esgoto canalizado e/ou tratado. Os leitores veem de um lado o problema e de outro a solução. Acontece que a fossa séptica corretamente instalada é uma tecnologia segura. O Lago Léman – banhando Genebra – tem parte do seu esgotamento por fossas sépticas. E pode-se beber com segurança as suas águas. Em contraste, canalizar esgoto e dele só tratar 30%, como fazemos, é apenas despejar em um único trecho do rio todo o cocô da cidade. Quem mora rio abaixo (onde o prefeito é outro) recebe toda a contaminação.

Ilustrando a confusão criada, um jornal de Minas Gerais noticiou que em Nova Lima só 13,9% dos esgotos são tratados. Porém, segundo a matéria, quase todos os bairros têm fossa séptica. O jornalista entendeu "canalizado" como solução e fossa séptica como problema. Dar bodocada em pardal ou manter sabiá em gaiola é errado e pode dar cadeia.

No entanto, por séculos prefeitos jogam cocô no rio com total impunidade. No país do "não pode", falta legislação capaz de impedir que se joguem efluentes nos rios e no mar, com consequências funestas para a saúde. É o pedágio que nos cobra a ignorância. Em algum momento de sua história, o Brasil pode ter sido tão pobre que esgoto tratado seria um luxo. Mas faz tempo que o país tem dinheiro para tais obras. Com efeito, há vinte nações nas Américas com maior cobertura do que a nossa (e várias são mais pobres). Tratar todos os esgotos das cidades da Copa do Mundo custaria 9 bilhões de reais.

É menos do que o orçado para os estádios! E, considerando que 1 real com saneamento economiza 4 reais em postos de saúde, de quantos bilhões seria a economia no sistema de saúde?

No fundo, há um círculo vicioso. Uma sociedade ignorante desses assuntos não cobra políticas enérgicas de seus governantes. Estes, valendo-se do atraso intelectual do povo, preferem construir e inaugurar obras visíveis e vistosas a enterrar canos. E, como a regulamentação é leniente, esquecer o esgoto ainda é uma decisão politicamente "esperta". Pelo visto, continuaremos morando no Reino dos Coliformes, pois no ritmo atual das obras levaremos mais de 100 anos para completar a rede.

Cláudio de Moura Castro (SP).

(Reproduzido de Veja)

Prazer **sensorial**

PARA GOSTAR DE UM JOGO, NÃO É PRECISO ENTENDER DETALHES TÉCNICOS NEM A ESTRATÉGIA DOS TREINADORES.

Tempos atrás, dei carona a uma senhora simples e pobre. Ao olhar pelo espelho, percebi que ela, com os olhos fechados e expressão de felicidade, deliciava-se com a música clássica que tocava no rádio. Perguntei se ela conhecia a música. Disse que não, mas que a achava belíssima.

Não pense que tenho o hábito de escutar música clássica no carro. Liguei o rádio, e tocava a música. Deixei. Era de Bach. Temos de escutá-lo com os olhos fechados e, se possível, de joelhos, por reverência.

Para gostar de uma obra de arte, especialmente de uma música, não precisamos entender a técnica, conhecer a história da obra, do artista, nem a música necessita ter letra. É um prazer sensorial.

No futebol, é a mesma coisa. Podemos admirar um jogo, sem entendê-lo. Além disso, entender é diferente de compreender. Com frequência, entendemos os detalhes técnicos e a estratégia dos treinadores, conhecemos as estatísticas, mas não compreendemos o resultado e as outras mensagens técnicas e humanas da partida. Muitos não entendem nem compreendem.

Como sou metido a entender de futebol, acho importante saber detalhes técnicos para escrever minha coluna e, como sou um homem dividido entre a razão, a emoção e a fantasia, procuro ter, em uma partida, as visões de um analista técnico, crítico, e de um observador distraído, contemplativo. Muitas vezes, não consigo. Os olhares não se entendem. Um quer ser mais importante que o outro.

O futebol é, a cada dia, mais dominado pelo dinheiro, pelos empresários, pelos marqueteiros, pelos dirigentes suspeitos que não saem do poder, pelos treinadores e pela ciência esportiva. A ciência é essencial para desenvolver o esporte, porém o futebol, um jogo de tantas possibilidades, é cada vez mais uma disputa física, tática e previsível.

Há situações paradoxais. Vários times brasileiros, como o Atlético-MG, possuem uma estrutura profissional melhor que a dos grandes clubes da Europa, além de ótimos especialistas nas comissões técnicas, mas os jogadores são apenas medianos, bons, comuns. São coadjuvantes, um detalhe.

Essa contradição ficou menos marcante nos últimos anos porque os clubes passaram a arrecadar mais e, principalmente, por causa da supervalorização do real. Os times contratam muito e pagam altíssimos salários, mas continuam com enormes dívidas. O governo é generoso. A Timemania, criada para pagar impostos atrasados, é um grande fracasso.

Dr. Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão (MG).

(Reproduzido da Folha)

A dança das **quase verdades**

Nos seus dois primeiros milênios, apesar de já haver instituições – como a Academia de Atenas, o Museu de Alexandria e as universidades da Idade Média – onde se agrupavam estudos e meditações, a protociência era, em geral, uma atividade doméstica. Foi só no século 19 e principalmente no presente século que a ciência se institucionalizou, passando o cientista a exercer uma profissão com salário, férias, aposentadoria etc. Exceções notáveis nesse processo de institucionalização da ciência moderna, no século passado, foram Darwin e Mendel.

Atualmente, a "grande ciência" já extrapolou os limites das instituições e passou a ser governamental e, pelo menos em dois casos (viagens interplanetárias e mudanças climáticas), intergovernamental. Este último programa envolve dezenas de países e inclui dezenas de milhares de cientistas. Os trabalhos sobre a física de partículas e a cosmologia (incluindo a astrobiologia, recentemente criada) ainda parecem estar sob a égide de governos, o que não impede a cooperação internacional.

François Jacob é um eminente cientista (ganhou em 1965 o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina) que trabalha numa grande instituição, o Instituto Pasteur, de Paris. No livro *O rato, a mosca e o homem (Cia. das Letras)*, ele nos conta, além de muitas coisas maravilhosas, os problemas administrativos do desenvolvimento científico que ali ocorrem e nos relata algo importante: o valor da amizade e do coleguismo na solução de problemas que aparentemente pertenceriam apenas ao âmbito científico estrito.

Ele trata principalmente de assuntos ligados à genética, à bioquímica e à filosofia da ciência. Os dois primeiros itens estão intimamente ligados: sua genética é praticamente bioquímica. Mas a sua filosofia da ciência é algo bem diverso (como convém a uma filosofia) e certamente interessará muito mais ao leitor nãocientista.

Um dos assuntos que Jacob aborda, e com mestria, é o papel da criatividade na ciência. Como bem se sabe, há duas "formas" fundamentais de ciência: a bem-comportada (que segue estritamente os paradigmas dominantes e deles não se afasta) e a malcomportada (que sai desses paradigmas e é capaz de criar novas visões de mundo ou de partes dele). Esta última é a que cria novos paradigmas em qualquer nível – dos microparadigmas aos megaparadigmas. Eles derivam da alta ciência de gênios como Copérnico, Kepler, Galileu, Newton, Darwin, Mendel etc. No século passado, dois cientistas (Watson e Crick) abriram uma nova porta para o estudo da hereditariedade, contribuindo decisivamente para o surgimento da genética molecular.

A ciência "revolucionária" dos gênios muda as "verdades" imperantes na época e tem muito de "criação", elemento sabidamente fundamental nas artes. A criação, inspiração e a iluminação existem tanto na ciência quanto na arte, apenas variando, como diz Jacob, a proporção com que elas entram no processo de elaboração das obras artísticas ou científicas.

As grandes e revolucionárias teorias não brotam, já feitas, dos dados; pelo contrário, transcendem aos dados e surgem das cabeças dos cientistas (método hipotético-dedutivo). Os astrônomos só descobriram que a luz das estrelas distantes se encurva ao passar perto do Sol depois que a teoria da relatividade geral, de Einstein, disse que isso deveria acontecer. As teorias é que abrem as portas do conhecimento profundo e modificam as visões de mundo. Todavia, elas não podem ser provadas. Nunca podemos saber se correspondem exatamente à realidade. Se explicam bem os fenôme-

"VAGAMOS, EM CIÊNCIA, NO MEIO DE QUASE VERDADES, NUNCA SABENDO SE, DE FATO, ENCONTRAMOS A VERDADE PLENA E ABSOLUTA, A VERDADE CORRESPONDENCIAL."

nos, então passam a ser aceitas como "verdades" do momento. Mas outras teorias também poderiam fazê-lo.

A verdade da ciência é a verdade da explicação científica, diz o Padre Lima Vaz. Se explica bem, a teoria é aceita como verdadeira. Na realidade, ela é uma quase verdade, no sentido de Newton da Costa, isto é, uma verdade pragmática. Poderá mudar se outra se mostrar mais quase verdadeira. Dessa forma, vagamos, em ciência, no meio de quase-verdades, nunca sabendo se, de fato, encontramos a verdade plena e absoluta, a verdade correspondencial. Esta nos escapa, pois não dispomos de critério para identificá-la como tal. A ciência é, sim, uma das tentativas permanentes de encontrá-la, mas quando a encontra (se é que a encontra alguma vez), não sabe como identificá-la.

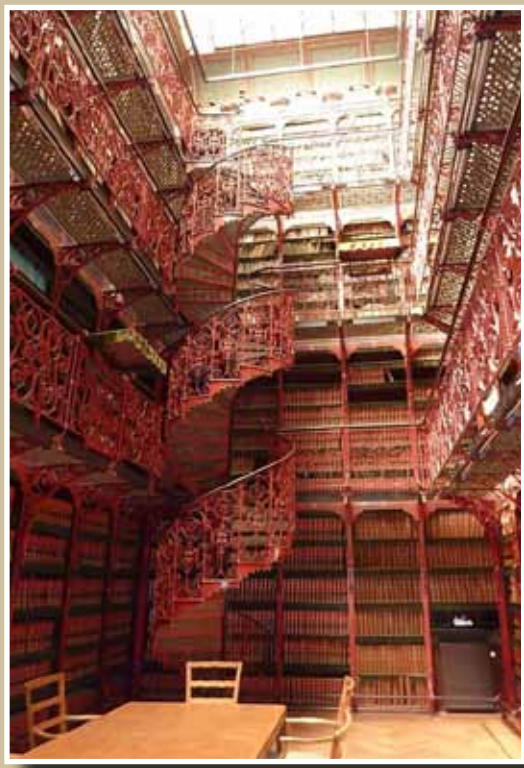
"A CIÊNCIA 'REVOLUCIONÁRIA' DOS GÊNIOS MUDA AS 'VERDADES' IMPERANTES NA ÉPOCA E TEM MUITO DE 'CRIAÇÃO', ELEMENTO SABIDAMENTE FUNDAMENTAL NAS ARTES."

As teorias que aceitamos atualmente passaram por testes que seriam capazes de falseá-las (Popper). Se não as falsearam, são aceitas como verossímeis e quase verdadeiras, sempre sujeitas a testes futuros ainda capazes de refutá-las. E assim, com exceção das proposições muito simples, vagamos de quase-verdade em quase verdade, numa dança praticamente infinita feita de trabalho, paciência, crença e esperanças...

Dr. Newton Freire-Maia (PR).
Professor Emérito do Departamento de Genética da Universidade Federal do Paraná e autor, entre outros, de "A Ciência por Dentro" (Vozes).

Fonte: www.shutterstock.com

BIBLIOTECAS PELO MUNDO I



Antiga Biblioteca do Ministério da Justiça (Haia, Holanda).

Antiga Biblioteca de Celso, em Éfeso (Turquia).

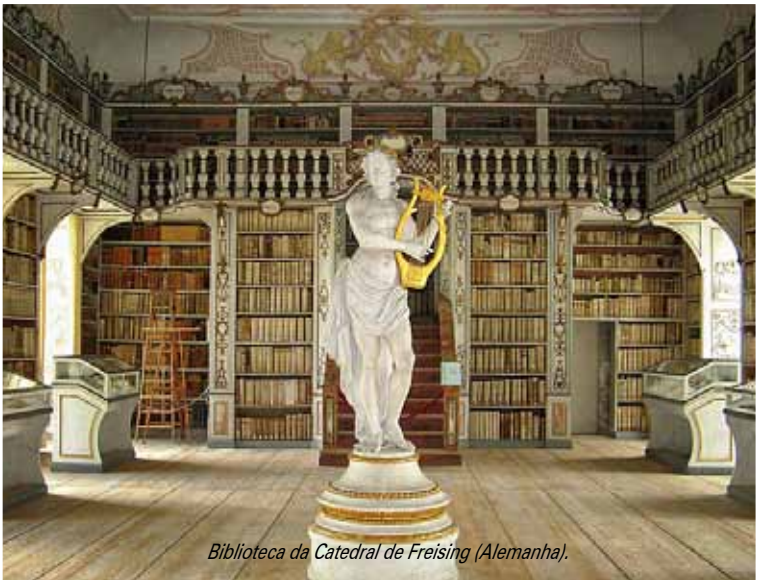
ÉTICA SEM FRONTEIRAS

"Existem regras que devem ser obedecidas mesmo durante as guerras. A ética médica é universal."
Sophie Delawney (Médicos sem Fronteiras).

Biblioteca Real do Palácio do Escorial (Madri, Espanha).

Biblioteca Butler, na Universidade de Columbia (Nova Iorque - EUA).

Biblioteca da Universidade de Leuven (Bélgica).


Biblioteca da Catedral de Freising (Alemanha).

Biblioteca George Peabody (Baltimore - EUA).

BIBLIOTECAS PELO MUNDO II BIBLIOTECAS PELO MUNDO II BIBLIOTECAS PELO MUNDO II

Sala de Leitura do British Museum (Londres - Inglaterra).

Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro).

Biblioteca Geisel, na UCSD (San Diego, EUA).

Biblioteca da University of Engineering Science (Xangai, China).

Biblioteca Bodleian (Oxford, Inglaterra).

Biblioteca España (Medelín, Colômbia).

Biblioteca Nacional da Bielorrússia (Minsk).

Biblioteca Real da Dinamarca (Copenhague).

O luxo

Mesmo para quem já possui casa, carro, casa de praia etc., sempre existirão objetos de desejo.

Supondo que você seja uma pessoa normal, sem grandes ambições de quadros valiosos e joias inacreditáveis, quais são as coisas que despertam em você aquela vontade louca de ter e aquele prazer imenso quando consegue? Nesses tempos tão modernos é difícil saber.

Houve uma época em que as coisas mais banais eram uma festa; uma barra de Toblerone comprada no free-shop enchia de alegria os corações infantis – e os adultos também. Ganhar de presente uma camiseta da Banana Republic ou um cinto da Gap era o suprassumo do prazer, e fazer uma viagem, uma emoção indescritível.

Tudo era raro, e por isso tão especial. Mas agora os Toblerones são vendidos nos sinais de trânsito, e as camisetas importadas, nos camelôs. Teoricamente é ótimo: não é mais preciso viajar para ter um pote de mostarda Dijon na geladeira – lembra a festa que foi quando o salmão defumado virou o frango da classe média alta? Ótimo é, mas a graça mesmo, essa acabou.

Em qualquer lugar do mundo você come exatamente as mesmas coisas e pode comprar a mesma bolsa no Rio, em São Paulo, em Nova York, em Tóquio ou Cingapura, todas rigorosamente iguais; as grifes se banalizaram, o que foi lançado na semana passada em Londres já chegou aqui, e para ter acesso às coisas é apenas uma questão de conta bancária.

"LUXO MESMO DEVE SER MORAR EM UM PAÍS ONDE SE POSSA ANDAR NA RUA SEM OLHAR EM VOLTA COM MEDO DE ASSALTO."

Mas apesar de quase tudo ser franqueado, ainda existem coisas especiais, únicas, às quais podemos ter acesso; é só procurar, sem ir atrás das modas.

De um pequeno restaurante que não faz parte de nenhum guia gastronômico a uma artesã de uma pequena cidade no interior de Pernambuco que faz lenços bordados de puro algodão, sem um só fio sintético, com suas iniciais bordadas; esse restaurante nunca vai ter filiais, e essa bordadeira nunca vai vender suas peças para nenhuma cadeia de lojas.

Existem coisas bem além da vã filosofia dos consumidores compulsivos, ávidos para comprar o que foi decretado que é moda.

A banalização deveria ser crime previsto no Código Penal, mas quando surge um restaurante incrível em qualquer lugar do mundo, na semana seguinte caravanas estão se organizando para ir conhecê-lo, só porque ouviram falar.

Nem todos conhecem os endereços onde se encontram coisas que nunca serão popularizadas, mas podemos todos exercer nossa capacidade de sair da mesmice, do comum e da vulgaridade que impera no mundo atual.

No lugar de fazer como todo mundo, pesquise, procure e ache um cinto único, uma camiseta única, um restaurante modesto, no fim de um beco, onde vai comer a melhor comida do mundo e que não está em nenhum guia da moda.

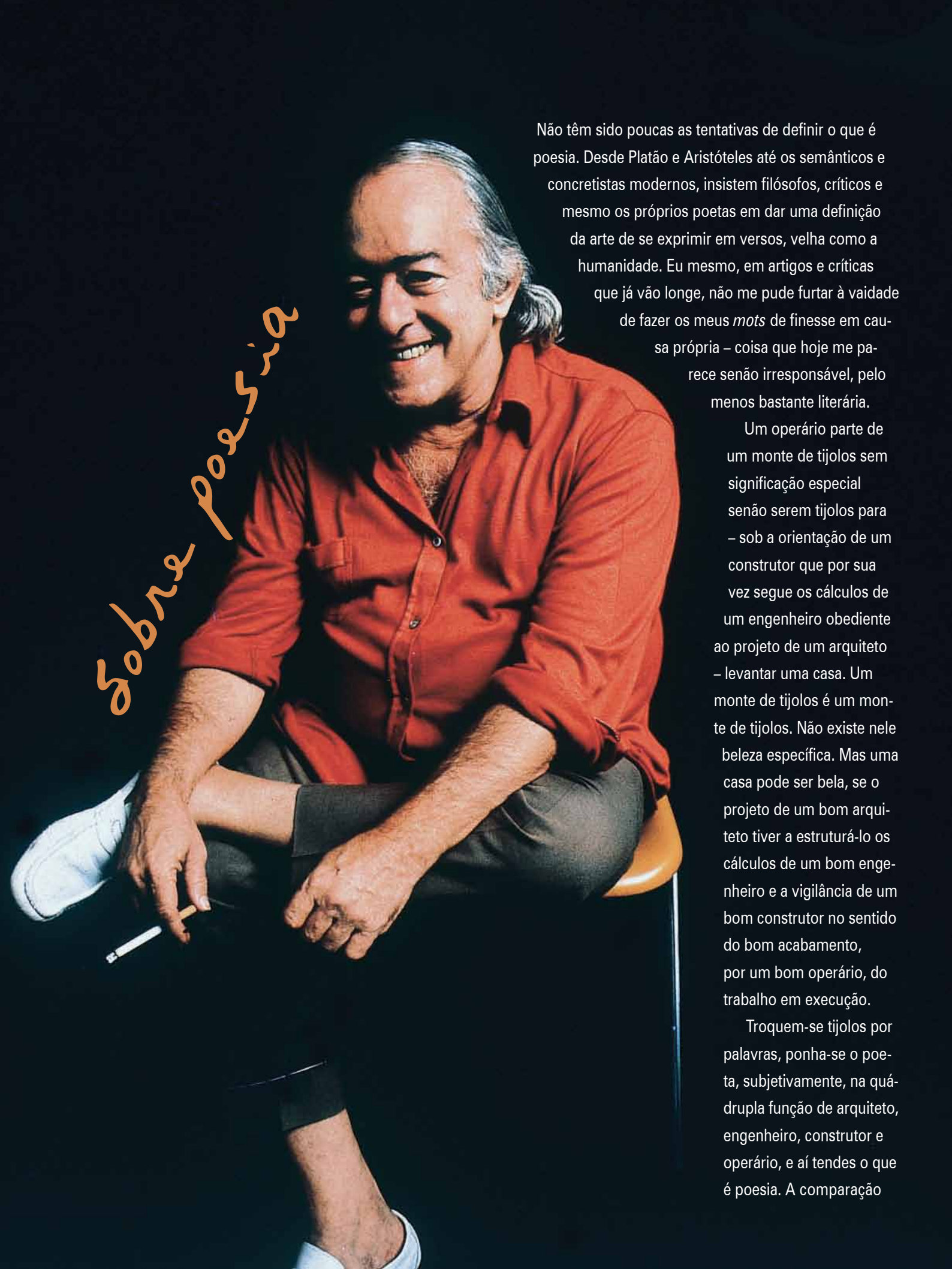
Esses achados – que não são necessariamente caros – são preciosos, porque foi você quem procurou, encontrou, são únicos e só você tem; isso é que eu acho que é o verdadeiro luxo. Achava, aliás.

Hoje eu penso que luxo, luxo mesmo, deve ser morar em um país onde se possa andar na rua sem olhar em volta com medo de ser assaltado, em que se abram os jornais durante uma semana, só uma, sem ler sobre malfeitos, palavra que virou sinônimo de corrupção, escândalo, roubalheira.

Deve ser mesmo muito bom.

Danuza Leão (RJ).

(Reproduzido da Folha)



Sobre poesia

Não têm sido poucas as tentativas de definir o que é poesia. Desde Platão e Aristóteles até os semânticos e concretistas modernos, insistem filósofos, críticos e mesmo os próprios poetas em dar uma definição da arte de se exprimir em versos, velha como a humanidade. Eu mesmo, em artigos e críticas que já vão longe, não me pude furtar à vaidade de fazer os meus *mots* de finesse em causa própria – coisa que hoje me parece senão irresponsável, pelo menos bastante literária.

Um operário parte de um monte de tijolos sem significação especial senão serem tijolos para – sob a orientação de um construtor que por sua vez segue os cálculos de um engenheiro obediente ao projeto de um arquiteto – levantar uma casa. Um monte de tijolos é um monte de tijolos. Não existe nele beleza específica. Mas uma casa pode ser bela, se o projeto de um bom arquiteto tiver a estruturá-lo os cálculos de um bom engenheiro e a vigilância de um bom construtor no sentido do bom acabamento, por um bom operário, do trabalho em execução.

Troquem-se tijolos por palavras, ponha-se o poeta, subjetivamente, na quádrupla função de arquiteto, engenheiro, construtor e operário, e aí tendes o que é poesia. A comparação

pode parecer orgulhosa, do ponto de vista do poeta, mas, muito pelo contrário, ela me parece colocar a poesia em sua real posição diante das outras artes: a de verdadeira humildade. O material do poeta é a vida, e só a vida, com tudo o que ela tem de sórdido e sublime. Seu instrumento é a palavra. Sua função é a de ser expressão verbal rítmica ao mundo informe de sensações, sentimentos e pressentimentos dos outros com relação a tudo o que existe ou é passível de existência no mundo mágico da imaginação. Seu único dever é fazê-lo da maneira mais bela, simples e comunicativa possível, do contrário ele não será nunca um bom poeta, mas um mero lucubrador de versos.

O material do poeta é a vida, dissemos. Por isso me parece que a poesia é a mais humilde das artes. E, como tal, a mais heroica, pois essa circunstância determina que o poeta constitua a lenha preferida para a lareira do alheio, embora o que se mostre de saída às visitas seja o quadro em cima dela, ou a escultura no saguão, ou o último *long-playing* em alta fidelidade, ou a própria casa se ela for obra de um arquiteto de nome. E eu vos direi o porquê dessa atitude, de vez que não há nisso nenhum mistério, nem qualquer demérito para a poesia. É que a vida é para todos um fato cotidiano. Ela o é pela dinâmica mesma de suas contradições, pelo equilíbrio mesmo de seus polos contrários. O homem não poderia viver sob o sentimento permanente dessas contradições e desses contrários, que procura constantemente esquecer para poder mover a máquina do mundo, da qual é o único criador e obreiro, e para não perder a sua razão de ser dentro de uma natureza em que constitui ao mesmo tempo a nota mais bela e mais desarmônica. Ou melhor: para não perder a razão *tout court*.

Mas para o poeta a vida é eterna. Ele vive no vórtice dessas contradições, no eixo desses contrários. Não viva ele assim, e transformar-se-á certamente, dentro de um mundo em carne viva, num jardinista, num floricultor de espécimes que, por mais belos sejam, pertencem antes a estufas que ao homem que vive nas ruas e nas casas. Isto é: pelo menos para mim. E não é outra a razão pela qual a poesia tem dado à história, dentro do quadro das artes, o maior, de longe o maior número de santos e de mártires. Pois, individualmente, o poeta é, ai dele, um ser em constante busca de absoluto e, socialmente, um permanente revoltado. Daí não haver por que estranhar o fato de ser a poesia, para efeitos domésticos, a filha pobre na família das artes, e um elemento de perturbação da ordem dentro da sociedade tal como está constituída.

Diz-se que o poeta é um criador, ou melhor, um estruturador de línguas e, sendo assim, de civilizações. Homero, Virgílio, Dante, Chaucer, Shakespeare, Camões, os poetas anônimos do *Cantar de Mío Cid* vivem à base dessas afirmações. Pode ser. Mas para o burguês comum a poesia não é coisa que se possa trocar usualmente por dinheiro, pendurar na parede como um quadro, colocar num jardim como uma escultura, pôr num toca-discos como uma sinfonia, transportar para a tela como um conto, uma novela ou um romance, nem encenar, como um roteiro cinematográfico, um balé ou uma peça de teatro. Modigliani – que se fosse vivo seria multimilionário como Picasso – podia, na época em que morria de fome, trocar uma tela por um prato de comida: muitos artistas plásticos o fizeram antes e depois dele. Mas eu acho difícil que um poeta possa jamais conseguir o seu filé em troca de um soneto ou uma balada. Por isso me parece que a maior beleza dessa arte modesta e heroica seja a sua aparente inutilidade. Isso dá ao verdadeiro poeta forças para jamais se comprometer com os donos da vida. Seu único patrão é a própria vida: a vida dos homens em sua longa luta contra a natureza e contra si mesmos para se realizarem em amor e tranquilidade.

Vinicius de Moraes (RJ).

(*Para viver um grande amor* foi publicado em 1962 - Rio de Janeiro: Editora do Autor, 223 p.).

Poesias do **poetinha**

O VERBO NO INFINITO

Ser criado, gerar-se, transformar
O amor em carne e a carne em amor; nascer
Respirar, e chorar, e adormecer
E se nutrir para poder chorar

Para poder nutrir-se; e despertar
Um dia à luz e ver, ao mundo e ouvir
E começar a amar e então sorrir
E então sorrir para poder chorar.

E crescer, e saber, e ser, e haver
E perder, e sofrer, e ter horror
De ser e amar, e se sentir maldito

E esquecer tudo ao vir um novo amor
E viver esse amor até morrer
E ir conjugar o verbo no infinito...

SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Oceano Atlântico, a bordo do Highland
Patriot, a caminho da Inglaterra, setem-
bro de 1938)

OLHOS MORTOS

Algum dia esses olhos que beijavas tanto
Numa carícia sem mistérios
Olharão para o céu e pararão.
Nesse dia nem o teu beijo angelizante
Poderá novamente despertá-los.
A luz que lhes boiava nas pupilas
Tu a verás talvez na face magra
Do Cristo prisioneiro entre as mãos crispadas.
Eles serão brancos – a imagem desse céu alto e suspenso
Que foi a sua última visão.
Eles não te dirão mais nada.
Não te falarão aquela linguagem extraordinária
Que te repousava como uma música longínqua.
Não olharão mais nada que uma distância qualquer, longe
Uma distância que nem tu nem ninguém saberá qual é.
Eles estarão abertos, compreensivos da morte, parados
Nem tu conseguirás mais despertá-los.
E eu te peço – tu que tanto amavas repousá-los
Com a luz clara do teu olhar sem martírios –
Não os prendas à angústia triste do teu pranto.
Silêncio... silêncio... Beija-os ainda e vai...
Deixa-os fitando eternamente o céu.
(Rio de Janeiro)

O POETA E A ROSA

(e com direito a passarinho)
Ao ver uma rosa branca
O poeta disse: Que linda!
Cantarei sua beleza
Como ninguém nunca ainda!

Qual não é sua surpresa
Ao ver, à sua oração
A rosa branca ir ficando
Rubra de indignação.

É que a rosa, além de branca
(Diga-se isso a bem da rosa...)
Era da espécie mais franca
E da seiva mais raivosa.

Que foi? – balbucia o poeta
E a rosa: – Calhorda que és!
Para de olhar para cima!
Mira o que tens a teus pés!

E o poeta vê uma criança
Suja, esquálida, andrajosa
Comendo um torrão da terra
Que dera existência à rosa.

São milhões! – a rosa berra
Milhões a morrer de fome
E tu, na tua vaidade
Querendo usar do meu nome!...

E num acesso de ira
Arranca as pétalas, lança-as
Fora, como a dar comida
A todas essas crianças.

O poeta baixa a cabeça.
É aqui que a rosa respira...
Geme o vento. Morre a rosa.
E um passarinho que ouvira

Quietinho toda a disputa
Tira do galho uma reta
E ainda faz um cocozinho
Na cabeça do poeta.
(Rio, 1959)

POÉTICA (I)

De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.

A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.

Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem

Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
Meu tempo é quando.
(Nova York, 1950)

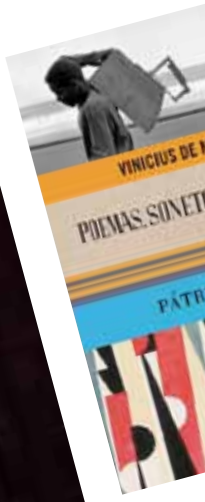
SONETO DE FIDELIDADE

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.
(Estoril, outubro de 1939)



POEMAS **GREGOS**

JOÃO MANUEL SIMÕES (PR).

ATENAS

Sonho de Deus, divina fantasia,
a música tornou-se arquitetura,
o cântico de pedra, geometria.
E a humana imperfeição? Beleza pura.

A ACRÓPOLE

Aqui o tempo congelou:
é mármore.
Mas estremece
como um corpo vivo.

MÚSICA DAS ESFERAS

Cantos panateneicos,
quem vos canta,
no silêncio hierático da nave
vazia, sem ninguém?

FÍDIAS

Cresce no ar
o som intermitente
do escopro e do cinzel
ferindo a pedra.
(Tuas mãos, Fídias,
não se cansam nunca.)

VÊNUS DE MILO

Tatuagem
na epiderme do tempo
(mágico abismo,
vertigem branca),
a beleza cintila,
intacta, incorruptível.

A mão (inexistente) traça
um gesto iluminado.

Imperceptivelmente,
o peito arfa e o sangue
flui dentro das veias
de mármore.

O ERECTÊION

É dura e fria a pedra. Em suas veias,
como um voo em surdina,
corre o sangue
da Ática imortal.

Na calma arquitetura do silêncio
o mármore volátil canta. Canta,
ao som das flautas
das panateneias.

(Quem sequestrou
os tríglifos e as métopas,
dos leves frisos dóricos?)

O PÁRTENON

Quem transformou o tempo
em cântico de pedra?
Calícrates, Ictinos, esses foram
os deuses arquitetos.
Suas colunas dóricas são quantas?
(São elas que sustentam,
nos seus ombros,
a abóbada celeste).

ÍTACA

Sobre a lápide branca das areias,
as algas desenharam epitáfios
contando o holocausto das sereias.
Desgrenhadas, mataram-se na ânsia
da chegada de Ulisses, cujo barco
sem leme está perdido na distância.

MEDITAÇÃO

Sentado num pilar
de mármore quebrado,
olho em silêncio
as colunas do Propileu.
Fico a pensar
no destino das cariátides.
E esqueço o meu.

ARQUITETURA

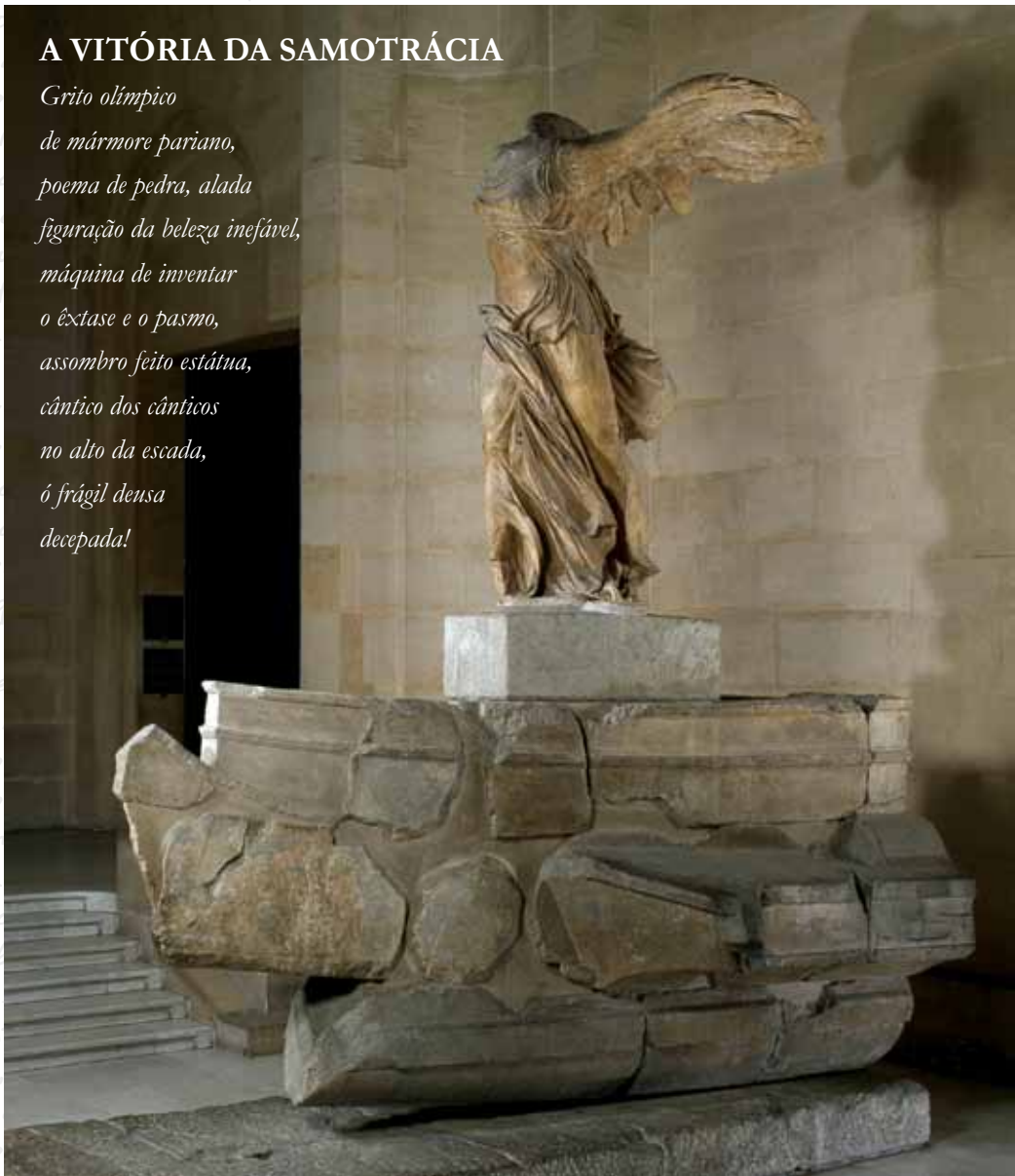
Cornijas, capitéis, plintos, volutas.
Se é preciso sonhar,
é esse o sonho grego:
sangue branco a fluir
dentro do mármore.
Que segredo de Atena
o peristilo esconde,
no silêncio do naos, o santuário?
(E como sustentar
o céu sem a arquitrave?)

UMA ESTÁTUA

Na placenta de pedra
dorme o puro
corpo da deusa Atena,
prometida.
Logo chegará Fídias,
com seu duro
cinzel-fórceps,
para dar-lhe vida.

A VITÓRIA DA SAMOTRÁCIA

Grito olímpico
de mármore pariano,
poema de pedra, alada
figuração da beleza inefável,
máquina de inventar
o êxtase e o pasmo,
assombro feito estátua,
cântico dos cânticos
no alto da escada,
ó frágil deusa
decepada!



Os sentimentais

Grande mistério: por que motivo os livros de Theodore Dalrymple não foram ainda publicados no Brasil? Fato: Dalrymple não é leitura fácil para gostos politicamente corretos. Mas qualquer obra do Dr. Dalrymple merece o tempo e o dinheiro. Dalrymple não engana.

Aliás, o seu mais recente livro é uma anatomia dos enganos. Dos sentimentais enganos que começam na esfera privada e rapidamente transbordam, como um líquido viscoso e corrosivo, para a arena pública. Título: *Spoilt Rotten: The Toxic Cult of Sentimentality* (London: Gibson Square, 260 páginas.) - algo como "podre e estragado: o culto tóxico do sentimentalismo".

Nem mais. Em finais do século 18, a Europa produziu uma nova sensibilidade "romântica", tendo Rousseau como patrono e o sentimento como deus. Se os homens nascem bons, como explicar a miséria e a infelicidade da espécie?

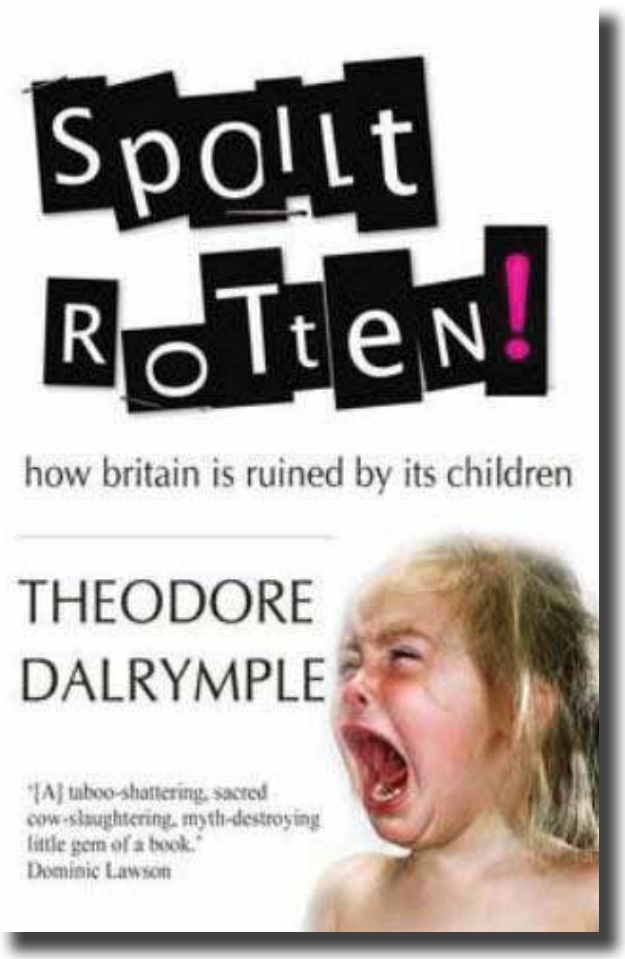
Não, obviamente, com a natureza imperfeita dela – a velha explicação das teologias tradicionais. Se imperfeição existe, se deve a uma sociedade política que aprisiona o "bom selvagem" e impede a expressão pura e purificante do seu "Eu".

Hoje, o "bom selvagem" anda solto. E, com ele, um "Eu" orgulhoso da sua própria ignorância e orgulhoso porque é crente na genuinidade da sua própria genuinidade.

Eis a essência do sentimentalismo: a expressão da emoção sem a presença do julgamento. Sentir basta – porque os sentimentos nunca enganam. Ou, como diria Rousseau, podemos errar, mas, se o erro for sincero, ele não foi propriamente um erro.

Na esfera privada, essa forma de "pensamento" (que é, na verdade, o recuo do pensamento) até pode proporcionar momentos divertidos.

Dalrymple conta um: o dia em que conheceu uma estudante de "*Genocide Studies*" (sim, isso existe) que dissertou apaixonadamente sobre o genocídio de Ruanda porque vira o filme *Hotel Ruanda*. De fato: estudar para



que quando basta uma "identificação" (sentimental) com as vítimas de um cataclismo qualquer?

Quando li essa passagem, ri alto. Mas ri com nostalgia. Conheço vários desses "especialistas" que falam sobre as desgraças do mundo porque viram um filme de Hollywood sobre o assunto ("O aquecimento global existe, juro. Você não viu o filme de Al Gore?").

O sentimentalismo substitui a razão pela emoção. E, se isso diverte na esfera privada, se torna opressivo na arena pública.

Dalrymple analisa dois casos que ilustram o perigo.

O primeiro vem de Portugal, com o desaparecimento de uma criança inglesa no Algarve. Madeleine McCann era

o nome, mas a mídia internacional (e sentimental) preferiu rebatizá-la como "Maddie".

Nada sabemos de definitivo sobre o caso: como desapareceu, quem a fez desaparecer, onde estará a criança – viva ou morta.

Mas a opinião pública, confrontada com dois pais que não choravam em público, rapidamente encontrou neles os culpados. A ausência de sentimentalismo não poderia ser explicada por noções clássicas de decoro ou resiliência. A ausência de sentimentalismo era uma revelação de monstruosidade moral.

E, se assim foi em Portugal, assim foi na Inglaterra, com a morte da princesa Diana. Um momento sentimental (e irracional) que levou milhares de ingleses aos portões do Palácio de Buckingham, empunhando cartazes contra a monarquia.

"Mostrem-nos que também sentem!", lia-se num deles. Resumo perfeito da demência sentimental: nós queremos que os nossos governantes partilhem as nossas emoções públicas – e em público. Uma espécie de terapia coletiva a que Tony Blair deu o seu contributo, coroando Diana Spencer com o apropriado título de "Princesa do Povo".

"SÃO ESSES CAPRICHOS, ALIMENTADOS TAMBÉM POR CANTORES POP SUBLETRADOS, QUE EXPLICAM O GRANDE DESASTRE DA AJUDA HUMANITÁRIA À ÁFRICA."

O problema dessa terapia é que os líderes deixam de ser líderes e passam a obedecer aos caprichos sentimentais das massas.

Para citar apenas um caso entre mil, são esses caprichos, alimentados também por cantores pop subletrados, que explicam o grande desastre da ajuda humanitária à África. Não que os africanos pobres e famintos não precisem de ajuda.

Mas essa ajuda não pode acabar nas contas bancárias dos governantes africanos que são os primeiros responsáveis pela miséria do seu povo.

O culto do sentimento, escreve Dalrymple, não destrói apenas a capacidade de pensar. Destrói a simples ideia de que é preciso pensar.

Não conheço melhor receita para a barbárie.

João Pereira Coutinho (Portugal)

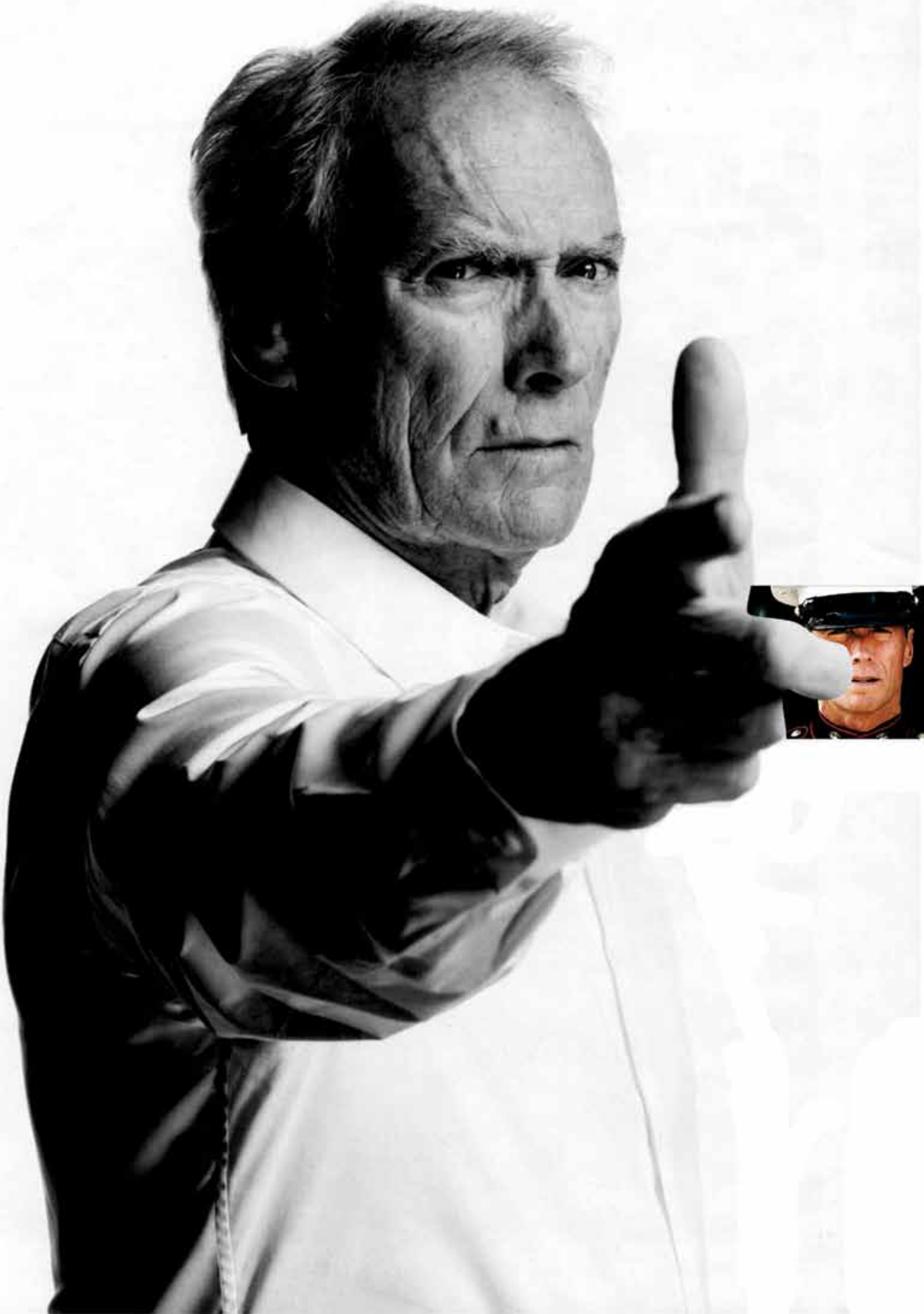
(Reproduzido da Folha)

Desculpem a **insolência!**

Ser editor nem sempre é amargo. Às vezes brota uma benesse. E esta não poderia deixar em branco, porque há um agradecimento devido.

No **IÁTRICO** 23 escrevi um texto com o título *Disco do Ano* e, ao final, registrava uma "boutade" dizendo que se alguém quisesse me oferecer um jantar com vinho Petrus eu levaria o CD.

Dois anos depois, a generosidade de um médico e bom amigo, P.C., só as iniciais para não expô-lo, me telefona afirmando que o *Petrus* chegara e que o jantar seria na sexta, dia 30 de setembro, e que não precisava levar o CD por já tê-lo. Inicialmente pensei estar tendo um pensamento delirante, isto é, estar ouvindo coisas. Mas a pessoa era séria demais para brincar com meus desejos. Tal dito, tal feito. O jantar para oito pessoas, todas muito agradáveis, o que não é comum, uma verdadeira comunhão à mesa. O jantar, claro, opíparo, e os vinhos servidos, *Vega Sicilia Único*, *Brunello di Montalcino* de bom produtor e safra, *Chateau Margaux* de 100 pontos na *Wine Spectator* e, naturalmente, o *Petrus*. Delírio? Não, realidade. Talvez um dos melhores jantares da minha vida. O dileto leitor tem direito à inveja, eu também teria. Só que, como há sempre outro lado, isso me criou dois problemas. Primeiro, não posso retribuir. Segundo, a partir de agora só posso aceitar jantares com *Romanée Conti*. *Sorry*.



CLINT,
UM PADRÃO?

A primeira vez que assisti um filme seu, um faroeste spaghetti – assim eram denominados – do Sergio Leone, já me impressionou. Estava ali na tela do Cine Avenida, ou seria o Ópera, em fronte? Não me lembro bem; era década de 60... Mais do que um ator, um personagem, apesar da banalidade do filme. É, também gosto de banalidades, mesmo faroestes ruins, como adoro os *Três Patetas*.

Apesar de não fumar, bom exemplo, tinha uma cigarrilha cortada ao meio e não acesa no canto da boca. Aquilo fugia do banal e dava ao rosto pétreo, sem emoções aparentes, apenas cálculo e eficácia, uma face humana ao pistoleiro justiceiro. Bastou essa primeira fase italiana para me viciar no ator. Como se, modestamente, previsse sua ascensão e um futuro clássico do faroeste, *Os Imperdoáveis*. Não previ a do Sérgio Leone. Quem lembra de *Era uma vez*

na América sabe de seu talento como diretor. O spaghetti abriu as portas do ator em seu próprio país. De volta à América, atuou em *Dirty Harry*, na linha da justiça com violência. Depois foi aprimorando os roteiros em que trabalhava e, para isso, chegou a trabalhar de graça. Todo o trabalho que se antepõe ao sucesso é duro, por maior que seja o talento.

Mais de cem filmes depois no currículo, um terço como diretor, e nos oitentas perfeitamente ativo, ninguém discute seu talento. Bastariam os dois Oscars como diretor para avalizá-lo. Mas, como disse, talento não basta. Muito trabalho com disciplina e determinação são necessários ao sucesso que se prolonga. E nesse sentido, Clint Eastwood exagerou. Foi obsessivo demais no trabalho, o que lhe custou cinco casamentos e sete filhos com mulheres diferentes, isto é, prolífico disperso. E só se aquietou e encontrou paz no último, já sexagenário, quando encontrou Dina Ruiz, com quem vive há 12 anos e, só agora, curte uma filha pela primeira vez.

O que mudou? E é aí, fora do interesse cultural, o que pode ser mais útil para nós médicos. Sua boa forma como octogenário

"MAIS DE CEM FILMES DEPOIS NO CURRÍCULO, UM TERÇO COMO DIRETOR, E NOS OITENTAS PERFEITAMENTE ATIVO, NINGUÉM DISCUTE SEU TALENTO. BASTARIAM OS DOIS OSCARS COMO DIRETOR PARA AVALIZÁ-LO."

vem da genética e do exercício. Uma você não escolhe, a outra pode praticar. Não foi a parte emocional que o ajudou. Essa foi um desastre até sua maturidade tardia. Só veio a suscitar sua veia romântica, e se livrou de angústias e dúvidas já sexagenário. Chegou à conclusão e à vivência de que não é preciso sofrer para produzir e viver o que é valioso. Sejam filmes ou vida domiciliar. Como o ator italiano Vittorio Gassman, que só descobriu o que é o casamento depois de alguns, e que, por isso, dizia que deveríamos ter duas vidas, uma para ensaiar e a outra para representar, como no teatro. Ambos, depois de muito ensaiar, conseguiram na vida real representar seus melhores papéis, o de pessoas, não de personagens.

Clint está aí, agora sem seu desespero quieto, produzindo arte para nos comover e refletir. E seu segredo maior é o de sempre: viver bem só se concretiza quando queremos aprender permanentemente, quando queremos expandir nossos limites, mas de forma serena e sem pressa. E sabem o que mais? Clint queria ser músico na juventude. O acaso mudou seu rumo, mas ficou perene a sensibilidade musical, haja vista as trilhas sonoras de seus filmes enquanto diretor. Para você, paciente leitor, ter um gostinho de sua arte musical, vá ao site do **IÁTRICO** e sintonize a trilha "*Other Things*", e tenha uma bela audição na voz de Diana Krall para a composição de Clint, *Why Should I Care.* Durão sim, mas com sensibilidade. Clint não é só visão, é também audição, e não menos importante, reflexão.

"CLINT CULTURE"

1930 Em 31 de maio, nasce Clinton "Clint" Eastwood Jr. (São Francisco, EUA)

1950 Convocado ao exército, mas seu avião cai em São Francisco. Escapa gravemente ferido e acaba não indo para a Guerra da Coreia.

1960's Começa a se destacar após interpretar o misterioso Homem sem nome na *Trilogia dos Dólares*, de Sergio Leone. Os filmes *Por um Punhado de Dólares* (1964), *Por Uns Dólares a Mais* (1965), e *Três Homens em Conflito* (1966) foram um verdadeiro sucesso.

1971 1º filme como diretor: *Perversa Paixão (Play Misty for Me)*.

Estrela *Perseguidor Implacável (Dirty Harry)*. O filme originou várias sequências: *Magnum 44*, *Sem Medo da Morte*, *Impacto Fulminante* e *Dirty Harry na Lista Negra*.

1976 Estrela *Josey Wales, O Fora da Lei (The Outlaw Josey Wales)*

1979 *Fuga de Alcatraz (Escape from Alcatraz)*. Baseado na vida do fugitivo que estudou e planejou a fuga perfeita de Alcatraz.

1986 Eleito prefeito de Carmel-by-the-Sea, na Califórnia.

1989 Ganhou o *Globo de Ouro* de melhor diretor por *Bird*.

1990 Clint Eastwood é o nome usado por Marty McFly no filme *De Volta Para o Futuro 3*, que é uma paródia do gênero *western*. No entanto, não apresenta nenhuma semelhança com Eastwood. As reações dos outros personagens foram de piadas a insultos ("Que tipo de nome estúpido é esse?").

1993 Prêmio *Irving G. Thalberg Memorial Award*, premiação dada periodicamente na cerimônia do Oscar a produtores de destaque.

1995 Oscars de Melhor Filme e Diretor por *Os Imperdoáveis*.

2003 Dirige o filme *Sobre Meninos e Lobos* (*Mystic River*), e é indicado ao Oscar e ao Globo de Ouro de Melhor Diretor, em 2004.

2004 Indicado ao Grammy de Melhor Trilha Sonora pelo filme *Menina de Ouro*.

2005 Recebe os Oscars de Melhor Filme e Diretor, por *Menina de Ouro (Million Dollar Baby)* e também o Globo de Ouro de Melhor Diretor. No Oscar, ainda é indicado a Melhor Ator pelo mesmo filme.

2006 Dirige dois filmes sobre a batalha de Iwo Jima na 2ª Guerra Mundial. *A Conquista da Honra*, focado no homem que ergueu a bandeira dos Estados Unidos no topo do monte Suribachi, e *Cartas de Iwo Jima*, que tratava das táticas japonesas e as cartas que escreviam às suas famílias. Os dois filmes foram nomeados ao Oscar, incluindo melhor diretor e melhor filme por *Cartas de Iwo Jima*.

2009 Estrela, dirige e produz *Gran Torino*. O filme obteve mais de 30 milhões de dólares na 1ª semana de exibição nos EUA, fazendo de Clint o ator mais velho a conseguir um 1º lugar em bilheterias. O longa é o filme com maior sucesso comercial da carreira de Eastwood.

2012 Lançará, como diretor, *J. Edgar*, cinebiografia do John Edgar Hoover, diretor do FBI entre 35 e 72.

Fuchs-Varese-**Rosenthal**

No Hospital de Clínicas de Curitiba, década de setenta, o Professor Renato de Muggiati costumava portar, trespassado no bolso junto à lapela de seu avental, um inusitado martelo de reflexos. Assemelhava-se ao de Dejérine, porém o cabo era um robusto tubo de vidro de cerca de centímetro e pouco de espessura e quinze centímetros de comprimento, contendo uma coluna de mercúrio que ocupava a metade do cabo. A borracha percutidora tinha um dos lados mais largo – normal – e outro algo mais fino, mais delicado. Tratava-se de engenhoso artefato semiológico, destinado ao uso tanto em adultos quanto em crianças.

Ao se examinar um adulto, percutia-se como usualmente, segurando-se o cabo para cima e a extremidade de borracha pendulando embaixo. Nestas condições, o mercúrio se acumulava junto da borracha, deixando esta extremidade mais pesada e a percussão mais vigorosa. Na pediatria, ao se examinar uma criança, o insólito martelo deveria ser usado ao contrário: cabo para baixo e borracha para cima, como quem martela um prego numa parede na altura dos olhos. Nesta posição, o mercúrio se acumulava na ponta livre do cabo, deixando a extremidade percutidora mais leve, resultando num golpe mais sutil, mais adequado ao pequeno paciente.

"DR. MUGGIATI PARECE TER SE ENCANTADO PELO POMPOSO TRINÔMIO ORIGINADO COM A HISTÓRIA DO MARTELO VÍTREO."

Evidentemente, nos corredores e enfermarias, o singular instrumento suscitava a curiosidade dos colegas e um que outro pedia uma explicação. Tratava-se de um martelo de reflexos de Fuchs-Varese-Rosenthal, esclarecia soberbo o Dr. Muggiati. O interlocutor, receando escancarar ainda mais a sua ignorância em termos de instrumental neurológico, geralmente se dava por satisfeito; provavelmente saia dali com a ideia fixa de compulsar compêndios de técnica semiológica para reparar esta lamentável lacuna em sua formação (fosse hoje em dia, ele iria diretamente para o *Google*!).

Mas para nós, estudantes que frequentávamos sua equipe neurocirúrgica, o mestre certa vez foi mais preciso e contou a história do tal martelo. Infelizmente me escapa justamente a parte mais importante: seria uma ideia toda sua ou simplesmente mandara confeccionar algo visto alhures? Fuchs e Rosenthal eram funcionários do laboratório, da manutenção do Hospital de Clínicas, que tinham ajudado a materializar a bolação; um providenciando o mercúrio e o outro teria fundido ou soldado os vidros, algo assim. Já o Varese, parece ter entrado na história apenas como um adereço sonoro. Varese era como o Dr. Muggiati gostava de afetuosamente tratar o Dr. Alberto Accioly Veiga, seu amigo figadal, cuja avó paterna, filha de italianos, nascida em Montevidéu, casou-se com seu avô, levando o sobrenome Varese para a família que constituiu em Paranaguá.

Por alguma razão, a invenção não teve o sucesso esperado e o empreendimento se resumiu àquele único protótipo (tivesse sido um sucesso, e a ideia fosse realmente sua, o instrumento possivelmente se chamaria hoje "Martelo de Reflexos de Muggiati" e o Fuchs e o Varese e o Rosenthal teriam ficado anônimos, como de fato ficaram).

Mas o Dr. Muggiati parece ter se encantado pelo pomposo trinômio originado com a história do martelo vítreo e, ao menos uma vez, presenciei-o se socorrendo dele para pregar uma peça que se impunha.

Naqueles dias, sem dispor de tomografias computadorizadas e muito menos de ressonâncias magnéticas, a sala de cirurgia e, sobretudo a sala de necropsias, eram os locais onde a verdade científica finalmente aflorava. Assim, ao operar casos provindos do 13.º andar, era co-

mum que representantes da neurologia passassem pela sala de cirurgia para conferir e complementar suas lucubrações diagnósticas sobre o caso que até então estivera aos seus cuidados.

Dava para se perceber como a presença da neurologia na sala envaidecia o cirurgião que ia discorrendo sobre os achados cirúrgicos para tão seleta plateia às suas costas. Entretanto, entre os residentes havia um que, embora estudioso e aplicado, tinha o mau hábito de sempre saber tudo; era impossível surpreendê-lo. Sim, ele já tinha pensado neste detalhe, também já tinha vislumbrado aquela possibilidade diagnóstica e assim por diante. Desnecessário dizer o quanto pernosticidade irrita.

Uma manhã, notando que ainda não tinha residente algum às suas costas, o Dr. Muggiati comentou: "Deixa o fulano aparecer que hoje eu vou preparar a cama dele". Quando a cirurgia já ia bem adiantada, surgiu a pequena delegação de residentes da neurologia e começou o cavalheiresco, porém sempre contido e delicado diálogo entre clínicos e cirurgiões. Como de hábito, nada do que o crânio aberto expunha era surpresa para o *smart guy*. Quando tudo parecia ter sido dito e comentado e um silêncio já criava um certo mal-estar, como que puxando assunto, o Dr. Muggiati disse: "Sabe, antes dos senhores chegarem, eu estava comentando com o Dr. Pombo e com os meninos aqui, que de certa maneira este caso lembrava um pouco a Síndrome de Fuchs Varese Rosenthal". E batata: após alguns segundos veio a confirmação do residente: "Sim, sim, lembrava sim..."

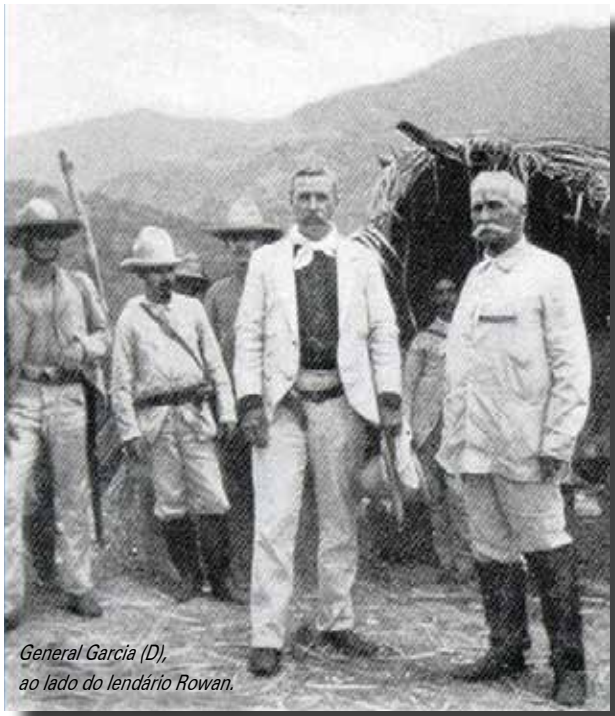
Os grandes olhos – olhos de Peter Lorre – do Dr. Muggiati se encarregaram de expressar o sorriso de satisfação que a máscara cirúrgica escondia: Bingo!

Dr. Cezar Zillig (SC).

Reflexões sobre **"Uma mensagem a Garcia"**

Helbert Hubbard em uma muito feliz mensagem escrita em 1899 para a revista Philistine, em Washington ("Uma mensagem a Garcia" – livre acesso pela internet), narra fato que teria passado despercebido na história da Guerra de Cuba, não fora sua perspicácia – fato comum aos homens inteligentes e observadores.

Diz ele que "quando começou a guerra entre Espanha e Estados Unidos, era importante a este país entrar em contato com o chefe dos revoltosos, que era chamado de Garcia. Ele deveria estar em algum lugar no sertão cubano, sem, contudo, se saber exatamente onde era. Outros meios de comunicação existentes na época eram inaplicáveis ao contato. A colaboração de Garcia aos planos e a rapidez nas ações eram muito importante. O que fazer? Alguém ao lado falou ao presidente americano: "há um homem chamado Rowan;



General Garcia (D), ao lado do lendário Rowan.

e se alguma pessoa é capaz de encontrar Garcia, há de ser Rowan".

Encontraram-no e o levaram a falar com o presidente, que lhe confiou uma carta dizendo: "Entregue-a a Garcia". São ainda palavras de Hubbard: "...de como este homem tomou a carta, meteu-a num invólucro impermeável, amarrou-a sobre o peito e, após quatro dias, saltou de um barco sem coberta, alta noite, nas costas de Cuba; de como se embrenhou no sertão para depois de três semanas, surgir do outro lado da ilha, tendo atravessado a pé um país hostil e entregado a carta a Garcia são coisas que não vêm ao caso narrar aqui pormenorizadamente. O ponto que desejo frisar é este: o presidente dos Estados Unidos deu a Rowan uma carta para ser entregue a Garcia; Rowan pegou a carta e nem se quer perguntou: "Onde é que ele está?"

"INFELIZMENTE A ATITUDE DE FAZER O MÍNIMO PARA JUSTIFICAR A PRESENÇA, SEM CONTRIBUIR PARA O ENGRANDECIMENTO DE SEU AMBIENTE DE TRABALHO, É O QUE REINA NOS DIAS DE HOJE."

Que importância tem esta história na data de hoje?

A experiência por mim adquirida em quatro décadas na profissão de médico me assegura ser esta a base para o sucesso que todos almejamos em nossas vidas. Este fato ocorrido há mais de um século preserva dentro de si, vivo e atual, o segredo de como vencer nos dias de hoje. Não necessitamos só de sabedoria adquirida em universidade, nem de instrução adicional complementar – que tanto procuramos dar aos nossos filhos na intenção de melhor qualificá-los para a competição do dia a dia. O que digo é que algo ainda maior existe além do infinito científico ao qual nos deparamos.

É necessário sermos "Rowan". É necessário produzirmos um endurecimento de nossas vértebras para podermos ser altivos no exercício de qualquer cargo para atuar com diligência, para dar conta do recado. "...A nenhum homem que tenha empenhado em levar avante uma empresa – que para tanto a ajuda de muitos se torna sempre necessária –, tem sido poupados momentos de verdadeiro desespero ante a imbecilidade de grande número de homens; ante a inabilidade ou falta de disposição de concentrar a mente em determinada coisa e fazê-la..."

A Medicina de hoje se presta muito a propiciar um vergar da nossa coluna vertebral. O desânimo circulante – em função de uma má política assistencial de saúde que vigora em nosso país – faz com que ânimos altivos com que nos formamos logo se desvaneçam.

O que os professores de Medicina veem ao longo dos anos ao reencontrar muitos ex-alunos é um arcar precoce. Lembram-se dos anteriormente magníficos estudantes, hoje aparentando tristeza, soturnos, levando uma vida pesada e acomodando-se frente ao que pensam ser imutável. Passam a atuar de forma irregular e com falta de atenção. Plenos de justificativas negativas, pensam eles que, assim agindo, algum dia serão beneficiados com uma mudança para melhor, paternalisticamente desenvolvida pelo estado ou patrões.

Não! Está errado!

Veja o exemplo dos que nos cercam e venceram na vida. Siga-os!

Infelizmente a atitude de fazer o mínimo para justificar a presença, sem contribuir para o engrandecimento de seu ambiente de trabalho, é o que reina nos dias de hoje. É hábito comum de, antes de se fazer merecedor de remuneração, querer saber quanto ganhará!

A válvula que comanda a força motriz do trabalho em geral nos nossos dias é a possibilidade de perder o emprego. Assim pensando, por múltiplas justificativas baseadas no seu pagamento e nas condições de trabalho, os homens não tomam a iniciativa de agir em seu próprio proveito. Contabilizam honorários ou salários antes de realizar o trabalho. Não entendem que o dinheiro é consequência de algo realizado e que terá mais mérito quanto maior o esforço. Pensam que o seu interior satisfar-se-á com o numerário ganho, pois ele o levará a fazer viagens sonhadas e a adquirir bens materiais desejados.

Contudo, esquecem que o autorrespeito é a grande

motivação da nossa vida.

O fato de estar vendo o "Teto do Mundo" e suas cordilheiras cobertas com as neves eternas do Himalaia – que deslumbram o horizonte e as nossas almas –, ou de estar vendo a candura enigmática da Monalisa no Museu do Louvre, não é certificado de bem-estar interior e de realização na vida. Este bem-estar pode estar junto a você, acompanhando-o diuturnamente, e você ser sempre feliz mesmo estando em um rincão dos mais perdidos e feios.

E o segredo é um só: o de ser capaz de, em tudo que fizer, levar uma carta a Garcia; empenhar seu todo em tudo que for realizar, ou não aceitar fazê-lo mesmo que bem pago.

Não há crime em se sentir incapaz de fazer algo. Neste reconhecimento muito está a maturidade. Mas, naquilo que nos dispusermos a fazer, deverá se ter sempre em mente a intenção de fazer da melhor forma.

QUEM QUER FAZ. QUEM NÃO QUER... JUSTIFICA!

As justificativas fazem, a quem as oferece, papel inverso ao que se pensa. Normalmente, aquele que justifica relata tristezas das mais diversas pensando que comoverão o ouvinte ao ponto de ele até lhe oferecer ajuda! Mas, na mente de quem ouve, passam cansativas esperas ouvindo coisas que somente reforçam a convicção de que ele não quis fazer!

Olhem os bem-sucedidos e vejam como "chegaram lá". De regra seguiram o que aqui quero deixar como mensagem. Cada um deles, em quase tudo que fez em suas vidas, foi sempre desprendido de contabilizar recompensas. Elas sempre vieram e sempre virão.

O processo de eliminação gradativa na competitividade do trabalho concentra em poucos o que aparentemente muitos poderiam fazer. Estes poucos terão sempre trabalho e em qualquer circunstância, mesmo nas adversidades que venham a surgir ao longo da vida. Serão sempre confiáveis.

Se há alguma palavra que mais pode se aproximar da Medicina, penso que seja confiança.

Todos nós – médicos, doentes e pessoas sadias –, estamos assustados pela onda de desconfiança que existe em torno da Medicina que se pratica para a massa dos cidadãos brasileiros. O médico é taxado de responsável por inúmeras atitudes erradas, que na maioria das vezes não partiram dele. Ele é o simples vetor que executa normativa, muitas vezes evasiva no contexto, mas clara na glosa econômica. Fica no meio, sendo juiz de algo que não foi formado para sê-lo. É capaz de aplicar os conhecimentos que recebeu em seu curso e em sua vida, mas não lhe é permitido fazê-lo por força da administração dos hospitais, que o impedem de exercer o que sabe, em função da falta de pagamento adequado dos custos hospitalares realizados pela nossa principal fonte oficial de previdência médica.

O que fazer? Rebelar-se? Omitir-se? Aceitar resignado?

A consciência nos mostra que a solução não está só no médico e sim na sociedade como um todo. Nada melhorará a Medicina na luta intensa que vemos acontecer entre o médico e a sociedade. Devemos alertar que há necessidade de visão mais ampla, em que ambos, médico e paciente, deixem de se olhar com reserva e passem a olhar juntos o horizonte no binômio "MEDICINA-CONFIANÇA".

"O SEGREDO É UM SÓ: O DE SER CAPAZ DE, EM TUDO QUE FIZER, LEVAR UMA CARTA A GARCIA; EMPENHAR SEU TODO EM TUDO QUE FOR REALIZAR, OU NÃO ACEITAR FAZÊ-LO MESMO QUE BEM PAGO."

Este é o cenário médico que vemos em curso. Não é uma visão bonita para a profissão tão bela como a nossa. Não tenho poder, nem a oportunidade, nem a competência para dar a solução ao problema. Mas posso dar uma alternativa para que todos se dignifiquem perante si próprios, embora lançados ao meio de tanta discórdia e desesperança.

Pensemos primeiro no doente. Vamos dar a ele um pouco de carinho e respeito. Isto é o mínimo que o médico deve oferecer – e às vezes nos esquecemos e o que nenhum descompasso administrativo-econômico afetará. O carinho e o respeito são nossos, intrinsicamente, e não serão nunca roubados por ninguém; ambos fundamentam a base para que, os que de nós necessitam,

venham adquirir confiança.

Conseguimos no dia a dia, assim procedendo, que ocorra seleção natural entre os pares, o que certamente vem a nos favorecer. Nos tempos adversos em que vivemos o trabalho escasseia, e a seleção se faz ainda mais escrupulosa. É a lei da sobrevivência dos mais aptos. É onde somente sobrevivem com galhardia aqueles que podem tratar os outros com humanidade e que possam "levar uma mensagem a Garcia".

Sei que não devemos deixar de sentir pena daqueles que não venceram. Mas "vertamos também uma lágrima pelos homens que se esforçam por levar avante uma grande empresa, cujas horas de trabalho não estão limitadas pelo som do apito e cujos cabelos ficam prematuramente encanecidos na incessante luta em que estão empenhados contra a indiferença desdenhosa, contra a imbecilidade crassa e a ingratidão atroz, justamente daqueles que, sem o seu espírito empreendedor, andariam famintos e sem lar..."

Será que o cenário aqui descrito está sombrio ou severo demais? Pode ser. Mas a vida do médico é muito dura e nós precisamos ao final de tudo viver com alegria.

Mas quero ressaltar, finalmente, as palavras de H. Hubbard ao escrever: "Quando todo mundo se apraz em divagações, quero lançar uma palavra de simpatia ao homem que imprime êxito no trabalho que realiza; ao homem que, a despeito de uma porção de empecilhos, sabe dirigir e coordenar os seus esforços, inclusive o dos outros e que, após o triunfo, talvez verifique que o que mais ganhou foi: A PAZ CONSIGO PRÓPRIO. Todas as minhas simpatias pertencem ao homem que trabalha conscienciosamente; ao homem que toma uma incumbência, e luta por ela até o fim..."

Sejamos assim, e nunca nos faltará nada. E acima de tudo, receberemos o difícil respeito de nossos pares, dos nossos amigos, dos nossos familiares. Respeito este que somado à PAZ INTERIOR do dever cumprido – antes conseguida –, nos dará, com certeza, a condição de dizer: EU SOU FELIZ!

Dr. Osvaldo Malafaia (PR).

RECEITA DE DOUTOR

por Dr. José Clemente Linhares (PR).

"A simplicidade é o mais alto grau de sofisticação." (Leonardo Da Vinci)

A banana é para mim a fruta mais perfeita. É barata para comprar, fácil de descascar, não deixa cheiro na mão, é nutritiva, é saudável e é muito gostosa. Quando transformada em doce então, que maravilha. Nossa colega, médica anestesiologista Nadjela Yamaguchi, nos oferece esta maravilhosa receita de torta de bananas que, segundo ela, aprendeu com sua irmã. A simplicidade para fazê-la e o incrível sabor fazem jus a todas as qualidades enumeradas para esta fruta sensacional. Aventure-se a fazê-la.

TORTA DE FAROFA DE BANANA

- 10 colheres (sopa) rasas de açúcar (se quiser, pode colocar 5 colheres de açúcar refinado e 5 de mascavo)
- 10 colheres (sopa) cheias de farinha de trigo
- 1 colher (sobremesa) de fermento em pó
- 100g de margarina
- ½ copo de leite
- 1 ovo
- Bananas-nanicas (caturra)
- Canela em pó

Fazer uma farofa com o açúcar, a farinha, o fermento e a margarina. Untar uma forma com margarina e farinha e espalhar metade da farofa. Colocar as bananas partidas sobre a farofa e por cima colocar o restante dessa farofa. Misturar o leite aos ovos e jogar por cima de tudo. Por fim, misturar um pouco de açúcar com canela em pó, jogar por cima de tudo e levar ao forno por aproximadamente 40 minutos.

OBS: pode-se colocar outras coisinhas junto com a banana partida: uvas passas, ameixas secas, Nutella... A torta fica boa também se substituir banana por maçã.

A morte **do livro**

Petrarca para estupefato diante da manchete de jornal: "Declarada a morte do livro, principal suspeito: o computador!" Então era verdade, a morte da literatura de Beckett estaria próxima? O que diriam os videntes, futuristas de plantão? Será que as editoras, debalde tentativas para estimular o hábito da leitura na mídia, acabaram por capitular? Pior que isso, transformaram tudo em CD-ROMs? E os verdadeiros *highbrows*[1], o que diriam? A um *middlebrow* como eu só resta a revolta? "Revolto-me, logo existo!" E daí? Minha imensa biblioteca reduzida a prateleiras de CDs, o que fazer?

Abominava toda aquela parafernália tecnológica, tinha sempre os mesmos e metódicos hábitos, apesar de quarentão; escrevia numa portátil eletrônica arcaica, os livros esparramados pela casa, banheiro, automóvel, quarto, escritório e, de preferência, um de cada gênero literário. O que seria dele, um aficionado da arte da palavra escrita? Lembrou-se do Pessoa: "Como tratar bem uma palavra se não se trata bem uma alma?"

Onde colocaria os Hemingway, Sartre, Camus, Lawrence, Faulkner, Veríssimo, Loyola, Pessoa, Vinicius e tantos outros ficcionistas e poetas, em cuja fonte bebera tantos devaneios, tantos porres, "overdoses" de palavras e tinta, compartilhados com íntimas emoções. Scott Fitzgerald, morto ainda mais jovem que ele; Camus, ceifado no palco da vida, como um ramo de centeio; Hemingway e o suicídio misterioso com um tiro; e Vinicius sucumbe no delírio alcoólico-musical de criações. Todos vítimas de morte trágica, mas sugaram da vida, como Rastignac[2], gota por gota, do amor, dos vícios, das paixões, de tudo, enfim... Ele, apenas um repetidor de lugares comuns. Como escrever, então, algo de valor insólito? Seria preciso sofrer, como queria Dostoiévski? Ou como Balzac, de forma frenética para pagar dívidas? Se não escrevesse morreria, no conselho de Rilke? Vivia num conforto lascivo de pequeno-burguês, normal, besta! Chegando em casa, uma surpresa!!!

– Escuta, ô Ariovaldo, o que aconteceu aqui?

– Seu Pê, os home levaro os livro, e agora?

– Com ordem de quem?

– Da saúde pública, dissero que livro causa doença, é nocivo, num entendi bem.

Nada diz, limita-se a apanhar a *bike* e, enquanto pedalava pelo quarteirão, ouve o empregado que esbraveja indignado:

– Num vai falá nada, seu Pê, se eu fosse o sinhô ia atrais dessa corja de vagabundos.

Ao pedalar meditava: "Que será que deu na humanidade? Desde o pergaminho de antanho até o percalux grafado a ouro dos livros de arte, aos livros comuns de soft pólen. Meu Deus, enlouqueceram?". Sem perceber, dirige-se ao aterro sanitário, onde um caminhão "derrama" os livros na hora do lusco-fusco.

– NÃÃO! Não é possível, são os meus livros – reconhece a coleção do Machado de Assis que, sob o resquício de sol, ainda brilha enxovalhado pelo lixo.

– ESPEREM, NÃO! – Chamas brotam da montanha de papel e detritos: chega ainda mais perto e a "bike" derrapa...

– ARRGGGH! – Mergulha na grande fogueira. Dos borbotões ardentes de Gide, Camus, Lawrence e Vinicius os favoritos de Petrarca de Souzam, o espírito iluminado eleva-se para o firmamento distante.

Dr. José Fausto Toloy (PR).

1 - intelectuais e "middle-brow" intelectual mediano. / 2 - personagem "bon vivant" de Balzac.

DA ARTE DE FALAR MAL

"O mais gostoso de tudo isso é que o bom presente e o mau ausente são sempre a mesma pessoa."

Antonio Callado

Como escolher **um psicanalista**

Meu assunto é como escolher um psicanalista, alguém que vai cuidar de você com o instrumental que Freud inventou. Você o contrata e consome um serviço de saúde.

"Que barbaridade pensar no cliente como consumidor!" Sinto muito se feri suscetibilidades, mas acompanhe.

Clínica: do latim, "inclinar-se", para observar e entender. Pratico clínica psicanalítica há 35 anos. Fui consumidor do serviço por oito, com dois psicanalistas diferentes. É prestação de serviço mesmo: eu pagava (caro) e recebia 50 minutos de suposta atenção. Assim como quando fui pai tentei me lembrar do que, quando criança, funcionava ou não no jeito de meus pais. Quando me tornei analista prestei atenção no que me fez bem e mal como cliente. Aprendi com erros e acertos de meus psicanalistas.

"HÁ PROFISSIONAIS NÃO COMPROMETIDOS COM A MELHORA DOS SEUS CLIENTES, QUE DIRÁ COM A CURA DOS SINTOMAS."

Gosto de clareza, transparência, do que é lógico, razoável. Se você gosta de obscuridades e esoterismos pule este artigo. Não é tua praia.

Afinal, psicanálise veio para explicar ou confundir? A coisa é simples: quantos psicanalistas são necessários para trocar uma lâmpada? Um só, mas é preciso que a lâmpada queira muito ser trocada.

Procurei a psicanálise porque me sentia mal comigo mesmo e queria me sentir bem. A pergunta seguinte era: o profissional teria o mesmo objetivo? Queria me fazer sentir melhor com o seu instrumento terapêutico? Parece uma pergunta besta? Não é! Há vários psicanalistas não comprometidos com a melhora dos seus pacientes (que dirá com a cura dos seus sintomas).

Eles têm como meta "a reflexão sobre os enigmas do seu funcionamento psíquico" ou, pior, "a sua aceitação da castração" (calma, explico, é assim: "O mundo é duro mesmo e você deve aceitá-lo como é, sem esperar colinho de mãe, que é o mesmo que querer roubá-la de seu pai, representante do mundo cruel. Tenha horror do incesto, o complexo de Édipo"). Escolher um psicanalista não é mesmo fácil. Aqui vão algumas sugestões, se você ainda não largou a leitura deste blasfemo insolente, desta pessoa desprezível pela sua linguagem chã que qualquer um pode compreender.

INDICAÇÃO

Pode vir de um amigo que tem se sentido melhor com seu tratamento. Pode vir de artigos que você leu e te deram alívio e compreensão, assinados pelo cara. Ou de livros que ele escreveu, entrevistas que ele deu etc.

PRIMEIRO CONTATO

Em geral, é pelo telefone. Impressionante o que se pode aprender sobre o outro num telefonema: se é acolhedor; se é pomposo ou simples; se você se sente bem ou constrangido; se vai te atender logo ou "talvez, se abrir uma vaga nos próximos meses". Só vá à entrevista se você se sentir bem com ele ao telefone. De desconforto basta a tua vida, você não precisa pagar (caro) por ele!

PERPLEXIDADE

Se o doutor Fulano te disser algo que você não entenda, se falar complicado a ponto de você achar que é burro, desista: não serve para você.

MUDEZ

Se doutor Fulano ficar te olhando quando você quiser saber algo na entrevista, as chances são de que ele ficará mudo durante a terapia. Por que você há de pagar (caro) para quem não diz nada? É teu trabalho se entender? Então fale para o espelho. É mais barato.

CONTRATO

Sinta-se confortável com um contrato claro sobre tempo de sessão e custos. Pergunte sobre férias (suas e dele). Pergunte sobre pontualidade (há poucas coisas mais constrangedoras do que encarar colegas numa sala de espera). Você tem mais o que fazer na vida, e é uma

falta de respeito fazer cliente esperar tendo hora marcada.

AO FIM DA SESSÃO

Não deixe ninguém te convencer que sair aos prantos e arrasado significa que a sessão foi "funda e produtiva". Só significa que o terapeuta colocou mais dor naquilo de que você já se acusava. Ele quer que você se arrependa. É mais barato procurar o confessionário da igreja católica.

SENSO DE HUMOR

Se sentir falta de humor na sua terapia, significa que seu analista gosta de drama, e o drama é parte integrante e agravante dos seus sintomas. Vá embora! Parte da cura é não se levar tão a sério, não se achar (e a ninguém) tão importante. Dentro de cem anos, lembre-se, estaremos todos mortos. E faz parte do meu imaginário aparelho humildificador: amanhã este artigo será papel de embrulhar peixe...

Dr. Francisco Daudt (RJ).

(Reproduzido da Folha)

Contenção **e repressão**

A cidade é nossa. Li essa frase descendo uma das ruas do Pacaembu, em São Paulo. Estava escrita em letras garrafais no muro recém-pintado de uma casa. Ela chamou minha atenção e não me saiu da cabeça. O que significa a palavra "nossa"? Poderia significar que a cidade é um bem comum e todos são responsáveis por ela. Mas, por estar num muro recém-pintado, lamentavelmente significava que todos podemos dispor da cidade como bem entendermos.

O significado me remeteu às águas negras de entulho do Rio Tietê, aos bueiros das ruas de São Paulo obstruídos pelo lixo, ao horror das inundações: a terra que desaba, o barraco soterrado e os moradores sujeitos ao pior. São Paulo, Rio de Janeiro e o resto do Brasil, onde ainda dispomos do espaço como bem entendemos. Pensei no autor da frase. Ele, decerto, escreveu com uma fantasia prazerosa de onipotência. Porém, fez isso à noite, furtando-se ao olhar dos outros. Não era livre, era escravo do desejo de ser onipotente. Escreveu, mas sabia do risco de ser pego em flagrante e sofrer as consequências.

Ninguém é livre por fazer o que bem entende, e sim por desejar fazer o que pode. Na cidade ou no campo, no rio ou no mar, no espaço inteiro do planeta. Terremotos, tsunamis, tempestades: a sobrevivência requer autocontrole, de impor a prevenção. Exemplo disso são os japoneses, que controlaram a repercussão do terremoto devastador pela localização judiciosa da maioria das construções e pela forma como as construíram.

A conduta de quem se norteia só pela própria fantasia não é livre, é perversa, pois faz do prazer a única lei do desejo. Visa somente à satisfação imediata e negligencia o estrago que pode causar. A vida depende do ensinamento da contenção, que não é sinônimo de repressão. Quem se contém o faz porque quer fazê-lo, e não porque é obrigado pelos outros. Obedece a uma lei que não é exterior, mas que foi interiorizada. Quem é reprimido deixa a contragosto de fazer o que deseja – e, por sentir-se contrariado, tende a valorizar a transgressão.

"A VIDA DEPENDE DO ENSINAMENTO DA CONTENÇÃO QUE NÃO É SINÔNIMO DE REPRESSÃO. QUEM SE CONTÉM O FAZ PORQUE QUER FAZÊ-LO, E NÃO PORQUE É OBRIGADO PELOS OUTROS. OBEDECE A UMA LEI QUE NÃO É EXTERIOR, MAS QUE FOI INTERIORIZADA".

A contenção implica a consciência de que somos livres quando desejamos o que podemos. Ou seja, quando nossa liberdade leva em conta os outros. Para tanto, é preciso ser educado como no Japão, onde, apesar da tragédia que se abateu sobre o país, não houve violência, cenas de tumulto ou saque. Mesmo nesse momento extremo, a disciplina imperou nos abrigos improvisados e nas filas dos telefones públicos. Privadas do uso normal do celular, as pessoas esperavam pacientemente a vez para falar com os familiares. Uma lição de civilidade tão inesquecível quanto um terremoto que corresponde a 108.000 bombas de Hiroshima.

Betty Milan (SP).

(Reproduzido de Veja)

Dra. Vera Lúcia de Oliveira e Silva (PR).

Introdução

Gostaria de tentar uma justificativa para a minha ambição de ver este caderno de artigos publicado numa revista que se destina a médicos: Sendo verdade que a Medicina é uma prática situada no entrecruzamento de várias ciências e diversos saberes, não é menos verdade que, nesta encruzilhada, quem nos espera é um ser humano, e não um mero organismo, destituído de nome e de história. Assim sendo, talvez seja importante que também as ditas "ciências humanas" concorram para este ponto de encontro. Seguramente, não para todos os praticantes. Mas, com certeza, para aqueles que assim o desejarmos.

Viajei? Fui viajada.

Viajei: fui para a Austrália. Motivo eu tinha: mergulhar na Grande Barreira de Corais. Mas a ideia de ir tão longe só (!) para isto. Parecia insensata. Melhor ver algo mais. Mas... ver o que a mais? Num país de dimensões continentais (não é só o Brasil que merece o título), cercado de litoral por todos os lados, recoberto por extensas áreas desérticas... o que selecionar? Acabei escolhendo cidades: Sydney, Canberra e Melbourne. Pensei em intercalar parques nacionais entre

uma e outra, esticando até a Tasmânia, mas, às vésperas da partida, descobri que, embora primavera, ainda havia gelo nos parques nacionais e temperaturas abaixo de 10 graus centígrados, desconfortáveis para se ficar lá fora. Escolhi deixar mais tempo para as cidades e aproveitar melhor seus museus, jardins botânicos, parques e que tais. Assim fiz.

Antes de ir, no exame das alternativas, excluí os programas que prometiam contato com a cultura aborígine. Eu lá queria saber de povos primitivos!... E foi aí que a viagem me viajou.

Só recentemente a própria Austrália descobriu seus aborígines. "Descobriu" no sentido de lhes reconhecer a dignidade humana, a cultura e seus valores preciosos. E o agente ativo desta "descoberta" foram os próprios povos aborígines: eles pintaram – e tanto e tão bem e tão lindo, que enterneceram os descendentes dos europeus. Pintaram e pintam, nos confins dos desertos, onde só encontram suporte para sua arte nas paredes de arenito, nas cascas das árvores e no couro dos animais; onde os pigmentos disponíveis, minerais, resumem-se ao branco, ao preto e ao ocre; onde o pincel não passa de um graveto, com que se podem desenhar, tão somente, pontos e linhas. E assim, com um mínimo de recursos, produziram e produzem um acervo de obras de arte capaz de inundar os museus e as galerias especializadas, emocionando e capturando o coração de quem se deixa tocar pela sua produção avassaladora. Seus descendentes, já nas cidades, em ateliês modernos, lançando mão de materiais contemporâneos e absorvendo novas influências, não ficam atrás, realizando arte inspiradora.

Por "aborígines" entenda-se um conjunto complexo de povos sem escrita, dependentes da transmissão oral para perpetuar sua antiga cultura: sua mitologia sobre a criação do mundo e de tudo o que nele há e habita, por seres espirituais totêmicos ("Dreamtime"); seus valores e suas tradições; e informações vitais sobre o território – onde encontrar água, rebanhos selvagens e outras comunidades. Seus desenhos visavam, originalmente, funcionar como roteiros mnemônicos para os comunicados a serem repassados de geração a geração, mas acabaram ganhando vida própria, angariando mais e mais praticantes de um fa-

"Uma viagem não precisa de motivos: não demora a provar que se basta a si mesma. Você acha que vai fazer uma viagem, mas logo percebe que é a viagem que faz, ou desfaz, você."[1]

zer, que poderia ter se resumido a artesanato rudimentar, mas que ganha dimensões estéticas universais.

Quero falar um pouco mais sobre o "Dreamtime". Este significante, além de nomear a era mítica da cultura aborígine australiana, na qual se criam o mundo e os seres que o povoam e se institui a lei, também serve para designar o conjunto de crenças – ou a espiritualidade – de um grupo, uma família ou um indivíduo. Necessário dizer que tal era é "mítica" tão somente para nossa leitura, pois muitos daqueles povos acreditam na realidade literal de seus mitos. Estes mitos são referidos como *dreaming stories,* sendo particulares para cada um, cada família e cada grupo. Tais histórias cobrem muitos temas e tópicos, descrevendo a criação de lugares sagrados, da terra, das pessoas, animais e plantas, além de comunicar leis e costumes estabelecidos pelos ancestrais. Tecem, no seu conjunto, uma teia complexa de saber, fé e práticas, permeando e influenciando todos os aspectos físicos e espirituais da vida do indivíduo em sua comunidade.

A crença fundamental admite a eternidade do espírito, não apenas depois da morte, mas também antes do nascimento: um espírito existente desde o "Dreamtime" vem a animar um feto em desenvolvimento e ganha um tempo de vida material, até o dia de seu retorno ao eterno. No tempo de vida neste mundo, tem o dever de atuar como guardião dos bens naturais que o cercam. Deste dever decorre toda uma regra de conduta diante das fontes de alimento, que favorece a manutenção da diversidade biológica.

O termo "Dreaming" também é usado para significar o totem de uma família ou grupo, o lugar de onde o indivíduo é originário e a lei tribal a que ele está sujeito. O "Dreaming" estabelece a estrutura da sociedade, as regras para o comportamento social, as cerimônias necessárias à continuidade da terra e da vida, e o dever de viver de acordo com a lei. A transmissão dos *dreamings* se faz cantando as canções, dançando os rituais, contando as histórias e pintando as canções e os relatos. Com esta pintura é que eles acabaram conquistando o respeito e a admiração do resto da comunidade humana.

Ao me ensinar algo da cultura aborígine, graças à curiosidade despertada pela sua arte, esta viagem me desfez no meu preconceito quanto ao supérfluo do primitivo, dissolvendo algo deste eterno não querer saber do arcaico que habita todo humano[2]. Fez de mim uma admiradora entusiástica daquela cultura, cuja sofisticação mental se expressa, não tanto por elaborar um tempo mítico em resposta à questão – Quem sou? De onde venho? Para onde vou? – mas por ter sido capaz de formular, primeiro, a questão mesma.

Se eu tiver o privilégio de pisar de novo o solo australiano, vou, com certeza, até o "red center" (como é conhecido o território central do país), reverenciar o sagrado que, segundo as tradições, reside no grande maciço do Uluru. Se eu tiver segunda chance, parques nacionais como Kakadu e Uluru-Kata Tjuta não passarão, de novo, em brancas nuvens pela minha vida. Se eu for, na volta eu conto.

"Só recentemente a própria Austrália descobriu seus aborígines. 'Descobriu' no sentido de lhes reconhecer a dignidade humana, a cultura e seus valores preciosos."

1 - BOUVIER, Nicolas. L'Usage du Monde. [1963] Editora Payot (poche), 1992.

2 - No duplo sentido da frase: o humano habitado, simultaneamente, pelo arcaico e pelo não querer saber.

Comentando o **filme Austrália**

Aqueles que viram o filme Austrália[1] talvez se lembrem de que, nos sucessivos confrontos entre o bem e o mal, um deles é decidido por um velho sábio aborígine que se oferece para guiar os condutores de um rebanho bovino, através de um deserto inóspito que, de tão inóspito, era denominado *Never-Never Land.* O deserto se resumia a uma imensa planura sempre igual, sem qualquer referência para a orientação, sendo famoso por não dar retorno a qualquer um que por ele adentrasse. E, no entanto, aquele aborígine propõe guiar condutores e boiada através do deserto e, de fato, cumpre sua promessa, dando àqueles que nele confiaram a possibilidade de derrotar seus adversários numa disputa comercial. Todos devem se lembrar de que o sábio aborígine pode se orientar naquele fim de mundo, porque sabe a canção e a dança do lugar. Ele canta a canção do deserto e dança a coreografia própria daquele ermo e, assim, vai encontrando o caminho até o seu destino.

O que poucos sabem – eu própria só o soube há pouco tempo – é que esta passagem do filme não é metafórica e não está falando de mágica sobrenatural: está falando de um saber concreto, sobre o real do território, armazenado na forma de música e coreografia para ser transmitido de uma geração à outra.

Só nos últimos cinquenta anos é que se tornou evidente que os aborígines australianos mapearam o seu território e seus recursos e, não só chegaram ao ponto de formular as questões fundamentais sobre o ser, sua origem e sua finalidade, como elaboraram uma resposta altamente sofisticada a tais perguntas cruciais. Esta resposta encontra-se sintetizada num conjunto de histórias, rituais, canções e desenhos, aptos à transmissão oral, e inclui o conhecimento preciso do ambiente e seus recursos, a lei que rege a organização social e os ditames do comportamento esperado dos indivíduos em relação ao mundo físico, os animais e os semelhantes. Este corpo de sabedoria, que está longe de configurar um saber esotérico e, de fato, tem eficácia plena no pragmático da vida dos aborígines, é nomeado por um vocábulo traduzido para o inglês como "Dreaming" ou "Dreamtime".

Foram os próprios aborígines que sugeriram esta terminologia, por identificarem que as leis do pensamento, vigentes no seu saber, não são as mesmas leis que regem o pensamento do colonizador, quando desperto. Sabendo que os brancos também sonham, identificaram que ali, nos sonhos, estava o território comum a ambos – aborígines e "civilizadores" usam a mesma linguagem quando sonham. A diferença é que aqueles, mesmo acordados, continuam usando a mesma lógica onírica também na sua relação com o Real do mundo objetivo e social. Com plena eficácia prática.

A tecnologia rudimentar dos aborígines induziu o colonizador ao erro de supô-los destituídos de um saber digno deste nome. No filme (que, de resto, tem poucos méritos), somos informados de todo um esforço dos europeus no sentido de aculturar as crianças aborígines, deixando os mais velhos entregues à extinção por decurso de prazo. O resultado era que, arrancadas de sua própria cultura e domesticadas numa civilização que não chegavam a compreender, as crianças recolhidas a instituições educacionais condenavam-se à condição de serviçais.

O filme faz eco a Lévi-Strauss[2] – que, "prestou particular atenção aos Aborígines Australianos, como representantes do que ele classificou como *cold societies* – sociedades que concebem o mundo físico como parte de um grande e imutável esquema cósmico (imutável, embora em permanente renovação). Em contraste, ele sugere, as pessoas nas *hot societies* veem seu mundo em estado de fluxo, tentando explicá-lo, e a si próprios, em termos históricos – tentativa que leva ao desenvolvimento do pensamento científico, divorciado da cosmologia. São as *hot societies* que, fortalecidas por suas ciências, dominam o mundo e se dão o direito de rotular as *cold societies* como primitivas, atrasadas e incapazes de pensamento racional. As consequências desta rotulação são drásticas, pois gera-se uma expectativa de que as sociedades assim categorizadas ou se evaporem socialmente, ou divisem a perspectiva de serem fisicamente eliminadas. Entretanto, está provado, sem sombra de dúvida, que todas as sociedades humanas, não apenas as industrialmente avançadas, são capazes de lances admiráveis de pensamento especulativo. O mundo moderno define-se a si mesmo em termos da vantagem científica que leva sobre as outras nações da terra, mas a sua reivindicação de superioridade intelectual sobre outros povos é difícil de sustentar – e sua declaração de superioridade moral, ainda menos sustentável."[3]

> "Os aborígines australianos chegaram a declarar que o homem branco jamais compreenderia o seu saber. Estavam enganados."

Nós, da civilização ocidental, herdamos o conjunto de crenças que professamos e modulamos nosso pensamento segundo os princípios da lógica aristotélica, ou lógica consistente. Para nós, ou a coisa é ou a coisa não é, estando excluída a terceira posição, ou seja, a possibilidade de a coisa ser e não ser ao mesmo tempo ou, por outro lado, a possibilidade de a coisa nem ser nem não ser. E é desde este ponto de vista, absolutamente coerente, que tendemos a julgar o pensamento de outras civilizações.

Entretanto, a lógica que anima o "Dreamtime" não é a lógica aristotélica e sim uma outra modalidade da lógica matemática – a lógica paraconsistente (o terceiro não está excluído e a coisa pode ser e não ser ao mesmo tempo; ou, por outro lado, nem ser, nem não ser). Não temos familiaridade intelectual alguma com esta forma de lógica, o que torna o "Dreamtime", numa aproximação apressada, incompreensível para nossa civilização.

Os aborígines australianos chegaram a declarar que o homem branco jamais compreenderia o seu saber. Estavam enganados. Os praticantes da Psicanálise, familiarizados com a interpretação das formações do Inconsciente; os matemáticos da Lógica Paraconsistente; e os cientistas da Física Quântica – pelo menos estas três categorias de pensadores ocidentais modernos estão aptos a compreender os mecanismos do pensamento vigoroso do "Dreamtime".

Voltando ao filme: no seu conteúdo manifesto, salta aos olhos o confronto entre "mocinhos" e "bandidos". Entretanto, no seu conteúdo latente, subjacente à cena explícita, o que o diretor vai nos descortinando é a oposição entre as duas culturas – aborígine e europeia. No final, uma criança aborígine – personagem central do filme – é entregue a seu avô, o sábio do deserto, seminu, armado apenas de um bumerangue e sem outra riqueza além do seu cajado. O menino vai para junto dos seus, para ser iniciado nos segredos da sua cultura e educado no *dreaming* de seu povo.

É preciso ver ali – naquela entrega da criança – a metáfora da rendição do colonizador ao reconhecimento de que está diante de um povo dotado de pensamento lógico, ainda que de uma lógica muito particular, e detentor de um saber eficaz.[4] A entrega da criança representa uma rendição do branco diante de uma cultura admirável. É nesta rendição que o filme encontra a sua redenção.

1 - Austrália (Australia, no original) é um filme de 2008, do gênero romance, dirigido por Baz Luhrmann. O filme foi estrelado por Nicole Kidman e Hugh Jackman.
2 - Claude Lévi-Strauss: Um dos grandes pensadores do século 20, seus estudos foram fundamentais para o desenvolvimento da Antropologia. Suas pesquisas, iniciadas a partir de premissas linguísticas, deram à ciência contemporânea a teoria de como a mente humana trabalha. Membro da Academia de Ciências Francesa (1973), integrou também outras academias científicas, em especial europeias e norte-americanas. Doutor honoris causa das universidades de Bruxelas, Oxford, Chicago, Stirling, Upsala, Montréal, México, Québec, Zaïre, Visva Bharati, Yale, Harvard, Johns Hopkins e Columbia, entre outras. Lecionou sociologia na recém-fundada Universidade de São Paulo, de 1935 a 1939, e fez várias expedições ao Brasil central. O registro destas viagens, publicado no livro "Tristes Trópicos" (1955), lhe trouxe a fama. Nessa obra ele conta como sua vocação de antropólogo nasceu durante as viagens ao interior do Brasil. Pensador do Estruturalismo, seu livro mais importante para o presente estudo é "O Pensamento Selvagem".
3 - MAYBURY-LEWIS, David. Millennium – Tribal Wisdom and the Modern World. New York: Viking Penguin, a Division of Penguin Books USA Inc., 1992, p. 202, (tradução da autora).
4 - Esta mudança na atitude do colonizador é real. A Austrália aprovou, nas últimas décadas, toda uma legislação que reconhece os direitos e valoriza a cultura dos povos aborígines, salvando-os da extinção.

Pensamento **selvagem**

Os primeiros contatos dos europeus com os povos da África, das Américas e, mais tarde, da Oceania, produziram uma certeza: a da superioridade intelectual e moral do conquistador. Esta certeza, por sua vez, o respaldava no seu direito de conquistar e submeter.

Somente em meados do século XX esta certeza viria a ser abalada, graças ao trabalho meticuloso de praticantes das Ciências Humanas, que se debruçaram sobre as culturas ditas "primitivas", culminando na demonstração, por Lévi-Strauss, da verdadeira natureza do pensamento selvagem.

Por "pensamento selvagem" tendemos a entender "pensamento dos selvagens", saindo, nós próprios, da categoria. Não é este o sentido proposto por Lévi-Strauss: "Pensamento selvagem não é o pensamento dos selvagens, nem de uma humanidade primitiva ou arcaica, mas sim o pensamento em estado selvagem, diferente do pensamento cultivado ou domesticado a fim de obter um determinado rendimento".[1]

E como se manifesta este pensamento em estado selvagem, que não visa "determinados rendimentos", como o faz o "pensamento cultivado e domesticado"? Este pensamento em estado selvagem "manifesta-se como um verdadeiro apetite pelo conhecimento objetivo. Se, raramente, se dirige às mesmas realidades a que se liga a ciência moderna, implica diligências intelectuais e métodos de observação semelhantes. Nos dois casos, o Universo é objeto do pensamento, tanto quanto é meio de satisfazer necessidades."[2]

As observações rigorosas dos investigadores das Ciências da Cultura levaram-nos a concluir que a sede de conhecimento que anima o pensamento selvagem mostra-se anterior às suas descobertas utilitaristas. O empuxo a inventariar, catalogar e classificar os vegetais, os animais e o mundo físico é que acaba permitindo identificar o que é potencialmente útil e interessante. Assim, "as espécies animais e vegetais não são conhecidas na medida de sua utilidade: elas são classificadas como úteis, ou interessantes, porque são, primeiro, conhecidas."[3]

Ou seja: o praticante do pensamento selvagem primeiramente observa, identifica, faz listas, ordena, classifica, constitui um verdadeiro inventário do mundo, motivado por um empuxo a conhecer o ambiente onde ele vive. Como consequência deste labor é que ele chega a identificar componentes do mundo que se mostram, no depois, úteis à sua sobrevivência e/ou ao seu conforto. Entretanto, ele não se contenta em constituir listas onde cada coisa figura a título de objeto isolado: ele investiga relações e conexões entre os seus achados; entre o mundo mineral, vegetal e animal e seus próprios movimentos anímicos e sociais, compreendidos como parte integrante de um grande todo.

Como resultado de uma observação exaustiva, de um inventário sistemático, da construção de relações e ligações integradoras, acaba-se constituindo uma verdadeira ciência do concreto, que "responde a exigências intelectuais antes, ou em vez, de satisfazer necessidades."[4]

Sendo a satisfação de necessidades um segundo tempo do trabalho intelectual, a motivação primeira é uma só: colocar ordem no mundo ou colocar o Real em ordem para melhor apreendê-lo. Neste sentido, tal ciência do concreto "em nada se distingue do objetivo da ciência pura: levar, a seu ponto mais alto e mais consciente, a redução desta forma caótica de perceber, que teve início num plano inferior e possivelmente inconsciente, com a origem mesma da vida."[5]

Como já ficou dito, além de inventariar, catalogar e classificar, o pensamento selvagem também investiga correlações e conexões entre achados e acontecimentos. As relações e ligações que acabam por descobrir e fixar conferem aos seus descobrimentos e saberes um caráter que nós denominamos "mágico".

Por pensamento mágico, entretanto, entenda-se uma "exigência de determinismo mais imperiosa e mais intransigente que a da ciência". Nada pode ser entendido como obra do acaso e o pensamento selvagem não tem outra saída a não ser inventar determinações que a ciência não reconhece.

Como se não bastasse, para torná-lo ainda mais estranho para nós, o pensamento selvagem, ou pensamento mágico, trabalha com a mesma lógica paraconsistente que anima o sonho, onde o tempo e o espaço obedecem a leis muito próprias e proliferam mecanismos de condensação e deslocamento. "Os caracteres excepcionais deste pensamento que chamamos selvagem prendem-se, sobretudo, à amplitude dos fins a que se determina. Pretende ser, simultaneamente, analítico e sintético, ir até seus limites numa e noutra direção, sempre continuando capaz de exercer uma mediação entre estes dois polos."[7]

"O pensamento selvagem trabalha com a mesma lógica paraconsistente que anima o sonho, onde o tempo e o espaço obedecem a leis muito próprias e proliferam mecanismos de condensação e deslocamento."

Em que pese o estranhamento que esta modalidade de pensamento nos produza, ele está na base de aquisições culturais tão espetaculares que configuram a chamada revolução neolítica: 8.000 anos a.C., o florescimento da cerâmica, da tecelagem e da agricultura e a domesticação de animais, "cada uma destas técnicas supondo séculos de observação ativa e metódica, hipóteses ousadas e controladas, para serem rejeitadas ou comprovadas por meio de experiências incansavelmente repetidas."[8]

Ou seja: é inegável que o homem neolítico (período da pedra polida), apoiado no saber de seus antecessores, chegou, há 10.000 anos, a uma forma de produção de saber concreto que lhe permitia se apropriar de algo do Real a seu favor. Mas o pensamento científico, como nós o conhecemos, só vai surgir na História a partir do século XVI. Como podemos compreender que vários milhares de anos de estagnação se intercalem, como um patamar, entre a revolução neolítica e a ciência contemporânea? A esta decalagem surpreendente chama-se paradoxo neolítico. Tal paradoxo "só admite uma solução: é que há duas formas distintas de pensamento científico... como se as relações necessárias, objetivo de toda ciência, seja ela neolítica ou moderna, pudessem ser atingidas por dois caminhos diferentes."[9]

Sendo esta a relação necessária a que somos levados pela apreciação dos fatos, talvez seja inevitável admitir que a magia também possa produzir rendimentos satisfatórios para aqueles aptos à sua prática. Este é o pensamento vigente nas ciências da cultura: "Em lugar, pois, de opor magia e ciência, melhor seria colocá-las em paralelo, como duas formas (de produção) de conhecimento, desiguais quanto aos resultados teóricos e práticos, mas não pelo gênero de operações mentais, que ambas supõem, e que diferem menos em natureza que em função dos tipos de fenômenos a que se aplicam".[10]

Nós, que nos consideramos civilizados, podemos gostar mais dos resultados tecnológicos que o pensamento científico nos proporciona – ninguém estaria, em sã consciência, disposto a lhes renunciar, em que pesem os prejuízos ecológicos daí advindos, e que também não se podem negar. Outra coisa, entretanto, é ignorar que, na base do pensamento mágico, atua uma inteligência que nada fica a dever ao pensamento científico.

1 - LÉVY-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. [1961] 2a. Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976, p. 252. / 2 - Id. Ibid., p. 21 / 3 - Id. Ibid., p. 29 / 4 - Id. Ibid., p. 29 / 5 - Id. Ibid., p. 30 / 6 - Id. Ibid., p. 31 / 7 - Id. Ibid., p. 252 / 8 - Id. Ibid., p. 34 / 9 - Id. Ibid., p. 35 / 10 - Id. Ibid., p.34.

Nós, os pensadores **selvagens**

Em que pese o clamor dos antropólogos e outros estudiosos das Ciências da Cultura, é inegável que todo pensamento subjacente à Revolução Neolítica[1] vem sendo inapelavelmente rotulado de "pré-científico". Embora, numa linha temporal, ele realmente seja pré-científico, no sentido de que vem antes da Ciência moderna, não se justifica o sentido pejorativo que se dá ao pensamento assim rotulado, desconhecendo a sua considerável eficácia. Lévi-Strauss propôs um nome alternativo – pensamento selvagem –, que representa um giro, desde que se cumpra uma condição: "Quando ele fala de pensamento selvagem não se refere somente ao pensamento de pessoas que poderíamos ser tentados a rotular de selvagens, mas está falando de nós (que nos consideramos civilizados) também. Ele está falando, de fato, sobre a maneira como a maioria das pessoas pensa a maior parte do tempo".[2]

Nesta visada, todas as pequenas (e às vezes nem tão pequenas assim) superstições que estão na base de muitos de nossos atos cotidianos representam pensamento selvagem. "Se prestamos atenção ao nosso horóscopo, desde que não há qualquer evidência científica que demonstre conexão entre nosso nascimento, as estrelas e nossas vidas, estamos pensando de maneira selvagem, pondo conexões onde a ciência não as admite. O atleta que usa uma peça de vestuário pelo avesso, ou calça suas meias numa determinada ordem, para obter sorte na competição, é um pensador selvagem, e – igualmente o é – qualquer um que ofereça preces por qualquer motivo – particularmente quando estas preces tomam a forma de promessas. Uma prece, por exemplo, na qual o suplicante se oferece para fazer penitência ou realizar um sacrifício na esperança de obter a cura para um doente, demonstra uma crença, muito longe de ser científica, em conexões entre suas ações pessoais e a doença de outrem, conexões estas mediadas por forças sobrenaturais do universo".[3]

Exemplificando com um caso clínico da minha experiência imediata: R.A.P., 30 anos, compleição atlética, engenheiro de uma empresa multinacional, casado há três anos, pai de um bebê de um ano, faz um tumor maligno de mediastino, que o condena a um tratamento quimioterápico por seis meses, para, então, serem avaliadas as possibilidades cirúrgicas. A ciência médica sabe lhe dizer tudo sobre a sua doença, as bases do diagnóstico, as premissas da terapêutica, o prognóstico estatisticamente provável – mas não pode responder à pergunta de sua mãe: "Por que ele? Por que não eu, que já vivi a ponto de ver meus filhos criados e de experimentar a alegria de ter um neto? Por que não um dos bandidos que atormentam a população desta cidade? Por que exatamente ele – bom filho, marido exemplar e pai amoroso?".

Se o pensamento científico responde, resignado, "não sei", o pensamento selvagem não consegue se acomodar e exige uma resposta. Para o pensamento selvagem, não há efeito sem causa. E se a causa não pode ser encontrada em um plano do pensamento, há que buscá-la em outros planos, ainda que seja necessário transgredir a lógica consistente e extrapolar as quatro dimensões da nossa experiência concreta com o espaço-tempo. E esta avidez pela totalidade, por um pensamento que contenha todas as respostas, não poupa ninguém. Nós, orgulhosos membros da gloriosa civilização ocidental, habituados à maravilha tecnológica que faz parte integrante de nossa vida, se paramos para nos observar, verificamos que praticamos, rotineiramente, o pensamento selvagem. E não apenas nos limites da vida e nos confins da doença e da morte: é possível que sejamos todos, em maior ou menor escala, praticantes assíduos do pensamento selvagem em nosso cotidiano.

Dissemos que o pensamento selvagem exige sempre uma resposta e, se não pode encontrá-la nos limites do plano científico, não se importa de transgredir a lógica consistente, a experiência tridimensional do espaço e o tempo, para buscá-la em outros planos. Que planos são estes outros, onde a investigação sobre a causa pode progredir, ali onde a ciência toca o seu limite? São os pla-

nos da Magia, da Religião e da Psicanálise.

A **Magia** regula-se pela crença ilimitada no poder material do pensamento sobre o mundo físico. Este pensamento onipotente, que atua causando os fatos da vida das pessoas, pode provir seja dos vivos, seja dos mortos (que, afinal, conforme a lógica paraconsistente do pensamento selvagem, embora mortos, permanecem vivos). Aqui, a feitiçaria e a lei moral são os desdobramentos pragmáticos do pensamento, visando identificar as práticas e definir limites para seu uso.

A **Religião** desloca a causa para uma esfera exterior ao humano – a esfera divina, onde deuses, onipotentes e oniscientes, promovem intervenções na vida das pessoas, produzindo efeitos incompreensíveis para o pensamento humano, limitado diante do pensamento divino, admitido como absoluto. Aqui, a resignação diante de uma força maior, sustentada pelos poderes da fé, apazigua o pensamento selvagem na sua avidez pelo saber sobre a causa, colocando-a nos desígnios divinos insondáveis. Para além da resignação, desdobra-se uma prescrição de boa conduta, pautada no amor aos deuses e aos semelhantes, admitidos como irmãos. A lei moral se redobra, pois há que se amar ao deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

A **Psicanálise** concentra-se na própria alma humana e seus poderes decisivos na vida do indivíduo, apostando radicalmente no determinismo da vida anímica e buscando encontrar, no Inconsciente, as causas dos pensamentos e comportamentos – doentios ou não – e suas consequências. Aqui, o desdobramento é da ordem de uma ética e de uma prática terapêutica, já que o que se visa é uma cura, pois a Psicanálise apareceu neste mundo com uma única finalidade: curar doentes – aqueles doentes para cujo mal-estar a ciência não tinha (e não tem) solução. Ali onde a Medicina tocava (e toca) um limite, exatamente aí o sofrimento pode se tornar uma questão para o sujeito que padece e encontrar um destino mais digno que o tratamento padrão e a acomodação e a conformidade propostas pelas terapias comportamentais.

Neste enfoque, podemos pensar o próprio Freud como que animado pelo pensamento selvagem quando, diante do enigma da neurose, impotente como médico para oferecer uma saída a pacientes acuados diante da vida, não se contentou com as teorias inoperantes então em voga – a genética e a degeneração – e deu um passo decisivo para este mais além, onde uma cura pode ser cogitada. Trata-se de uma cura pela via do discurso, num tratamento do Real pelo Simbólico, passando pela causa mesma do impasse que gera o sofrimento.

Entretanto, não podemos pensar Freud como animado pelo pensamento selvagem quando se trata da avidez deste pensamento pela totalidade: a Psicanálise nunca se propôs o estatuto de uma cosmovisão e não ambiciona o universal – ao contrário, procura, tão somente, discernir o mais particular do sujeito, um por um.

"É possível que sejamos todos, em maior ou menor escala, praticantes assíduos do pensamento selvagem em nosso cotidiano."

Em Matemática existe um teorema, o Teorema de Gödel, ou teorema da incompletude, segundo o qual todo campo matemático toca um limite onde um ponto indecidível resiste a toda abordagem pelo método e pelos princípios daquele campo, exigindo a inauguração de um novo campo, onde aquele exato ponto encontra a sua definição e o desdobramento de suas consequências.

Extrapolando a partir do teorema, da Matemática para a Filosofia, talvez possamos dizer que o empuxo do pensamento selvagem para a integralização de todo saber, de toda a natureza e toda a cultura, está condenado ao fracasso. Sempre haverá um ponto de indefinição em qualquer sistema de pensamento que exigirá a inauguração de um novo sistema.

Se assim é, a incompletude de todo e qualquer saber para dar conta do Real talvez não passe de um simples reflexo de uma propriedade inerente ao mesmo Real que o homem tenta, persistentemente, apreender.

1 - O desenvolvimento da agricultura, da tecelagem, da cerâmica e da domesticação de animais, em plena era pré-histórica.
2 - MAYBURY-LEWIS, David. Millennium – Tribal Wisdom and the Modern World. New York : Viking Penguin, a Division of Penguin Books USA Inc., 1992, p.181
3 - Id. Ibid., p.181

Ciência e Psicanálise: trabalhos para **tratar o Real pelo Simbólico**

Entre as formas de produção de saber disponíveis para o humano – Magia, Religião, Ciência e Psicanálise –, vários contrastes podem ser estabelecidos. Pretendo, neste artigo, traçar um paralelo entre dois deles: a Ciência e a Psicanálise. De partida, uma semelhança: Ciência e Psicanálise trabalham para tratar o Real pelo Simbólico – e com o mesmo rigor, no que diz respeito à verificação dos resultados obtidos com este tratamento. De partida, também, uma profunda dissemelhança: se a Ciência procura o Universal – a lei que rege todos os fenômenos de mesma natureza e, até mesmo, busca uma única equação segundo a qual se comportem todas as forças do Universo – a Psicanálise rigorosamente procura o mais particular e próprio de cada sujeito. Se ela extrai de sua investigação alguns denominadores – comuns a conjuntos de quadros clínicos que configuram determinadas estruturas – nem por isto generaliza sua interpretação a todos os pacientes que fazem ofício de casos, ao sabor do gosto do intérprete. A clínica é soberana em Psicanálise e revela a particularidade irredutível de cada um.

Entretanto, a maior diferença entre Ciência e Psicanálise talvez resida no objeto de uma e de outra. Ambas buscam construir um saber sobre o Real. Mas de que Real se trata em um e outro caso? Seguramente não o mesmo Real. A Ciência persegue o Real enquanto destituído de toda subjetividade. Aliás, a subjetividade para a Ciência sempre se constituiu em atrapalho, em distorção, em perda de confiabilidade. Para os estudos da Ciência só o fato objetivo interessa (imaginem a sua surpresa ao encontrar, nos confins do infinitamente pequeno da Mecânica Quântica, que o fato objetivo se altera conforme haja ou não um observador).

Mesmo o estudo do Real da Medicina toma o corpo, saudável ou doente, como organismo sem nome e sem história, nos determinantes concretos da Anatomia, da Fisiologia e da Patologia, com vistas a uma Terapêutica onde se propõe o tratamento do Real pelo Real – da doença pela medicação ou pela intervenção cirúrgica. Neste mapeamento algo sobra, algo resiste à apreensão, não por impotência do discurso médico, mas por simples obediência a uma lei inexorável descrita pelo Teorema de Gödel, ou teorema da incompletude, segundo a qual cada campo encontra sempre o seu limite – limite que inaugura um novo campo. Que a Medicina não dê conta do tratamento integral do Real que anima cada sujeito, não é uma questão de impotência: é uma questão de impossível.

O que vem a ser este Real "que anima cada sujeito" e que escapa à compreensão médica? Vem a ser o próprio sujeito reduzido ao seu corpo – palco privilegiado das manifestações de que se ocupa a Psicanálise: inibição, sintoma e angústia. É do Real do corpo que se ocupa a Psicanálise, desde suas origens, porém desde uma perspectiva singular: o corpo é aprendido como um organismo profundamente implicado por um discurso.

A descoberta freudiana por excelência é que, além da Genética, modificada pela incidência de fatores físico-químicos e microbiológicos, o organismo humano é também marcado, desde as origens e pela vida afora, pela Cultura, que sobre ele (organismo) faz sua incidência na forma de palavras, de discurso, de declarações que ressoam um repetitivo "tu és Isso". Outra não é a essência da descoberta de Freud: a linguagem permeia o biológico e configura um corpo – tecnicamente, um corpo pulsional – ali onde era puro organismo.

Se a Medicina dá conta do organismo, ela nada sabe do corpo: destes órgãos que se tornam representantes de discursos, muitas vezes incompatíveis com a vida saudável e feliz, entendida como pura aptidão para o trabalho e o amor. Aí, neste não-saber, é que veio a florescer a Psicanálise. Aí, neste não-saber, é que começa o saber da Psicanálise. Um saber que nada explica; que nada conclui que seja aplicável a todos os sujeitos; que, no máximo, extrai uma seriação da variedade dos ca-

sos revelados pela clínica, para efeitos de transmissão de saber, sempre sublinhada a advertência freudiana de que, na abordagem de cada novo paciente, todo saber prévio seja posto em suspenso. Jaques Lacan chamava este estado de suspensão do saber de "douta ignorância", já que o que se trata de produzir é um saber inédito, próprio daquele que demanda tratamento. Pois a cura analítica tem esta singularidade: a cura passa pela construção de um saber, enraizado na história pessoal, sobre a inibição, o sintoma e a angústia. Ainda citando Lacan, trata-se de fazer falar a inibição; fazer falar o sintoma; fazer falar a angústia e não de explicar as suas causas.

"O que vem a ser este Real 'que anima cada sujeito' e que escapa à compreensão médica?"

Avançando um pouco mais no paralelo proposto poderíamos dizer que, se Ciência e Psicanálise tratam do Real, o Real da Ciência é um Real que o homem pode ignorar, se assim o desejar: faz parte do mundo objetivo e não implica todo e qualquer sujeito, a não ser aquele que se decida por conhecê-lo e, na medida do possível, dominá-lo, para efeitos de satisfação intelectual ou produção de bens ou serviços.

Bem diferente é a natureza do Real de que trata a Psicanálise: um Real que habita o corpo e busca – e sempre encontra – formas de satisfação, muitas vezes enigmáticas e, às vezes, incompatíveis com uma vida saudável e feliz, definida estritamente em termos de aptidão para o amor e o trabalho.

Conclusão do Caderno Australiano

Aqui encerro uma proposta ambiciosa de, tomando o saber mágico dos aborígines australianos como ponto de partida, percorrer um trajeto pelo conceito de pensamento selvagem, como inscrito na Cultura por Lévy-Strauss, e passar por outras formas de produção de saber para chegar à Psicanálise. Seguramente deixei muito a desejar nesta trajetória: declaro-me em falta com a completude que se poderia esperar de tamanha ambição.

Para finalizar, gostaria de fazer um destaque e depositar uma pergunta.

O destaque: "Não é claro porque algumas sociedades esgotaram toda a sua aposta no pensamento selvagem, enquanto outras desenvolveram abordagens alternativas que resultaram na ciência teórica e abstrata"[1]. Talvez a explicação seja óbvia: talvez o pensamento selvagem desconheça o teorema da incompletude e, diante do indecidível, faça algum malabarismo mental para não inaugurar um novo campo de trabalho e, assim, perseverar na Magia.

A pergunta: Este mesmo raciocínio poderia ser aplicável à Medicina, na sua obstinação por abarcar a totalidade do doente, quando seu campo limita-se ao saber – que não é pouco – sobre a doença? Será esta a mesma razão que faz com que seja tão difícil reconhecer o limite da Medicina diante do paciente que padece de nada?

1 - MAYBURY-LEWIS, David. Millennium – Tribal Wisdom and the Modern World. New York : Viking Penguin, a Division of Penguin Books USA Inc., 1992, p. 180, (tradução da autora).

ESTILO GRAFFITI

O homem primitivo, desde que pretendeu externar e perpetuar suas emoções e mensagens e expor suas visões do seu ambiente, utilizou a própria natureza como elemento para expressá-las grutas, onde residia no ambiente em que convivia. Desenhos ou pinturas gravadas eram simbolizados, principalmente, imagens de animais, astros, pessoas, iniciando uma forma de linguagem e comunicação escrita, as quais com a evolução humana foram se acrescentando, melhorando, caracterizando melhor seus pensamentos, habilidades e seus objetivos, desenvolvendo novas percepções. A representação ganhou nova vida, valores, mais comunicação e linguagem até a expressão artística das emoções. Quanto mais os homens se agrupavam e se urbanizavam, mais aumentavam a qualidade de sua linguagem escrita, oral e gráfica.

No movimento Hip Hop, iniciado em 1968 por jovens negros em Nova York, encontramos a Arte de Rua ou Arte Urbana, como o *Break Funk*. DJ, Rap, Soul, *Graffitti*.

Este fenômeno atingiu, em 1970, uma nova dimensão e expressão com desenhos, pinturas, plástica em suporte, em muros, paredes, casas no ambiente urbano, ao ar livre, como uma nova expressão artística, o que se convencionou como uma "Intervenção Urbana" ou "Arte de Rua". A esta forma de expressão e comunicação, denominou-se *Graffiti*, que significa "escritas feitas de carvão".

A pichação, embora também um grafite em sentido amplo, caracterizado e expressado por uma marca ou mancha, traduz frequentemente um protesto, um código, uma identificação de grupo, gangue ou tribo. Para a população é mais uma sujeira. Chama a atenção a qualidade da escrita ou desenho com suas cores, formas e elaboração. Contudo, há um contraste vandalismo, variações e estilos. A pichação é menos aceita pela população, especialmente, quando seu uso é realizado sem maior estética ou com piche, embora ambos utilizem o mesmo material e tipo de espaço livre e urbano, em regra, sem autorização do proprietário. Hoje o grafite é uma expressão ou técnica de pintura mais aceita, especialmente quando recebe autorização ou pedido de realização e para sua localização. O proibido é sempre do seu agrado.

"ENQUANTO NÃO CONSEGUIR COMPREENDER A ESSÊNCIA HISTÓRICO-CULTURAL DOS NOVOS ATORES E PROCEDIMENTOS, NÃO HAVERÁ COMO ALCANÇAR EM TERMOS DE ANÁLISE CRÍTICA."

De forma comum, quase todos os bons e grandes grafiteiros já foram inicialmente pichado-

res. Atualmente, pelo mau uso em lugares inadequados, como em patrimônios das cidades, e para protegê-las, foi criada uma legislação explicitando limites, a localização, tipo e idade de venda dos produtos ao usuário. O grafitismo é permitido e descriminalizado, se autorizado pelo proprietário. A pichação é proibida.

No Paraná temos ótimos artistas, com suas várias características como o são Café, Bolacha, Syen, Cínico, Auma, Noodle, Senosau, Kees, Veio, Tri, Cinpls, Tatiana e outros.

"COMO SERIA MESMO E INEVITÁVEL A CONTROVÉRSIA PREVALECER SOBRE A UNANIMIDADE QUANDO SE TRATA DE QUALIFICAR O QUADRO E AS SITUAÇÕES."

Para os apreciadores do grafite paranaense, sugiro a leitura do livro de Elisabeth Seraphin Prosser, *Graffiti-Curitiba*.

As intervenções podem ser inscritas como pintura, coladas, como expressas em escritas, é uma nova mídia.

Não vamos discutir o critério de arte, mas a pichação ou especialmente o grafite são expressões de concepções de emoções com conotação ou tradução de alegrias, ansiedades, sofrimentos, para incomodar, agredir, desafiar, transformar, decorar, gritar ou por prazer, como outras artes. Também expressam insatisfações pelo estado de vida, injustiças, autorrealização, exposição pública e comunicação. Uma arte espontânea, artesanal, simples, mas plástica, artística e bonita pela forma, coloridade, motivo, estilo, complexidade, livre de títulos. Os preconceitos ou a falta de compreensão desagradam alguns transeuntes, mas agradam outros que provavelmente, também não entendem e não apreciam Miró, Di Cavalcanti, Cézanne, Modrian, Van Gogh...

Hoje, o grafite conquistou seu espaço em galerias de arte, museus, castelos, residências e escritórios. Tentar compreender é uma alternativa; limitar o exagero e educar ambos os lados, levar cultura aos que não têm acesso são outras. A "latinha" de tinta *spray* foi inventada em 1950, por isto é tão nossa esta expressão e tão jovem os seus representantes. As assinaturas das obras são apelidos, nome do grupo ou galera, nome pessoal ou estilizado em letras comuns ou espessas e compactadas. Algumas expressões são apenas traços (tags), outras são colagens ou pinturas,

Para análise e apreciação, selecionamos entre nossos mais de 1.500 exemplares fotografados, algumas belas artes nesta nova expressão artística.

Dr. Ehrenfried O. Wittig (PR).

Inútil reflexão

Dr. Ehrenfried O. Wittig (PR).

O copo está meio cheio ou meio vazio.
Estou vendo ou querendo que assim esteja.
É uma pergunta ou um fato.
O que está me orientando para o meio cheio, alternado com o meio vazio?
Mas, se está meio vazio, pode estar meio cheio.
É a realidade ou apenas a minha percepção
que está determinando o meio cheio.
Mas está meio cheio do que?
O meio vazio pode ser de ar, ilusão, realidade ou líquido?
Se, está meio cheio e mais meio vazio, ele está cheio?
O vazio é uma medida contrária a de estar cheio, se
são duas metades contendo, deve estar cheio.
O que importa se não está só meio cheio ou vazio?
Mas é interessante, mais cheio ou vazio do que?
De esperança, de raiva ou de cerveja?
Como encher a outra metade: esvaziar a
primeira ou completar a segunda?
Qual metade está mais fácil, a de completar ou de esvaziar?
Qual a quantidade para encher ou esvaziar?
Talvez seja só uma ilusão, e o copo está por inteiro vazio
mas, claro, poderia estar por inteiro cheio; a luz me
parece estar influenciando na metade de cima. Qual a
metade está cheia? Me parece ser a de baixo a vazia?
Mas como pode estar cheia a de cima e
vazia a de baixo? Onde ficou a gravidade?
Se o copo não for homogêneo, talvez mais largo
embaixo, seria essa a ilusão do mais ou menos, do cheio ou vazio?
Como é complicada essa dúvida; mas é que estou
só pensando se é verdade ou ilusão.
É interessante sanar essa dúvida, pois, não sei o custo deste
problema, seria mais barato e real a metade vazia ou a cheia.

"Uma garrafa de vinho meio vazia, também está meio cheia. Porém, uma meia mentira nunca será uma meia verdade."
(Jean Costeau)

Para completar posso fazê-lo devagar ou rapidamente.
Tudo depende se foi só completado pela
metade ou esvaziada pela metade?
Quem teria tornado cheia a metade
aparente, e criado, toda esta situação
filosófica, este emblemático acontecimento?
Qual a motivação para a falta da metade
perturbadora e proporcionar esta reflexão?
Diz a história que não sabemos o que ocasionou ou acon-
teceu com as metades, estando impossível a identificação.
O que vai acabar antes, a parte cheia ou a parte vazia?
Qual a parte mais antiga: a vazia ou a cheia?
A presença destas duas partes revela um
conflito de realidade ou de interesse?
Embora empolgante, é desgastante esta dúvida.
Alguém precisa ser responsabilizado pelas duas metades.
Qual das duas poderia ocasionar mais ou maior problema?
Seria a vazia, mas se a cheia não for a de meu interesse?
Eu diria que há duas metades cheias mas,
tenho dúvida se há uma metade vazia.
Dúvida atroz porque tem as duas opções.
Por que não haveria apenas uma opção.
Devemos omitir ou relatar a visão de cada metade.
O fato é polêmico, mas necessário.
A mistura das duas metades fará uma porção mista.
As duas metades misturadas o que será?
Ser ou não ser ou estar, eis a
dúvida, mas onde está a solução?
Você é a solução. Você decide.

TEMPO

A existência do tempo,
A ilusão que o tempo tem tempo,
O tempo na eternidade, no infinito,
O tempo na velocidade da luz
O tempo antes do Big Bang
Tempo do calendário Gregoriano
Tempo depois de Cristo
Tempo do calendário cristão
Tempo de Einstein.
Porque tudo tem seu tempo,
Mas existem outros tempos,
O meu avô era de outro tempo,
Mas há quanto tempo.
Em busca do tempo perdido,
O tempo é um momento,
Como se existisse mais de um tempo.
Quando ainda não existia o tempo,
Podemos pensar que o tempo tem futuro,
E tem passado, quando estamos no presente.
Dormir também é um tempo.
O tempo é sempre o mesmo,
O que faço, faz o tempo parecer menor,
Assim, como os maus acontecimentos,
Parecem ter um tempo maior,
Mais longo, o velho problema
De bem e do mal.
O tempo é o senhor da verdade.
Tempo da pesquisa, economia de tempo
Quanto tempo ainda tenho,
Quanto mais ainda falta.
O tempo anda, voa, corre,
Quanto podemos fazer neste tempo.
O tempo é uma medida,
Do desespero que não chega,
Passo a passo, passa o tempo.
Meu destino é o meu tempo,
A vida é tempo e a morte também,
Sem vida, sem tempo.
O tempo do sonho eterno.
Saber dividir o tempo é uma arte.
Uma viagem no tempo.
Tempo da felicidade,
Tempo para fazer o filho.
O tempo começa e termina com boas ações.
O tempo é longe, um lugar logo ali.
O tempo não espera.
A história do tempo conta
A evolução de momentos,

continua na página seguinte.

Tempo que o tempo tem.
Tempo é oportunidade, referência,
Desafio, esperança.
Hoje, já foi ontem e será amanhã.
Onde mora o tempo.
O tempo não volta, mas nada como
Um dia após outro.
Se você não tem tempo, parabéns
Mas estamos precisando dele.
O tempo é agora.
O passado e o futuro fazem parte do tempo.
Adivinhar o tempo futuro, um grande e antigo desejo.
Como o passado pode ser tempo,
O mesmo tempo do presente e do futuro.
Tempo de esperança e salvação,
Tempo que não vemos, mas sentimos.
O tempo, não tem caminho mas um destino indefinido.
Tempo de entrada e de saída,
Tempo que nunca chega e não passa,
Todo tempo é um tempo inteiro.
Meio tempo , só há meia hora e a meia entrada.
O tempo tem memória, podemos salvar o tempo.
A fotografia imobilizando, no rolo do tempo.
O tempo da verdade e mentira.
Tempo do adulto no relógio do tempo da criança.
O tempo é reto ou curvo, um espaço.
O tempo é de Deus ou o tempo é dos homens?
O tempo é uma grandeza física, um companheiro,
Inseparável do homem.
O tempo é uma sensação psicológica.
Precisamos dar tempo ao tempo, mas não
Sei quanto tempo eu preciso.
O tempo que passa na hora errada,
A percepção complicada do tempo,
Pode ser enganosa.
O tempo não se repete e não pode ser substituído.
A vida pelo tempo e o médico no meio
Uma sucessão de momentos de amor quanto tempo é.
Quantos momentos cabem no meu pensamento.
O tempo transcende o momento,
O fato, o ato, a origem,
O mofo do tempo.
As cartas e saudades em cada tempo,
Tempo de nascer e tempo de morrer,
Viver, vivi neste tempo.
33, d.C. é o tempo de uma ilusão,
É o número no exame médico.
50 anos é muito tempo de medicina
Mas o Dr. Abdon, tem 78 anos.
Ter tempo para cada um de nós
Se não morrer antes
O tempo reunindo gotinhas,
Formando as cataratas do Iguaçu.

Como salvar o tempo,
Desabrochar aos 9 meses,
Surgindo um bonito tempo e ser,
Tempo de renovação.
Fim dos tempos
Por um tempo, e tempos e a metade de um tempo.*

DR. EHRENFRIED O. WITTIG (PR).

*Referência à passagem bíblica do profeta Daniel, 7:25.

O tempo que não sabe e não pode informar, qual o tempo que é o tempo do tempo, pois é apenas o tempo que o tempo tem. Imagine se o tempo não existisse, quando poderia tomar minha cervejinha?

1852

Fundação da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba

Em 10 de abril de 1845, foi fundada a "*Fraternidade Coritibana*", primeira loja maçônica em Curitiba, sob nº 75 de registro da Ordem da Grande Oriente do Brasil.

O Padre Antonio Teixeira Camello foi o pároco da antiga Matriz, no período de 1823-1847. Aos 63 anos de idade, em 24 de abril de 1847, morreu o Reverendo Padre Antonio Teixeira Camello, e fez em seu testamento a doação, para a Santa Casa, de um bom predio, onde tinha sua residência, e que antes pertencera aos seus pais, ao lado da Matriz, na então Praça da Matriz (hoje praça Tiradentes), esquina da Rua Fechada (hoje rua José Bonifácio). Hoje existe o Edificio N. S. da Luz que ainda pertence à Santa Casa de Curitiba.

A Sociedade Maçônica "*Fraternidade Coritibana*" se extinguiu em 9 de junho de 1852 e se converteu em sociedade filantrópica a "*Irmandade da Santa Casa de Misericordia da Cidade de Curytiba*".

O "*Compromisso da Irmandade da Santa Casa da Misericordia da Cidade de Curityba*" aprovado em 9 de junho de 1852, diz em seu Art.1º *Fica convertida a sociedade "Fraternidade Curitybana" em sociedade philantropica, com a denominação de "Irmandade de Misericordia da Cidade de Curityba", a qual se empregará em actos de benificencia, mui principalmente no soccorro de indigentes, miseraveis e desvalidos. Diz o Art.2º A propriedade legada a irmandade, com os fundos da extincta sociedade, passarão a fazer parte dos fundos da nova irmandade.*

(...)

O Compromisso da Irmandade, aprovado, em S. Paulo, em 9 de junho de 1852. N.30 - Sello 1$760 - Pagou mil setecentos e sessenta reis de selo e foi publicado, em Curityba, pela Typ. de Lopes, em 1864.

O primeiro Provedor da Santa Casa de Curitiba foi o Comendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira. O segundo foi o Dr. Augusto Lobo de Moura, advogado e o terceiro, eleito em 1856, o Padre João de Abreu Sá Sottomaior e Araujo.

Autógrafo do Vigario Antonio Teixeira Camello

No Livro de Obitos da Matriz nº 6 (1838-1856), na página 58, encontramos: "Aos vinte e quatro dias do mês de Abril do anno de mil oitocentos e quarenta e sete, falesceo da vida presente o Rvdo. Vigario Collado desta cidade Antonio Teixeira Camello, na idade de sessenta e três anos, de hydropesia, com testamento, e recebeo em sua infermidade todos os Sacramentos, foi sepultado na Capella Mor desta Igreja Matris, com officio de corpo presente e encommendado pelo Rvdo. Joaquim de Sá Sotto-maior. De que para constar faço este assento. O Coadjuctor João de Abreu Sá Sotto-Maior e Araujo."

CRM-PR

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br